

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**Oficina de Tipografia do Antigo Orfanato Municipal Presidente
Sidónio Pais, em Setúbal**

Programa Museológico e Projeto Museográfico

Gina Santos

MESTRADO EM MUSEOLOGIA E MUSEOGRAFIA

2014

FACULDADE DE BELAS-ARTES



**Oficina de Tipografia do Antigo Orfanato Municipal Presidente
Sidónio Pais, em Setúbal**

Programa Museológico e Projeto Museográfico

Gina Santos

MESTRADO EM MUSEOLOGIA E MUSEOGRAFIA

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Jorge dos Reis

2014

“... Como foi bom conviver com rapazes tão puros de alma, tão pobres quanto eu, mas carregados de entusiasmo e ambição de vida.”

António dos Santos, antigo aluno do orfanato

(Santos, 2004:8).

Resumo

O Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais, situado na Casa da Baía, atual Posto de Turismo, teve para a cidade de Setúbal uma grande importância, no que se refere à componente educativa das crianças abandonadas e desprotegidas da cidade.

Mais de uma centena de rapazes passaram pelo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais, órfãos de pai e mãe, desprotegidos, desamparados foram educados por esta instituição, que fez destes meninos uns homens trabalhadores e responsáveis para a vida. A aprendizagem de um ofício era a principal vocação do orfanato e para além das oficinas de carpintaria, encadernação e outras, foi instalada também uma oficina de tipografia. Os rapazes recebiam a formação gráfica, onde começavam como aprendizes e terminavam profissionalizando-se na área de tipógrafo. Esta profissão teve na década de 50 e 60 uma grande ascensão, verificando-se na cidade Setúbal um grande número de gráficas.

A oficina de tipografia foi preponderante na decisão do tema para esta tese. Com base nos conhecimentos adquiridos no Mestrado de Museologia e Museografia, efetuou-se um projeto museográfico para uma exposição temporária sobre este tema.

Procedeu-se a uma investigação detalhada sobre o aspeto social da cidade de Setúbal e do orfanato bem como da tipografia. Realizaram-se entrevistas a antigos alunos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio de onde partiu a ideia para um projeto expositivo onde se colocará a oficina de tipografia em destaque, assim como a sua história e a sua envolvência social e urbana. Salvaguarda-se e divulga-se aos diversos públicos o património que se encontra depositado no interior do edifício da Casa da Baía, levando a uma aproximação e sensibilização com a comunidade local.

Palavras-chave

Educação, Comunidade, Património Cultural, Tipografia, Oficina, Estudos Museológicos.

Abstrat

The Municipal Orphanage President Sidónio Pais, located at Casa da Baía , currently the Tourism Office , had great importance to Setúbal regarding the educational component of abandoned and disadvantaged children in the city. Over a hundred boys went through the President Sidónio Pais Municipal Orphanage, orphans, the unprotected and the helpless were educated by this institution , which turned these boys into men, workers and responsible for life. Learning a craft was the primary purpose of the orphanage and beyond the carpentry shop , bookbinding and other shops , there was also a printer shop, where the boys received training in graphics, were they began as aprendices ending as professional printers, a growing trade in the 1950's ans 60's, Setúbal having numerous printer's shops.

The typography workshop was essential in deciding the theme for this thesis. Based on the study of Museology and Museography, I performed a museum project for a temporary exhibition on this topic.

It was crucial for this work the research an investigation of the diverse literature, retrieving information about the social aspect of Setubal and the orphanage as well as the object of study, the typography , which was confirmed through interviews of former President Sidónio Pais Municipal Orphanage. From this research one began an display project where the typography's shop will arise, as its surroundings, as a living workshop, safeguarding and disseminating the various publics with the valuable patrimony deposited inside the Casa da Baía's building, leading the local community closer and into being accountable for this.

Keywords

Education, Community, Cultural Heritage, Typography, Workshop, Museum Studies.

Agradecimentos

Agradeço a todos os meus colegas e amigos, em especial atenção a Ana Catarina Stoyanoff, Sandra Mouta, Sara Silva, ao Senhor António dos Santos e ao Senhor Fernando Filipe, Maria José Francisco, Anita Serafim, assim como também ao professor Jorge dos Reis e à minha família e amigos mais próximos que nas diversas formas prontamente me ajudaram.

Bem-haja a todos.

Índice

Índice Fotografias	9
Introdução	11
Motivação.....	13
Objeto de Estudo - Pergunta de Partida:	14
Estrutura do Trabalho	15
Metodologia	16
Modelo teórico.....	17
Quadro conceptual.....	23
Estado da Arte	26
1. Perfil Histórico e Sociológico da cidade de Setúbal	31
1.1. A Sociedade e a cidade de Setúbal.....	32
1.2. Algumas das associações de beneficência e utilidade pública.....	36
2. A Instituição - O Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais	38
2.1. Orientação Pedagógica dos internados	45
2.2. Os tempos livres dos internados.....	46
2.3. Angariação de fundos para o orfanato	47
3. A Oficina de Tipografia do antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais.....	49
3.1. As Oficinas do orfanato	50
3.2. Sala Exposição dos Quatro Ofícios após encerramento do orfanato.....	51
3.3. A Tipografia do antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais	51
4. Programa Museológico do projeto expositivo da Oficina de.....	65
Tipografia do Antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais.....	65
4.1. Parâmetros do programa / Modelo de Implementação	66
4.2. Áreas de acesso e Acessibilidade	66
4.3. Conservação Preventiva	67
4.3.3. Temperatura, humidade e Poluição.....	67
4.3.4. Plano de Segurança para as peças, visitantes e funcionários	68
4.5. Seleção, encenação e exposição dos testemunhos	71
5. Perfil Museográfico do projeto expositivo Oficina de Tipografia do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais	82

5.1. Plano de Intervenção arquitetónica e Narrativas	83
5.4. Espaço	84
5.5. Circuito	87
Conclusão	109
Bibliografia	112
Webgrafia	114
Anexos	117
Jornais – Anexo 1.....	118
Tabelas e Esquemas – Anexo 2	136
Auto de Emancipação – Anexo 3.....	146
Glossário – Anexo 4.....	149
Apêndices	157
Entrevistas – Apêndice 1	158
Painéis Expositivos – Apêndice 2	172
Máquinas e utensílios tipográficos – Apêndice 3.....	184
Exposição virtual – Apêndice 4.....	202
Folheto – Apêndice 5	213
Cartaz e flyer – Apêndice 6.....	216
Catalogo – Apêndice 7.....	218

Índice Fotografias

Fig. 1. Escola Industrial e Comercial de Setúbal, 1958	37
Fig. 2. Mapa do Centro Histórico de Setúbal, com a localização do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais, atual Casa da Baía	40
Fig. 3. Fachada da Casa da Baía.....	41
Fig. 4. Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais	42
Fig. 5. Resultado Pedagógico de quinze atividades para uma população de sessenta e nove internos, no mês de março de 1947.....	43
Fig. 6. Pintura na parede, pelos antigos alunos do orfanato	45
Fig. 7. Pintura na parede, pelos antigos alunos do orfanato	46
Fig. 8. Alunos Fundadores – 1924.....	47
Fig. 9. Mestre da banda Sr. Capitão Adelino, com os alunos da escola de música – 1928.....	48
Fig. 10. Oficina de Encadernação.....	51
Fig. 11. Sala dos Quatro Ofícios	52
Fig. 12. Prensa de Guttenberg.....	52
Fig. 13. Prensa mecânica.....	56
Fig. 14. Fundição de caracteres tipográficos.....	56
Fig. 15. Anatomia do tipo móvel de metal	57
Fig. 16. I fase: gravar punções	58
Fig. 17. II fase: fazer as matrizes	58
Fig. 18 e 19. III fase: a fundição - Os caixotins da caixa tipográfica	59
Fig. 20. Disposição dos Caixotins	59
Fig. 21. Primeira Oficina de Tipografia – 1934	62
Fig. 22. Máquina de impressão a pedal com marginação manual.....	63
Fig. 23. Mestre de Tipografia, Sequeira Andrade	64
Fig. 24. Joaquim Brandão, Presidente da Câmara Municipal de Setúbal, 1919	73
Fig. 25. Fernando Filipe, Besugo (30)	74
Fig. 26. António dos Santos, Mijão (69)	74
Fig. 27. António dos Santos	75
Fig. 28. Caderneta de Internado	76
Fig. 29. Fernando Filipe.....	79

Fig. 30. Planta do rés-do-chão Casa da Baía	90
Fig. 31. Planta do rés-do-chão Casa da Baía, com a proposta de circuito do programa expositivo	91
Fig. 32. Circuito expositivo.....	92

Introdução

A presente tese realiza-se no âmbito do Mestrado de Museologia e Museografia. O tema proposto assenta num projeto de musealização de uma oficina, onde se praticava o ofício de tipógrafo por crianças órfãs de um orfanato, criado no início do século XX, por pessoas da alta burguesia, com a finalidade de acolher um grande número de crianças desprotegidas da cidade de Setúbal.

Esta oficina, constituída por máquinas tipográficas e objetos componentes de uma tipografia, funcionou num edifício do séc. XVIII, antigo Recolhimento da Soledade (Confraria espanhola). Inaugurado cerca de 1750, atual Posto de Turismo da Região de Setúbal é um espaço também destinado à promoção cultural - Casa da Baía, situada na Avenida Luísa Todi, n.º 468, principal artéria da cidade.

O acervo da oficina do orfanato, constitui aos dias de hoje uma herança do ponto de vista histórico e cultural e que não está acessível à comunidade local.

A oficina de tipografia, objeto de estudo, pertence atualmente a uma associação fundada por antigos alunos do Orfanato Municipal e faz parte da memória coletiva da cidade, associada à sua especificidade e características de uma cidade que vivia no início do século XX, numa situação onde a pobreza contrastava com a riqueza. Embora esteja preservado, este acervo carece de um projeto museográfico coerente e sustentável para a sua salvaguarda e consequente divulgação, de forma a perpetuar a memória do que foi uma prestigiada oficina de artes gráficas e também uma verdadeira escola de cidadania.

O facto de ser Assistente Técnica no Museu de Setúbal/Convento de Jesus, em Setúbal, permitiu o contacto com a associação fundada pelos antigos alunos do Orfanato Municipal que levou à construção da presente tese.

Para a elaboração do programa museológico e do projeto museográfico procedeu-se à construção de um projeto expositivo, cujo sujeito obedece aos princípios da museologia como ciência e que pretende valorizar e divulgar os testemunhos de antigos alunos do orfanato e o modo de funcionamento da tipografia. Pretende-se estabelecer uma relação entre a instituição museal e os seus públicos, proporcionando uma maior interatividade a nível da experimentação e da mostra do funcionamento das máquinas tipográficas. Para colocar em

prática o projeto, procedeu-se ao estudo da história da cidade de Setúbal, do orfanato e da tipografia.

Recolheram-se testemunhos de antigos alunos do orfanato, com o objetivo de fundamentar e entender o desenvolvimento da instituição, focando o aspeto social e colocando em prática a relação da profissão de tipógrafo com a comunidade, dando a conhecer a particularidade das máquinas da tipografia, para a formação e desenvolvimento profissional das crianças, de modo a integrarem-se no mundo do trabalho quando adultos.

A criação do projeto museológico tem características que se coadunam com a nova conceção da museologia. O projeto é concebido através da apresentação de objetivos e estratégias de valorização e musealização do património cultural.

A investigação demonstra que nada é estático, que o mundo e as pessoas evoluem e que tudo o que acontece no presente conduz a determinadas consequências, nomeadamente no que se refere ao futuro das crianças. Assim com este projeto foi possível depurar a importância de uma das profissões mais relevantes desde a invenção da escrita de Gutenberg.

Motivação

A motivação que patenteou a concepção da presente tese e conseqüentemente projeto expositivo da Oficina de Tipografia do Antigo Orfanato Presidente Sidónio Pais, assistiu no contacto, na aproximação e capacidade de diálogo que se estabeleceu com os antigos alunos do orfanato, que demonstraram sempre receptividade à minha presença e conseqüentemente insistência na aquisição de informações relacionadas com o orfanato e oficina de tipografia.

Pela observação do espólio atribuído pelo antigo orfanato, com especial destaque da maquinaria tipográfica, que se encontra em funcionamento e em pleno estado de conservação, objetos e trabalhos efetuados pela profissão de tipógrafo, assim como também todos os conhecimentos dos conceitos adquiridos.

O edifício da Casa da Baía, onde outrora esteve sediado o orfanato e a sala destinada à implementação da exposição da Oficina de Tipografia, onde primeiramente a antiga oficina esteve visível aquando da estadia do orfanato.

Considerando este projeto uma mostra à comunidade, como a todos os interessados, da oficina de tipografia e tudo o que a fomentou desde a sua origem. Promovendo social e culturalmente uma das profissões que extrema importância teve para as crianças do orfanato e cidade que o acolheu.

Este projeto expositivo apresenta a preocupação para com a preservação, promoção e divulgação do património, particularmente do espólio do orfanato, com ênfase na oficina de tipografia e conseqüentemente o edifício, considerado como um dos edifícios mais emblemáticos da cidade e que foi considerado como Património Municipal.

Objeto de Estudo - Pergunta de Partida:

Para a realização do presente trabalho, cumpre definir a pergunta de partida – *Como se pode tornar visitável uma tipografia pertencente ao antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais?*

A partir da pergunta de partida, definiu-se o objeto de estudo que consiste num projeto expositivo que terá como objetivo principal, a demonstração da importância do acervo da Oficina de Tipografia, focando o seu aspeto social e a sua envolvência com a cidade de Setúbal. Para tornar o projeto realizável procedeu-se à recolha de testemunhos, de dois dos antigos alunos do orfanato, onde foi colocado em evidência o trabalho executado pelos tipógrafos, um dos principais ofícios no orfanato.

Seguidamente procedeu-se à investigação sobre a história da cidade, e o enquadramento histórico e social em que surgiu o orfanato no início do século XX. Foi estudada a História do orfanato, a vida dos antigos alunos, a partir de uma história de vida contada na primeira pessoa. Investigou-se sobre a história da tipografia desde a sua origem, com Gutenberg, até ao seu surgimento em Portugal.

Estudaram-se as possibilidades expositivas e a organização dentro do edifício, onde se vai realizar a exposição, bem como o estudo dos objetos que farão parte da exposição.

Efetou-se o estudo dos autores de serviram de referência à realização do trabalho relacionados com a Museologia e a Museografia.

Estrutura do Trabalho

A presente tese divide-se em cinco partes. No primeiro capítulo dá-se ênfase à história sociológica da cidade de setúbal; no segundo capítulo segue-se o enquadramento do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais na cidade e sociedade setubalense, no terceiro capítulo as oficinas, nomeadamente a tipografia; no quarto capítulo descreve-se o perfil museográfico e no quinto, e último, capítulo descreve-se a parte museológica do projeto, nomeadamente a elaboração do projeto final, em particular a exposição da oficina viva de tipografia do antigo orfanato.

Foram analisados métodos que concorrem à realização de projetos educativos com a comunidade, numa tentativa de estabelecer os princípios orientadores da Museologia, pois a aproximação cuidada e trabalhada com os diversos públicos, tende a que se tornem parte integrante do processo construtivo do museu.

Por último apresenta-se a conclusão e a avaliação do projeto.

Metodologia

Para a realização deste projeto recorreu-se à documentação bibliográfica, ao contato com o espólio pertencente ao orfanato e ao contato com dois dos antigos alunos da instituição estudada. Numa primeira abordagem escolheu-se o tema, fez-se a revisão da literatura, nomeadamente em bibliotecas, arquivos e centros de documentação.

Foi feito o registo e organização da informação recolhida: entrevistas a antigos alunos do orfanato, que partiram de questionários e nos quais se obtiveram testemunhos e informações na primeira pessoa, sobre a oficina da tipografia, do edifício e das suas ocupações; das personalidades mais importantes que passaram pelo orfanato; aspeto social do orfanato e da cidade que o acolheu (Setúbal).

A estratégia utilizada possibilitou a recolha de testemunhos relevantes quanto ao impacto do projeto a nível cultural e social. O facto de se projetar um património único na cidade Setúbal, levanta várias questões pertinentes no que concerne ao espaço onde a tipografia está localizada, sendo fundamental equacionar estratégias sustentáveis que não inviabilizem a realização do projeto. Nas entrevistas realizadas a antigos alunos da instituição, poder-se-á encontrar respostas, de modo a aplicar o projeto proposto, cuja meta será a apresentação da tipografia de uma forma condigna aos seus visitantes, promovendo e divulgando um património que é de todos.

Os testemunhos recolhidos não obedeceram à metodologia própria da entrevista, pelo que foram elaboradas várias entrevistas informais, cujos testemunhos serviram para apuramento dos dados existentes e das opiniões dos entrevistados, de modo a possibilitar o cruzamento dos dados recolhidos para organização do pensamento construtivo do processo de realização do projeto de musealização da tipografia.

O projeto foi organizado com base na investigação teórica, de modo a refletir as temáticas que convergem à formulação do projeto de musealização da Tipografia do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais. Após análise do espaço e conteúdo do mesmo (edifício e tipografia) e passando à fase de apresentação do projeto, refletiu-se acerca das políticas de valorização do património.

Modelo teórico

Esta tese foi fundamentada segundo as ideias e conceitos defendidos por autores do campo da Museologia e Museografia: Prof. Doutor Fernando António Baptista Pereira, licenciado em História e pós-graduado em Museologia; António José C. Maia Nabais, licenciado em História e em Museologia; Isabel M. Martins Moreira, licenciada em Sociologia; Maria Beatriz Rocha Trindade, licenciada em Antropologia e Etnologia e doutorada em Sociologia e Artur Anselmo, filósofo, investigador, professor e conhecedor da museologia, museografia e história do livro, nomeadamente a imprensa, mais concretamente a tipografia.

Artur Anselmo, pioneiro do estudo sobre a arte tipográfica e autor do livro *História do Livro e Origens da Tipografia em Portugal*, explica que,

apesar da falta de dados referentes ao tema tipografia, pode-se verificar que a introdução da imprensa em Portugal deveu-se aos artificios alemães, onde no séc. XV os centros de atividade tipográfica encontravam-se maioritariamente na zona costeira de Portugal (Faro, Lisboa, Leiria, Porto e Braga) (Anselmo, 1981:9-14).

Mencionou na sua dissertação de mestrado, com o tema *A Introdução da Tipografia em Portugal*, que

a atividade tipográfica possui influências culturais, religiosas e sociais que a condicionam. No que se refere à leitura dos caracteres tipográficos, às ilustrações e o papel, às oficinas, à vida dos impressores, à localização dos primeiros prelos, tipos e gravuras (Anselmo, 1981:9-14).

E que,

Portugal como um país riquíssimo em espécies bibliográficas é pobre em termos de estudos históricos sobre o movimento tipográfico e editorial, assim como também apresenta escassas pesquisas históricas acerca do período da imprensa, pois existe pouca informação registada acerca do tema. Podem-se considerar algumas questões abordadas por historiadores: como examinação de fontes indiretas acerca de livros desaparecidos, estudos de atividade de impressores, análises das várias hipóteses sobre a localização dos primeiros prelos, problemática dos textos na sua época de publicação, técnicas da imprensa

desde a fundição dos caracteres tipográficos e gravação de ilustrações. (Anselmo, 1981:403-405).

Refere também que não é possível marcar uma data de introdução da tipografia em Portugal *e algumas provas documentais referem que foi na época de D. Manuel (Anselmo, 1981:403-405).*

A atitude que existe em conservar, preservar e divulgar o espólio possui uma função didática e lúdica, pois o visitante necessita de satisfazer a sua curiosidade e é necessário que se aprenda a viver com o antigo, com a atualidade e com as novas tecnologias, mostrando-se assim o passado com um olhar no futuro. Assim mostra Hugues de Varine (cit. em Trindade, 1993)

que classificou e caracterizou o museu pela participação da população, pelo território do município como área de influência museal, pelo património cultural distribuído por todo o território, como memória coletiva de um povo, conservado e valorizado in situ e pela investigação interdisciplinar (Trindade, 1993:67).

Isto é, existe um desejo crescente de revitalização do museu como centro cultural, onde os jovens e não só, sentem-se atraídos pelas coleções existentes devido igualmente à existência dos serviços educativos, que com as suas atividades vão estabelecendo uma ligação entre o museu e o próprio visitante, assim como o espaço expositivo não se limita somente ao espaço onde se encontra, mas também à comunidade que o acolhe, como refere Moreira:

O alargamento do conceito de património museológico, na renovação e criação de novos museus, não se limita ao espaço do edifício que recebe os objetos, mas estende-se ao território da sua influência e ou aos bens conservados in situ (Moreira, 1989:66).

Nesse sentido o fato de se mostrar a tipografia como uma oficina viva, com a demonstração e manuseamento da maquinaria tipográfica e conseqüentemente os trabalhos realizados pelas mesmas, mostra a forma de educar para a cidadania e para a identidade cultural. Dentro do espaço museológico a formação intelectual deve de ser absorvida de uma forma aberta e livre de preconceitos e de juízos de valor e tende a estar disponível para

ser ouvida independentemente das opções ideológicas, políticas ou religiosas, nesse sentido o museu ou local expositivo é um espaço da comunidade e para a comunidade, dos cidadãos que nele se revêm através da visualização e da participação em atividades.

Considera-se que o património cultural é o referencial básico para o desenvolvimento das ações museológicas, cujos processos museais ao longo dos anos, contribuíram para a ampliação e aplicação do património cultural, o qual é compreendido como uma relação do homem com o meio, ou seja, está relacionado com a parte material, imaterial, natural e cultural, no tempo e no espaço. As ações museológicas e os bens culturais a serem musealizados não são processados somente a partir de objetos de coleções, mas sim têm a ver com o património, numa dinâmica da vida, tornando-se assim necessária uma ampla revisão dos métodos a serem aplicados nas ações de pesquisa, preservação e comunicação nos diferentes contextos. Segundo George Henri Rivière (cit. em Trindade, 1993),

um museu é uma organização que responde de formas variáveis em função da vocação do museu, do estudo, da documentação, da conservação, da exposição, da educação e cultura, da natureza, da disciplina, da arte e ciência do homem, da arquitetura do edifício e espaço envolvente (Trindade, 1993:69).

Nesse sentido a musealização do espaço destinado à oficina de tipografia foi compreendida como um processo de caracterização, de aplicação de ações de pesquisa, preservação, salvaguarda, valorização, comunicação e interação em termos culturais, mostrando assim um novo uso do aspeto social e didático de todos os objetos expostos, estes questionados no sentido de produzirem conhecimento e assumindo desta forma um compromisso de contribuição para a construção de uma sociedade ética, equitativa e solidária.

O estudo e a valorização do património, fizeram com que começasse a haver uma aproximação entre o povo local e o museu, e para que a Museologia e a Museografia fossem aplicadas neste projeto, foi fundamental interpretar o património cultural e incluir o papel da cidadania para a inclusão social, e para que isso fosse possível, foi necessário colocar em ação o papel do serviço educativo, que será demonstrado com mais pormenor no ponto cinco. Portanto o trabalho dos museus com a comunidade e com os grupos com os quais realizam projetos, é o resultado das conceções do Museu e da Museologia e Museografia que se adotam.

É de extrema relevância o processo de musealização, e para que se divulgue a ideia de socialização do património musealizado, propende-se a despertar os indivíduos da comunidade onde o museu se encontra inserido, num sentimento coletivo de valorização e com o espírito de solidariedade social em prol da preservação dos bens culturais e patrimoniais (Trindade, 1993:73).

Logo a mudança e a renovação dos museus tornaram-se uma prioridade, onde a comunicação visual tornou-se também importante para a sociedade contemporânea, onde as práticas museológicas foram criadas para uma nova imagem de museu, tornando-o numa instituição da comunidade para a comunidade (Trindade, 1993:73).

Para se musealizar o espaço expositivo onde se irá realizar a exposição sobre a tipografia, este teve de ser concebido conforme os padrões de um museu, de modo a entender-se a sua importância a partir de um olhar patrimonial. Mostra-se esta herança à sociedade, dando-lhe uma visão de como foi o passado, num presente com vista para o futuro, dando assim um sentido de educação e socialização aos visitantes. Assim afirma Françoise Choay,

que é possível definir a partir de uma ligação com as estruturas familiares, económicas e jurídicas uma sociedade estável, enraizada no tempo e no espaço e é dentro da requalificação que se insere o adjetivo de património cultural, termo emergente, o qual está relacionado [...] legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações (Choay, 2001:11).

Deste modo, segundo Viana, e com vista à requalificação do espaço, onde se encontra inserida a tipografia e com o objetivo de poder transmitir o legado deixado pelo antigo orfanato às gerações futuras e com vista a instruir e a educar,

agradar não é o objetivo de museu, mas sim em esforçar-se por instruir e educar as sucessivas gerações, de modo a viverem ambientes passados ou para fugirem à vida atual, procurando o conforto, para estudarem, por distração, por curiosidade (...) (Viana, 1974:79).

Partindo então do pressuposto de que se deve adaptar a história passada ao presente, transmitindo assim às presentes e futuras gerações, uma narrativa que relata os acontecimentos mais relevantes para a contextualização dos objetos selecionados e que segundo Bourdier (cit. em Munõz, 1992):

a vida é uma produção de uma história que é tratada como uma narrativa coerente através de uma sequência de acontecimentos orientados numa ilusão retórica e numa representação (...) (Muñoz, 1992:7).

A narrativa é desvendada consoante a informação contextual recolhida e após a investigação a história é aprofundada, transmitida e encenada no projeto expositivo, o que mostra que o contexto da narrativa é influenciado pelo espaço, pela situação e pelo tempo.

Para se compreender melhor a história que se vai contar, através do objeto de estudo, surge a necessidade do objeto ser um veículo que transporta a mensagem, de modo a que este traduza a mensagem que foi gerada a partir do encontro entre o objeto e o observador.

Os objetos que se escolheram e a história que se vai contar, assim como o discurso que se vai utilizar, foram selecionados, evitando a exposição de objetos redundantes, maximizando assim os significados dos mesmos. A conceção da história assentou na recolha oral de memórias de dois antigos alunos do orfanato, tal como refere P. Thompson (cit. em Muñoz, 1992):

a história oral é uma história construída em torno das pessoas. Insufla de vida a História e alarga os seus horizontes. Reconhece não apenas como heróis os líderes mas também a maioria das pessoas (Muñoz, 1992:7).

O plano de conceção usado para o projeto expositivo da Oficina de Tipografia não se limita ao espaço do edifício que recebe os objetos, estende-se também ao espaço territorial da sua influência e/ou aos bens conservados *in situ* (Trindade, 1993:66). O mais importante não é a arquitetura, pois o museu e ou exposição podem sempre se adaptar, mas sim o percurso museográfico, como é o caso da maquinaria tipográfica.

A programação museológica apresenta objetos, cujo conceito partiu de um projeto e que irá estabelecer uma relação com os diversos públicos¹.

Surgiram algumas deficiências na concretização da musealização da tipografia, no espaço onde se encontra atualmente, devido ao mesmo ser diminuto e possuir diverso material disperso do tema concreto. Nesse sentido teve-se de elaborar o projeto expositivo fora do seu habitat atual, porém *in situ*, pois estará patente numa sala dentro do mesmo edifício,

¹ Emissor, mensagem e recetor.

destinada ao efeito. Ultrapassadas as dificuldades, burocracias e procedimentos necessários, um trabalho em equipa será fundamental aquando da apresentação, avale, concretização e implementação deste projeto museal. Para além de destacar o papel do museólogo, será eminente a presença e colaboração dos arquitetos, *designers*, técnicos, assistentes e auxiliares.

Quadro conceptual

A conceção do projeto expositivo da Oficina de Tipografia basear-se-á em conceitos usados para a conceção de museus *in situ* e *ecomuseus*, assim como na observação de diversas exposições cujos curadores foram o Prof. Mariano Piçarro e o Prof. Doutor Fernando António Baptista Pereira, onde se verificou os cuidados e técnicas utilizadas na conceção expositiva e que originaram o conhecimento dos conteúdos a serem aplicados na exposição dos objetos, ideias, materiais, imagens, espaços e das condições exigidas pela conservação e preservação dos conteúdos.

Apesar deste projeto museográfico, por bom senso, não ser propriamente um *ecomuseu* ou um museu *in situ*, enquadra-se perfeitamente nos conceitos básicos dos mesmos, pois as peças museológicas não saem do seu espaço original.

Este modelo museal de exposição encontra-se inserido no seu espaço histórico e ambiental, portanto a comunicação dos objetos museológicos selecionados e expostos é mais forte e rica. As máquinas tipográficas não se encontram isoladas nem estáticas, pois são mantidas em funcionamento por antigos alunos do orfanato. Não se encontram fora do contexto que lhes deu origem e função e apresentam vários aspetos do território e ou região, por terem características etnológicas, artísticas, científicas, técnicas, económicas, sociais e culturais (Trindade, 1993:262).

Um *ecomuseu* é um museu que se baseia em torno do que é natural e ecológico, mas também o que é social, designado de ecologia humana. O termo *ecomuseu* foi feito por Poujade durante a 9ª Conferência Geral do ICOM, Conselho Internacional de Museus, cujo criador da palavra foi Hugues de Varine ou Georges Henri Rivière. Jean Clair descreve,

*o ecomuseu como uma necessidade de ação da proteção dos vários conjuntos ambientais e menciona que o que o ecomuseu mais solicita, para além da participação do público, é a cooperação dos habitantes para com o museu.*²

Aspeto que foi mencionado anteriormente, pois um museu tem de viver para a comunidade e com a comunidade.

² In Ecomuseu Municipal do Seixal (2010) "Apresentação" http://www2.cm-seixal.pt/ecomuseu/apresentacao/apres_home.html. [06 de dezembro de 2013].

As diferenças entre o museu tradicional e o *ecomuseu* podem ser baseadas nas definições da *Nova Museologia*, onde a preocupação com o público e com a forma como o espaço se dirige ao público começa a ser uma preocupação que não se foca apenas na quantidade de público, mas sim também na qualidade e na interação que possa haver entre o indivíduo e o objeto.

Segundo Varine, as características deste novo conceito de museu dá mais importância ao espaço ou local onde este está inserido do que propriamente o edifício. Em vez de ser dada a importância que se dava até outrora ao património e às coleções, neste caso começa-se a dar importância a uma dada comunidade em oposição ao enfoque dado aos visitantes nos museus tradicionais. Em 1974 Varine sintetizou esta diferença entre o museu tradicional e o *ecomuseu*, sendo a importância dada à coleção, ao público e ao edifício e passou a ser dado também ao património, à comunidade e ao território. Em 1979, Georges Henri Rivière fundamenta que,

o museu não é uma organização que responde a um modelo definido, realizável num número indefinido de exemplares. É uma instituição com formas variáveis, com preocupação no estudo da documentação, conservação, exposição, educação e cultura, sendo consideradas também a arquitetura do museu e sendo o mesmo exposto num edifício novo, ou adaptado, de valor histórico ou não ou até mesmo ao ar livre (Trindade, 1993:69).

Rivière criou um projeto de *ecomuseu* ligado ao Parque Natural da Serra da Estrela, mas não chegou a implementá-lo. Entretanto em 1982 acabou por surgir em Portugal o *Ecomuseu Municipal do Seixal*, que tem como missão investigar, conservar, documentar, interpretar, valorizar e difundir testemunhos do homem e do meio, reportados ao território e à população do concelho, com vista a contribuir para a construção, transmissão das memórias sociais e para um desenvolvimento local sustentável.³ A programação museológica deste museu tem como bases os conceitos da *Nova Museologia*, e como *Ecomuseu* as suas atividades baseiam-se com o território concelhio, com a conservação do património e sempre que possível in situ e na interação com as formas de participação da população e das comunidades para com a vida municipal.⁴ Segundo Hugues de Varine, é fundamental a parti-

³ Ibidem.

⁴ In IMC: Instituto dos Museus e da conservação (2013) "Ecomuseu Municipal do Seixal" http://www.imc-ip.pt/pt-PT/rpm/museus_rpm/rpm_Lisboa_v_tejo/ContentDetail.aspx?id=1214 [06 de dezembro de 2013].

cipação da população, onde a memória de um povo⁵, tem de ser conservada e valorizada *in situ* através de uma investigação pluridisciplinar” (Trindade, 1993:67).

A expressão e por conseguinte a proteção *in situ* significa lugar e é usada para assentar a preservação do património cultural seja ele, arqueológico (artefactos deixados no local), subaquático (na sua localização original)⁶, que seja empregue na Biologia, (um determinado fenómeno que acontece no local exato), na Química, entre outras.

Como foi referido anteriormente este projeto expositivo foi baseado em conceitos intrínsecos do *ecomuseu* e *museu in situ*, pois os “objetos necessitam de ser integrados e exibidos, de modo a serem evidenciados na sua funcionalidade e evolução, compreendidos os seus contextos históricos, sociais, culturais e económicos, da sua produção e utilização” (Trindade, 1993:82).

Esta exposição enaltece a vida social e a coleção exposta, neste caso o material tipográfico, que é apresentado por “peças de equipamento especialmente concebidas para que o visitante possa efetuar experiências de observação, permitindo a apreensão de conceitos, ideias e princípios científicos e técnicos” (Trindade, 1993:83). Ao edifício, Casa da Baía, onde outrora foi o orfanato e onde os espécimes não saíram do edifício ao qual pertencem.⁷

Passou-se a dar importância ao património, à comunidade e ao território e neste projeto teve-se a preocupação de musealizar uma oficina viva de tipografia, isto é, um dos antigos alunos exemplificará o trabalho de tipógrafo, onde trabalhará diretamente com as máquinas tipográficas.

⁵ “o museu é um circuito de memória pleno de informações geradas por objetos (...) gerados através de compras, depósitos (...)”. In Trindade, Maria Beatriz Rocha (1993), *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta. Pp. 81.

⁶ In UNESCO: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (s.d.) “Património Cultural Subaquático. Proteção *in situ*” <http://www.unesco.org/new/pt/culture/themes/underwater-cultural-heritage/protection/in-situ-protection/> [06 de dezembro de 2013].

⁷ Nesta sala destinada a exposições temporárias, aquando do Convento foi uma capela e quando foi orfanato, a oficina de tipografia.

Estado da Arte

A cidade de Setúbal sempre foi rica em histórias de vida, especialmente em factos relacionados com o trabalho. A pesca tem sido continuamente, até aos dias de hoje, evidenciada com um dos setores mais marcantes para a cidade, conjuntura que impulsionou o surgimento de fábricas relacionadas com a indústria conserveira.

Alguns dos museus da cidade começaram a representar estes fatores trabalhistas através de exposições de espólios, na sua maioria doados à instituição.

O Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal - MAEDS, foi um desses museus, criado formalmente em Dezembro de 1974 e em 1976 abriu as suas portas ao público. Entre 1976 e 1990 o MAEDS realizou cerca de cinquenta exposições temporárias, que abordaram aspetos de carácter etno-sociológico, artes plásticas, arqueologia, sobre património construído e património natural. É um museu que apresenta uma produção própria de divulgação cultural e da investigação arqueológica, com coleções pré-históricas (Paleolítico inferior e médio, Epipaleolítico, Mesolítico, Neolítico, Calcolítico, Idades do Bronze e do Ferro); romanas e pós-romanas assim como uma coleção etnográfica compreendida da região de Setúbal e litoral alentejano.

Possui para além dos demais objetos já mencionados, vários espécimes etnográficos, que se encontram expostos e que mostram as várias atividades artesanais, revelando assim a vida e a cultura do povo. Interessa-se também pelas atividades tradicionais, relacionadas com o sal, a pesca, recolção (caça), salicultura, criação de gado, agricultura, construção naval, histórias do lar (fiação e tecelagem), arte popular e artesanato rural e urbano, história dos meios de comunicação, história dos costumes (trajes, mobiliário, jogos, danças, instrumentos musicais) e crenças populares.

Este museu possui uma particularidade, pois tende a crescer e a variar constantemente as suas exposições, nomeadamente no que se refere à parte etnográfica. Um museu se quiser corresponder às necessidades do público, deverá enriquecer continuamente, procurando colocar e evidenciar o valor dos variados objetos que o constituem e compõem. Um

museu compreendido e organizado exercerá de certa forma uma ação sobre a consciência rural e valerá como foco de atração. F. S. Walis (cit. em Viana, 1972) acentua que,

os museus de folclore devem consagrar-se à vida, ao trabalho e à cultura de conjunto de um povo e não apenas a uma certa classe de população chamada “popular”. Devem de representar a cultura no seu aspeto vivo e não se preocupar apenas com o passado (Viana, 1972:240).

Outro museu que mostra o aspeto rural e trabalhista é o Museu do Trabalho – Michel Giacometti, instalado numa antiga fábrica de indústria conserveira (Perienes)⁸. Após a sua abertura em 1995⁹, em parceria com o Centro de Estudos de Etnologia da Universidade Nova de Lisboa, elaborou um estudo que durou oito anos (1987-1995) e que deu lugar a um projeto de investigação sobre memórias profissionais, de onde apurou a existência de uma problemática relativamente à divisão sexual do trabalho nas fábricas conserveiras em Setúbal, onde realmente puderam constatar que o género predominante era o género feminino.

Os testemunhos orais, a observação de campo dentro e fora dos espaços fabris, nos bairros e pátios operários, assim como também em diversos artigos sobre a história local e sobre a temática estudada, ofereceram a motivação de caráter museológico e patrimonial necessária para que o museu em conjunto com o Sindicato das Conservas e de uma antiga fábrica de conservas (SAUPIQUET) constituiu uma exposição com o diverso espólio recolhido (parte de uma cadeia operária, tanques de mouras e bancas de azeitar, assim como outras máquinas e materiais recolhidos de várias fábricas já desativas e que se encontravam espalhadas pela cidade).

As memórias e a história local das várias gerações de operários, ajudou a valorizar as práticas das muitas profissões que se praticavam na cidade e que apontam para um dos muitos recursos educativos junto das crianças e jovens, assim como também dos adultos, dando assim a conhecer o mundo do trabalho, neste caso o operário e fabril da sociedade setubalense.

O Museu do Trabalho iniciou a sua função de museu ainda no interior do Convento de Jesus, com a exposição *O Trabalho faz o Homem*, com o espólio de Michel Giacometti,

⁸ Foi comprada pela Câmara Municipal de Setúbal no ano de 1990. In Duarte, Ana (1996), *Atas do V Encontro Nacional de Museologia e Autarquias*. Cadernos de Socio museologia n.º8. Lisboa. Pp. 96.

⁹ In Duarte, Ana (1995), *Projeto Pedagógico do Serviço Educativo do Museu Municipal do Trabalho Michel Giacometti*. Setúbal.

nome a que se deu ao atual Museu do Trabalho e onde se encontra exposto uma parte desse espólio.

Para além da exposição supracitada, possuí uma coleção de alfaias agrícolas e toda a emblemática numa outra exposição onde recria as várias fases da vida no campo. Este museu trabalha com a população e para a

população trabalhadora, (alguns) sem muita instrução (...) barbeiros, enfermeiros, taberneiros, comerciantes, litógrafos, domésticas, operários da indústria conserveira, pescadores, carpinteiros, oleiros, tecedeiras, trabalhadores da arte dos metais e até técnicos de computadores (...) profissões estas a partir das quais encenaram várias exposições para escolas, fazendo assim a ligação da comunidade trabalhadora à comunidade escolar (...). Conclui-se que o serviço educativo é a imagem do museu e através das pessoas comunica-se e estabelece-se a ponte entre o sujeito e o objeto assim como o presente e o passado, entre o real e o que se encontra na memória (Duarte, 1996:96-97).

Anterior a este museu, um outro se distinguiu na cidade de Setúbal, como consta na Fig. 19 do Anexo 1, o jornal O Gráfico de 1 de maio de 1945, A Voz do Operário, onde uma distinguida Gráfica, refere uma exposição organizada por Fernando Rau e que acolheu espécimes ligados à indústria, agricultura e comércio. Este museu teve como principal objetivo “a reunião de estudos relacionados com a higiene do trabalho, história e técnicas das profissões, a vida do homem (...), relacionando os seus problemas da vida laboriosa, sofrimentos, alegrias, lutas e a sua dignidade (...) reflexo social.”¹⁰



Também neste jornal conforme a Fig. 20 do Anexo 2, encontra-se citado, o 1º Salão de Artistas Gráficos realizado em Portugal, mais concretamente em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas Artes, que teve patente a exposição de Arte, onde se revelaram algumas

¹⁰ In o jornal O Gráfico (1945), Propriedade da Federação Nacional dos Sindicatos, dos tipógrafos, litógrafos e ofícios correlativos, do dia 01 de maio.

das obras de artistas, desenhadores litógrafos, retocadores, gravadores, encadernadores e trico mistas, todos ligados às Artes Gráficas.

Sendo Setúbal uma cidade de trabalhadores da área das pescas, agricultura, comércio e outras, o tema da Oficina de Tipografia muito tem a ver com o supracitado, fazendo sentido a criação de um projeto de uma oficina viva, de modo a mostrar o mundo trabalhista tipográfico, importante para a cidade, a nível social e económico.

Como consta no Anexo 1, a comunicação social mostra em três grandes jornais da época: o jornal *O Distrito de Setúbal*; o jornal *O Setubalense* e o jornal *A Mocidade*, o tema do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais, mencionando a abertura do mesmo e suas consequências, não referindo no entanto o trabalho da oficina de tipografia.¹¹

O Jornal *O Distrito de Setúbal* do dia 10 de maio de 1963 recorda fatos ligados à cidade que acolheu o antigo orfanato, casa que acolheu rapazes que haviam sido educados, manifestando um breve resumo da passagem do orfanato e sua importância para a cidade, internados e todas as pessoas envolvidas internamente e externamente¹².



O Jornal *O Setubalense* do dia 10 de maio de 1919, menciona a abertura da instituição para acolhimento dos órfãos resultantes da epidemia da gripe pneumónica, assim como os preparativos para a inauguração e a 18 de maio de 1919 refere a banda do orfanato, por Gil D'Arganil, assim como aquando da inauguração da instituição, cuja: o ministro da justiça e ministros do comércio, assim como os quarenta e um internados; a 18 de maio de 1919 refere a inauguração do orfanato, cuja abertura foi engrandecida pela banda da infantaria do 11 e uma outra notícia sobre a banda do orfanato; a 19 de maio de 1919 relata algumas palavras sobre o orfanato e sobre a sessão solene de abertura; a 24 e 26 de maio de 1919 a realização de exéquias por alma do Presidente Sidónio Pais; a 24 de agosto de 1927 informa sobre as festas que o orfanato realizava na artéria principal da cidade, Avenida Luísa

¹¹ Pode-se observar em anexo os vários artigos, correspondentes às descrições mencionadas em epígrafe.

¹² Exemplo em depoimentos registados através de entrevistas, realizadas a dois antigos alunos do orfanato, ponto 4, ponto 4.5.2.

Todi; a 31 de agosto de 1927 relembra a inauguração da instituição para beneficência dos pobres órfãos que sofreram com a epidemia; a 30 de dezembro de 1919 menciona a comissão que foi ofertada pelos admiradores do Presidente Sidónio Pais, aquando do primeiro aniversário de sua morte¹³; a 18 de maio de 1953 recordou o presidente Sidónio Pais (18.05.1919-18.05.1953), trinta e quatro anos da sua existência, assim como também a abertura e inauguração do orfanato.



O Jornal *A Mocidade*, no dia 1 de janeiro de 1919, fez um apontamento sobre quem foi o presidente Sidónio Pais, pessoa simpática, valente, altiva e guerreira, e exéquias celebradas pela alma do presidente referido e um poema em homenagem aos rapazes do orfanato.



Para além do exposto na bibliografia não foram encontrados outros registos alusivos aos alunos do orfanato e aos vários ofícios que aí ensinavam, nomeadamente o ofício de tipógrafo. Pôde-se reconhecer mais informação em catálogos e folhetos alusivos ao orfanato, elaborados pelas mãos dos próprios antigos alunos do orfanato, tipógrafos e encadernadores; alguns apontamentos em jornais da época, alusivos à abertura do orfanato; em bibliografia relacionada com a cidade e sínteses em jornais da região alusivos ao mercado do trabalho.

¹³ “Foi-nos entregue pelos ex.mos srs. Armando Maia e Jeronymo Alves Ferreira uma carta e a quantia de 30\$65, oferta d’uma comissão de admiradores do doutor Sidónio Paes com que para solenizarem o 1º aniversário da sua morte se lembraram presentear esta instituição de caridade. Recebemos mais 10\$00 dos Carregadores de Peixe, 3\$13 dos cobradores de proas e caixotes dos cercos de Setúbal e um cartão de boas festas acompanhado d’um caixote com 50 latas de conserva de sardinhas do ex.mo se. Alberto Roillé, Limitada. A todos indistintamente a direção reconhecida agradece”. In o jornal *O Setubalense* do dia 30 dezembro de 1919.

1. Perfil Histórico e Sociológico da cidade de Setúbal

1.1. A Sociedade e a cidade de Setúbal

Nas primeiras décadas do século XX,

havia uma maior envolvência social, a solidariedade entre as pessoas era maior e as relações entre a vizinhança era mais intensa. A relação estabelecida entre as pessoas era referenciada entre a zona habitacional e a integração dos habitantes no convívio entre si, como os cafés e os largos e sendo uma cidade predominante de pescadores, operários comerciantes e empregados do comércio, a relação entre os vizinhos permitia o encontro, troca de impressões, resumindo havia mais interação e comunicação entre as pessoas (Santos, 1989:10).

Explicar-se-á o aspeto social e a orgânica física da cidade de Setúbal, mais concretamente a Avenida Luísa Todi, local onde se situa o edifício que outrora albergou o orfanato, projetada nos finais do século XIX, artéria principal da cidade de Setúbal, um dos locais premiados pela implementação da iluminação pública. A expansão urbanística desta zona verificou-se principalmente a partir da década de sessenta, pelo facto da zona plana e sem declives permitir uma favorável acessibilidade, mas a construção era maioritariamente constituída por assoalhadas de pequenas dimensões e a falta de saneamento reduziu drasticamente a qualidade de vida da população. Sendo uma zona baixa e próxima do rio, havia uma maior probabilidade de inundações. As habitações eram predominantemente térreas ou no máximo com um ou dois pisos, possuidoras de águas furtadas e as ruas eram estreitas e longas; verdadeiros canais. Podia-se observar a existência de largos e praças e os quarteirões eram estreitos e longos. As lojas eram pequenas e vocacionadas para o bairro, como mercearias e drogarias. Em 1910, a salubridade da cidade era quase nula e em cada casa viviam duas ou mais famílias, pois a habitação era cara, assim como também a alimentação, que pouco variava entre o pão, caldo, batata, massa, peixe e o toucinho. Não havia abastecimento de água, existindo somente três poços que abasteciam a cidade e a rede de esgotos era diminuta. “A Câmara Municipal contraiu junto da Caixa Geral de Depósitos um empréstimo de 5.000 contos para a conclusão das obras de saneamento e construção de ramais domiciliários e reposição de pavimentos danificados pela obra de saneamento” (Santos, 2009:40).

Aparecem, posteriormente, as indústrias conserveiras de peixe, que devido à localização geográfica da cidade, são instaladas na zona ribeirinha, próximas da matéria-prima e da mão-de-obra disponível. Esta industrialização veio favorecer o surgimento de novas clas-

ses sociais: o industrial, o soldador e o(a) operário(a) conserveiro(a). Nas primeiras três décadas do século XX, houve um grande aumento da população devido à industrialização, o que marcou uma rápida transformação na vida da cidade, provocando também alguma escassez da habitação, pois vieram muitos imigrantes, sobretudo da zona sul do país, mais especificamente do Algarve. Os industriais construíram moradias decoradas com azulejos característicos da época¹⁴, ficando estas junto dos raros palacetes do século XVIII, construídos pelos burgueses, tal como o Palácio Feu Guião, sito no Largo da Fonte Nova e no Palácio Botelho Moniz, sito no Outeiro da Saúde, edifício de oitocentos.

De 1887 a 1901 a maioria dos trabalhadores eram jovens, aumentando gradualmente até 1911, sendo que as pessoas mais velhas decresciam. A maioria era do sexo masculino, mas a partir de 1900, houve um aumento da mortalidade masculina. Os trabalhadores estrangeiros eram sobretudo espanhóis e franceses e a grande maioria vinha das freguesias rurais. Entre 1900 e 1911, as atividades predominantes eram a indústria, a pesca, os transportes e o comércio, ligadas todas elas às conservas. As mulheres, tal como os jovens, eram os menos qualificados para a indústria, cujo seu trabalho consistia em cortar, engrelhar e enlatar o peixe, enquanto o homem ficava com os trabalhos mais pesados (Gomes, 1996:83).

Em 1820, Setúbal aderiu aos movimentos constitucionistas e envolve-se em lutas político-militares entre absolutistas e liberais, modificando assim as suas opções. O que modifica e individualiza a cidade oitocentista foi a vinda da indústria conserveira de peixe, a partir do segundo quartel do século XIX. “Em 1897 já havia vinte e seis fábricas, em 1906-35; 1912-42; 1915-46; 1916-55; 1917-85 e nos anos vinte chegou a haver cerca de cento e trinta fábricas, empregando mais de dez mil operários. A população quase triplicou entre o ano de 1890 e 1930, 1890-16986; 1900-21722; 1911-27962; 1920-37002 e 1930-46342. Segundo registos na revista Setúbal na História, aglomerara-se maioritariamente na Avenida Luísa Todi.”¹⁵

¹⁴ A semi-industrialização ajudou a produção de padrões de azulejos, que revestiam os prédios da burguesia da época. Uma grande variedade de padrões, ricos em policromia ou em azul e branco, com marmoreados ou motivos geométricos, com labores ou estilizações, com temática vegetalista e floral, com barras e cercaduras a envolver e combinadas com frisos, e ainda com relevados. Em meados do século XIX chegou a técnica industrializada, o que facilitou a produção de azulejos. *In* Câmara Municipal de Setúbal (s.d.), Avenida Luísa Todi. Setúbal: Textype.

¹⁵ *In* Edições LASA (1990), Setúbal na História. Setúbal. Pág.60; Quintas, Maria da Conceição (1998), *Setúbal – Economia, Sociedade e Cultura Operária 1880-1930*. Lisboa: Livros Horizonte. Pp. 91 e 95.

Com a epidemia pneumónica de 1916-20 deu-se um défice demográfico, assim como também os reflexos sociais entre 1920-30, que mostraram-se mais acesos durante a Primeira Grande Guerra Mundial, mas em contrapartida houve um aumento do mercado externo, com o aumento de capital, refletiu-se o investimento urbanístico, principalmente no setor das pescas (Gomes, 1996:92).

A partir de 1930 começou a haver uma reorganização económica na área das pescas, de onde “(...) a grande maioria das famílias desta cidade que da beira-mar tiravam o sustento” (Santos, 2009:43), assim com também a indústria fabril possuía um papel muito importante na economia desde o início do século XX até ao Estado Novo, com um grande nível de exportação.¹⁶ Com o desenvolvimento da indústria conserveira, desde 1911, “com o uso da liberdade e com a Implantação da República, as operárias uniram-se numa luta contra a exploração patronal, pelo aumento de salários e melhores condições de trabalho. Em 1911 houve algumas greves e confrontos entre a classe operária, GNR e a PIDE. Em 1926, com a implantação da ditadura fascista, a exploração no trabalho acentuou-se, imperando o trabalho noturno e diurno de dezasseis e dezassete horas.”¹⁷

O período entre 1930 e 1960, foi caracterizado pela estagnação industrial e demográfica da cidade, onde a indústria conserveira a partir de 1958 começou a dar os primeiros sintomas de declínio, criando alguma instabilidade, que favoreceu o desemprego.

Nas primeiras décadas do século XX, algumas publicações descrevem Setúbal como sendo uma das cidades onde o “entusiasmo do proletariado extremamente politizado e influenciado pelas correntes republicanas socialistas e anarco-sindicalistas mostra mais afinco e que ficaram expressas na realização do congresso do Partido Republicano, no período do 5 outubro, onde muitas associações sindicais e a imprensa periódica exprimiram diferentes opiniões do aspeto social e político da cidade.”¹⁸ Pode-se então considerar que o clima social foi marcado por conflitos a nível das relações com o trabalho, donde muitas das ideias revolucionárias anarco-sindicalistas e organizações associativas sindicais e partidárias foram colocadas na propaganda, na imprensa o que auxiliou a revolução industrial e consequentemente a revolução social.¹⁹

¹⁶ In Câmara Municipal de Setúbal (2000), *Alguns Aspetos da Indústria Conserveira em Setúbal*. Elevação de Setúbal a Cidade. Setúbal. Pp. 37.

¹⁷ In Câmara Municipal de Setúbal (2009), *Comemorações Março Mulher 2009. A Mulher Setubalense na Resistência ao Fascismo*. Setúbal: Armazém Papeis do Sado.

¹⁸ In Depa-Centro de Estudos e Defesa do Património Histórico do Distrito de Setúbal, (1983). Setúbal: Setulgráfica.

¹⁹ In Edições LASA (1990), *Setúbal na História*. Setúbal. Pp. 66.

Com o fornecimento da luz elétrica e com a implementação da indústria cimenteira (Secil), a partir de 1920, deu-se a construção do Porto de Setúbal e em resultado a decadência das fábricas de conserva de peixe. A população, sobretudo os mais novos procuraram novas formas de vida, restando os mais velhos e muitas casas abandonadas.²⁰ Em 1950 a cidade estava rodeada de bairros de lata²¹, situação que comprova António dos Santos numa afirmação aquando da entrevista: “(...) Não foi em vão que dei entrada no orfanato (...) mergulhado numa pobreza extrema, sem ambições (...)” A população setubalense era pobre e com os salários baixos, o que favoreceu a miséria e naturalmente os bairros de lata, favorecendo as epidemias e a mendicidade. “Os bairros não possuíam luz, água, esgotos e os caminhos eram em areia, as casas eram forradas a chapa e madeiras velhas e as crianças somente usavam duas peças de roupa, andavam famintas, com as caras sujas e com ranho pendurado” (Santos, 2009:128). Podia-se verificar também o extremo, a classe média, os donos de algumas empresas e após o 25 de Abril de 1974, Setúbal destacou-se em relação às outras cidades, devido à luta pela defesa dos ideais da Democracia.²² Na burguesia a vida dos pescadores era considerada depreciativa, mas em época de aflição a fraternidade e solidariedade acudiam quem mais precisasse. A guerra e as epidemias²³, com especial atenção a pneumonia, deixaram ao abandono crianças e idosos. Até aos anos 30,

os locais de contacto entre os setubalenses, como os cafés, restaurantes e casas de pasto, que para além de serem locais de refeições eram ponto de encontro e de convívio, era onde se bebia o vinho, café e onde se petiscava, mas curiosamente também serviam para dormir, o que foi consideravelmente importante a nível cultural, político e social (Quintas, 1998:163).

Para além das primeiras décadas do século XX, também no século XIX, houve muitas alterações políticas e religiosas e grande parte dos conventos foram extintos, dando lugar a quarteis gerais como foi o caso do convento da Nossa Senhora da Soledade (atualmente Casa da Baía, sede do Turismo da cidade de Setúbal). Na primeira década de 1900 as instituições de beneficência, começaram a não ter capacidade para responder a tanto pedido de auxílio, o edifício supracitado veio albergar um orfanato masculino, o Orfanato Municipal

²⁰ In Junta de Freguesia de N.ª Senhora Anunciada (1989), *Análise Histórica da Freguesia de N. S.ª Anunciada*. Setúbal. Pp. 5.

²¹ *Ibidem*.

²² In Câmara Municipal de Setúbal, 1984. *Brasão de Setúbal*. Setúbal. Pág. 4.

²³ In o jornal *O Setubalense* do dia 19 de maio de 1919.

Presidente Sidónio Pais, um dos exemplos de caridade para a cidade de Setúbal, assim como também o *Asilo da Infância Desvalida*²⁴ fundado em 1868 noutra local da cidade, este feminino.²⁵



Fig. 1. Escola Industrial e Comercial de Setúbal, 1958²⁶

1.2. Algumas das associações de beneficência e utilidade pública

Tendo em conta que na cidade de Setúbal, o abandono de crianças era uma prática comum, crianças não desejadas pelos progenitores desde o momento da concepção ou na altura do parto, mal tratados pelos próprios pais e familiares e pela morte de um ou dos dois progenitores, devido à miséria que se fazia sentir na altura, eram largados na roda da igreja e então encaminhados para os orfanatos. Em finais do século XVI, quem tinha a responsabilidade de acolher as crianças era o Estado e que entretanto passou para a Santa Casa da Misericórdia, assim como também a tarefa de comparticipar economicamente nas despesas sociais do acolher destas crianças. Em finais do séc. XVIII, “a mortalidade infantil ultrapassou os 98%, devido às doenças, mais concretamente a febre pneumónica. No séc. XX, “houve um desenvolvimento industrial, mas as infraestruturas urbanas da cidade de Setúbal eram incapazes de suportar o crescimento da cidade e a crise socioeconómica agravou-se, refletindo-se na comunidade, nomeadamente nas crianças desprotegidas”, cujos destinos estariam nas mãos do *Asilo Bocage*²⁷, *Asilo Acácio Barradas*, ambos situados ainda no mesmo local de

²⁴ A década de 20, do século passado, foi um período dramático devido à grande miséria social que assolou a cidade de Setúbal. Sintoma que alterou significativamente as condições de vida dos setubalenses e deu-se o aparecimento de várias instituições de acolhimento de crianças, como o Asilo da Infância Desvalida, das Florinhas da Rua, o Orfanato Municipal, a Beneficência Escolar, a Creche ou o Hospício Municipal. In Município de Setúbal (s.d) “Casa da Baía” <http://www.mun-setubal.pt/pt/pagina/casa-da-baia/170> [28 de outubro de 2013].

²⁵ In Movimento Cultural (s.d), *Troino e Fontainhas: Duas comunidades de pescadores em confronto*. N.º 6. Setubal. Pp.78.

²⁶ In Santos, António dos (2009), *Para lá dos portões do asilo. Setúbal 1958, Histórias, sonhos e liberdade*. Setúbal: Corlito.

²⁷ Azilo Bocage, destinado a inválidos do sexo masculino.

outrora; *Orfanato Florinhas de Setúbal*²⁸ e o Orfanato Municipal, mais tarde denominado de *Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais*.²⁹

Para além das instituições, foram também casas de caridade, instituições destinadas a inválidos e idosos do sexo masculino e feminino, respetivamente, que podiam também orientar a proteção, assistência e beneficência para ambos os sexos e a crianças, podendo também referir o asilo da Infância Desvalida, este orfanato destinado a meninas.

Os asilos foram desde muito cedo as instituições mais importantes na prevenção do crime,

mas algumas leis vieram prejudicar estas instituições, como foi o caso da lei de 22 de junho de 1866, que estendeu a desamortização às Misericórdias, Hospitais, Irmandades, Confrarias e Recolhimentos, sendo parte dos bens trocados por títulos de dívida pública que se desvalorizaram, colocando estas casas numa situação complicada (Quintas, 1998:303).

²⁸ Orfanato feminino.

²⁹ In o jornal *O Setubalense* do dia 18 de maio de 1953 e o jornal *A Mocidade* do dia 1 de janeiro de 1919; In *Catalogo 75 anos. "Resumo Histórico da Assistência às crianças desamparadas"*, Dr.ª Laurinda Abreu; Gomes, Luís Gonçalves (1996), *Estuário do Sado Tesouro da Região de Setúbal. Apontamentos Históricos sobre Setúbal e o seu Port.* Setúbal: Corlito. Pp.83-133.

2. A Instituição - O Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais

O Orfanato está associado à cidade de Setúbal, à sua especificidade e características, e surgiu para colmatar deficiências de carência e de modo a dar melhores condições de vida aos seus habitantes.

O orfanato passou a ocupar o edifício do séc. XVIII, antigo Recolhimento da Soledade (Confraria espanhola)³⁰, inaugurado cerca de 1750 e atual Posto de Turismo da Região de Setúbal, espaço destinado também à promoção cultural, Casa da Baía³¹, sito na Avenida Luísa Todi, n.º 468, principal artéria da cidade.



Fig. 2. Mapa do Centro Histórico de Setúbal, com a localização do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais, atual Casa da Baía³²

³⁰ O Recolhimento de Nossa Senhora da Soledade de Setúbal foi erguido na sequência da construção da ermida da mesma invocação, e destinava-se a receber mulheres desfavorecidas. O desejo do fundador era construir um recolhimento de mulheres honradas e pobres, sendo as mesmas posteriormente consideradas de Carmelitas, ficando sujeitas a um regime idêntico ao dos conventos. Terá sido inaugurado cerca de 1750. Em 1918 o edifício albergou o Orfanato Municipal para rapazes órfãos de pai e mãe, com consequência da epidemia pneumónica. As primeiras obras de restauro encontram-se documentadas no Ofício n. 1.364 de 22 de Outubro de 1920 e só a 25 de dezembro de 1935 deu-se o primeiro restauro e conservação de algumas zonas, nomeadamente no refeitório, cozinha e dispensa e dez anos depois a 1 de fevereiro de 1945, houve outra intervenção do género no 1º andar, particularmente a parte que dá acesso aos Claustros e avenida. Escavações arqueológicas realizadas nas quatro alas do Recolhimento revelaram as ossadas de 45 mulheres que aí viveram e morreram, entre os séculos XVIII e XIX, e que teriam entre 18 e 70 anos. O edifício é composto por um corpo longitudinal no prolongamento da Ermida da Soledade, situada a Nascente, que se articula com três outras alas em torno de um claustro central. A fachada principal possui um estilo barroco muito austero, de acordo com a arquitetura tradicional das construções carmelitas. O claustro é igualmente singelo, rasgado por arcadas de volta perfeitas na ala sul e em arco abatido nas alas laterais. A ermida, de nave única, apresenta fachada rasgada por portal em cantaria com verga suavemente contracurvada e janela quadrangular a eixo, sob frontão curvilíneo. No início do século XX as ocupantes foram despejadas e o edifício funcionou como quartel. Poucos anos mais tarde foi convertido em orfanato e nos últimos anos recebeu uma creche. Após a sua aquisição pela Câmara Municipal de Setúbal, em 2003, foi destinado a polo turístico e cultural, incluindo uma galeria, denominado por Casa da Baía. In Igespar: Instituto de Gestão do Património (s.d.) "Património Imóvel" <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/14306459/> [28 de outubro de 2013].

³¹ A lei que saiu depois do ano de 1910, no Regime do Estado Novo, defende o nível de proteção dos imóveis como "Monumentos Nacionais" (...) "passa a ser enquadrado quanto à zona protegida, a construção, envolvimento, espaço, meio e quadro de vida" (Moreira, 1989:110). Este Imóvel foi classificado como Monumento de Interesse Municipal, porque está implantado na zona compreendida entre a muralha medieval e a muralha seiscentista da cidade, na área abrangida pela qualificação de Centro Histórico da cidade de Setúbal, assim como também na zona de proteção ao Pelourinho de Setúbal, classificado como Monumento Nacional (MN) sob Decreto de 16/06/1910, DG 136 de 23/06/1910. In Câmara Municipal de Setúbal (2009), *Proposta de Classificação como Imóvel e Interesse Municipal do Recolhimento da Soledade*. Setúbal: Gabinete de Centros Históricos.

³² In Câmara Municipal de Setúbal (2009), *Proposta de Classificação como Imóvel e Interesse Municipal do Recolhimento da Soledade*. Setúbal: Gabinete de Centros Históricos.



Fig. 3. Fachada da Casa da Baía

O desejo do fundador era construir neste local um recolhimento para mulheres honradas e pobres e resultou da fundação de uma Capela da Invocação da Nossa Senhora da Soledade. A ermida foi fundada no dia 2 de Agosto de 1745 num terreno próximo do Largo da Fonte Nova³³, onde existia um painel da Sr.^a da Soledade, devotada pela população e que na altura foi transferido para a referida capela.³⁴ Em redor do edifício ainda existem vestígios das portas das antigas cavalariças do convento.

Para além de convento, este de irmãs, donde as freiras foram expulsas pelas tropas aquando da implantação da República em 1910, foi também quartel-general e em 1918 o Orfanato Municipal, como casa de caridade destinada aos órfãos masculinos de pais que faleceram, por consequência da epidemia pneumónica, por dificuldades financeiras e mesmo por abandono, e posteriormente um jardim-de-infância.

O orfanato foi inaugurado a 18 de Maio de 1919, abrindo ao público num período muito agitado tanto a nível político como também devido à pneumónica, que assolou inú-

³³ Um dos largos mais conhecidos e próximo do Recolhimento da Soledade.

³⁴ A fundação do recolhimento resultou da fundação de uma Capela da invocação da mesma Senhora, possuidora de um oratório e de uma coleção de painéis azulejares que apresentavam os passos da vida de Jesus Cristo e que foram arrancados definitivamente em 1945. A ermida foi fundada no dia 2 de Agosto de 1745 num terreno junto à Praia do Seixal, próxima do Largo da Fonte Nova, onde existia um painel da Sr.^a da Soledade, alvo de especial devoção da população e que foi, na altura, transferido para o pequeno templo. *In* Leite, Silva. Igespar: Instituto de Gestão do Património (s.d.) "Património Imóvel" <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/14306459/> [28 de outubro de 2013].

meras pessoas na cidade de Setúbal. O resultado da epidemia foi registado em notícia publicada a 19 de Maio de 1919, no Jornal *O Setubalense*, assim como também o artigo sobre a inauguração do Orfanato Municipal³⁵ (Santos, 2004:11; 2009:11).



Fig. 4. Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais³⁶

O Presidente da República em 1917 era Sidónio Pais³⁷ e o orfanato estava a cargo da Câmara Municipal de Setúbal, tendo sido inaugurado pelo Presidente da Comissão Administrativas da Câmara Municipal de Setúbal, Sr. Henrique Augusto Pereira, no dia 8 de maio de 1919³⁸, na Igreja do antigo Convento da Ordem das Irmãs da Soledade.³⁹

O Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais, foi a única associação em todo o concelho, criada por beneficência destinada a proteger crianças do sexo masculino, órfãos de pais e nascidos no concelho de Setúbal. Estabelecimento de caridade que preparava rapazes

³⁵ In Centro de Convívio dos Ex-alunos do Orfanato Municipal de Setúbal (1995). *Sala dos Quatro Ofícios*. Orfanato Sidónio Pais 1919-1995. Setúbal.

³⁶ In Wikipedia (s.d.), "Sidónio Pais" [www.http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sid%C3%B3nio_Pais.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sid%C3%B3nio_Pais.jpg) [16 de janeiro de 2013].

³⁷ Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais, nasceu em Caminha e 01-05.1872 e morreu em Lisboa a 14.12.1918. No dia 27 de Dezembro de 1917, a República Nova de Sidónio Pais decretou alterações à Constituição, introduzindo um regime presidencialista: "o Presidente do Ministério [Sidónio Pais] assumirá as funções de Presidente da República [...] enquanto não for eleito pelo futuro Congresso o Presidente da República" e a 28 de Abril, é eleito Presidente da República por sufrágio direto e universal. In Museu da Presidência da República (s.d.), "Presidentes - Primeira República – Sidónio Pais" http://www.museu.presidencia.pt/presidentes_bio.php?id=28 [30 de janeiro de 2014].

³⁸ In D'Arganil, Gil (1919), "O meu Jornal: A Banda do orfanato". *O Setubalense*, 16 de maio; o jornal *O Setubalense* do dia 19 de maio de 1919, do dia 3 de agosto de 1927 e do dia 18 de maio de 1953.

³⁹ In Centro de Convívio dos Ex-alunos do Orfanato Municipal de Setúbal (1994) *75 Anos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais 1919-1994*. Setúbal: Centro de Convívio dos Ex-alunos do Orfanato Municipal de Setúbal (1994) *75 Anos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais 1919-1994*. Setúbal e Santos, António dos (2004), *O Achamento de meu pai...e outras histórias vividas no Orfanato Municipal de Setúbal*. Setúbal: Corlito.

para a vida prática. Com lotação para setenta alunos, tinha como objetivo formar rapazes, que até aos dezoito anos de idade⁴⁰ teriam de ter uma profissão e conhecimentos sobre o trabalho. Possuía instrução primária, que possibilitava aos rapazes fazerem os seus estudos e quando concluída a 1.^a, 2.^a e 3.^a classe, eram integrados em oficinas, onde a educação profissional era desenvolvida. A escola era o suporte e servia de apoio às oficinas, como por exemplo, as oficinas de tipografia, sapataria, encadernação e outras como o de empregado de escritório, comércio geral e outras profissões que o orfanato poderia oferecer, como se pode observar no quadro abaixo, o qual foi retirado do catálogo *Sala dos Quatro Ofícios*. Os melhores alunos eram encaminhados para a Escola Industrial e Comercial de Setúbal, inaugurada em 1955, onde prosseguiriam e acabavam os seus estudos, sendo posteriormente colocados em oficinas particulares e estabelecimentos comerciais.

N.º de praticantes	OCUPAÇÃO
1	Serralheiro
1	Cromador
6	Empregados de escritório
1	Empregado de balcão
1	Empregado dos Serviços da Câmara
4	Tipógrafos-compositores
3	Tipógrafos-impressores
6	Sapateiros
3	Encadernadores
2	Aux. de Cosinheiro
1	Enfermeiro - praticante
5	Estudantes Curso Comercial (1.º anos)
2	Estudantes Curso Comercial (2.º anos)
15	Estudantes Instrução Primária (1.ª classe)
9	Estudantes Instrução Primária (2.ª classe)
15	Estudantes Instrução Primária (3.ª classe)
12	Estudantes Instrução Primária (4.ª classe)
21	Músicos (2.º ano)
16	Músicos-aprendizes (1.º ano solfejo)
4	Trabalho no campo (Secção Agrícola)
3	Carpinteiros

Fig. 5. Resultado Pedagógico de quinze atividades para uma população de sessenta e nove internados, no mês de março de 1947⁴¹

Como se pode observar na figura, o maior número de rapazes encontram-se nas atividades de música e de estudantes de Instrução Primária, sendo em menor número os rapa-

⁴⁰ Muitos alunos solicitavam a emancipação aquando dos seus 18 anos de idade, de modo a ingressarem na vida ativa no exterior do orfanato – Cf. Anexo 3 - Pedido de Emancipação (Doc. consultado no Arquivo Municipal de Setúbal).

⁴¹ In Centro de Convívio dos Ex-alunos do Orfanato Municipal de Setúbal (1995), *Sala dos Quatro Ofícios*. Orfanato Sidónio Pais 1919-1995. Setúbal.

zes nas atividades de serralheiro, cromador, empregados de balcão e na ocupação de tipógrafo encontra-se na média.

Numa análise efetuada a registos do orfanato no ano de 1947, como consta no Anexo 2, findo o mês de Dezembro e numa população de sessenta e nove internados, o número de praticantes na Tipografia, nomeadamente como tipógrafo-compositor eram quatro e tipógrafos-impressores eram apenas três. A partir de março, os alunos começaram a receber o seu próprio ordenado pelos trabalhos que realizavam. Durante a estadia no orfanato os alunos usufruíram sempre de um ambiente familiar, alimentação, regras de higiene, vestuário e formação, que ditou o suporte para a vida no exterior da casa.⁴²

Desde a fundação do orfanato em 1919 até ao ano de 1947, encontram-se registados inúmeros dados referentes ao orfanato e internados em livros no Arquivo Municipal de Setúbal, como o nome, o número de internados e suas entradas.⁴³ Como pode-se verificar no Anexo 3, os rapazes até atingirem a maioridade, poderiam solicitar a emancipação, podendo assim sair mais cedo do orfanato ingressando na vida ativa, tanto a nível pessoal como profissional. Contudo, ao atingirem a maioridade os internados eram colocados em locais compatíveis com a sua formação.⁴⁴

No ano de 1947 entraram para o orfanato dezoito rapazes, cujo último adquiriu o número sessenta e nove, o Senhor António dos Santos⁴⁵ e saíram onze rapazes. Pode-se observar as despesas dos mesmos aquando da sua saída, assim como a profissão que cada um levava, desde serralheiro, carpinteiro, canalizador, tipógrafo, entre outras profissões.⁴⁶

Todas as despesas e receitas eram contabilizadas e discriminadas ao rigor. Nas receitas eram colocados os dinheiros recebidos da Câmara, de donativos e subsídios, dos trabalhos executados pela tipografia, sapataria e encadernação, dos devedores e credores, da secção agrícola, assim como também dos salários dos internados. Era também colocado tudo que se consumia no orfanato, desde a alimentação, ao vestuário, calçado, combustível, obras, materiais das oficinas, entre outras despesas indispensáveis ao bom funcionamento do orfanato.⁴⁷

⁴² Cf. Anexo 2, Fig. 7. In Pereira. Henrique Augusto (1948), *Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais*. Setúbal.

⁴³ Cf. Anexo 2, Fig. 1. Ibidem.

⁴⁴ Cf. Anexo 2, Fig. 9. Ibidem.

⁴⁵ Cf. Anexo 2, Fig. 3. Ibidem.

⁴⁶ Cf. Anexo 2, Fig. 4. Ibidem.

⁴⁷ Cf. Anexo 2, Fig. 6. Ibidem.

Das três oficinas, tipografia, encadernação e sapataria, ambas apresentavam sempre algum lucro. A oficina que tirava melhores resultados era a tipografia, com 39.615\$23, contra 4.626\$60 da encadernação e 1.529\$70 da sapataria.⁴⁸

Nos anos sessenta o orfanato deparou-se com grandes dificuldades financeiras e deixou de ter capacidade para cuidar e preparar os internatos, o que ditou passado algum tempo, por ordem da Câmara, o seu encerramento. Com o surgimento da Casa do Gaiato em 1964, outra instituição de caridade, levou à transferência dos rapazes que ainda continuavam no internato. Dos trinta alunos, somente doze conseguiram adaptar-se ao novo sistema de ensino. Nos anos setenta, houve um movimento dos ex-alunos, para se criar um centro de convívio onde pudessem colocar o espólio do orfanato. Em 1977, dá-se então a inauguração do centro de convívio dos ex-alunos e que ainda se mantém com a sua função à qual se propôs.⁴⁹



⁴⁸ Cf. Anexo 2, Fig. 7. Ibidem.

⁴⁹ In Centro de Convívio dos Ex-alunos do Orfanato Municipal de Setúbal (1994) *75 Anos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais 1919-1994*. Setúbal.



Fig. 6 e 7. Pinturas na parede, pelos antigos alunos do orfanato⁵⁰

2.1. Orientação Pedagógica dos internados

Os internados tinham a liberdade de manifestarem as suas intenções profissionais e com consciência podiam apreciar e classificar sem receio as possibilidades e condições gerais do seu desempenho, face às funções desempenhadas dentro e fora da comunidade.

Os melhores alunos eram distinguidos e encaminhados para a Escola Industrial e Comercial João Vaz, onde aí poderiam prosseguir os seus estudos. Pode-se referir o caso do pintor setubalense Luciano dos Santos, rapaz da casa, que ficou reconhecido fora do país, e que refere o livro *Orfanato Presidente Sidónio Pais*, cuja homenagem foi descrita num artigo publicado na revista de Lisboa, que em 1947 ganhou o Prémio Columbano, prémio de imensa importância a nível da pintura.

⁵⁰ Gina Santos, 2013.



Fig. 8. Alunos Fundadores – 1924⁵¹

O orfanato possuía uma Banda de Música, que participava nas procissões⁵² e onde todos os alunos participantes marchavam conforme a batida sonora. A música no orfanato proporcionava aos alunos cultura geral e ajudava-os a criar o gosto pela música, conforme Anexo 1, pode-se observar no jornal *O Distrito de Setúbal*, do dia 10 de maio de 1963, um artigo de José Rebelo: “muitos dos rapazes chegavam a bons profissionais sempre num sentido de responsabilidade e sentimento de utilidade pela entidade que os acolheu, livrando-os assim da miséria e sofrimento.”

2.2. Os tempos livres dos internados

Nos primeiros anos do orfanato, todos os aniversários eram comemorados. Faziam-se quermesses e todo o espaço era enfeitado com arranjos de papel, com rosmaninho e alecrim. As bandas da cidade de Setúbal, Sociedade Capricho e União Setubalense, em conjunto com a Banda do Orfanato, abrilhantavam mais os festejos. Confeccionavam petiscos (pastelinhos de bacalhau, fava torrada e iscas) e todas as pessoas que participavam na festa⁵³ podiam levar o que quisessem. Era montado um palco, onde se realizavam programas de variedades, com o grupo coral e peças de teatro. Como refere António dos Santos, antigo aluno do orfanato: “o calor humano, trazido para dentro da nossa casa, acabava por se misturar connosco, alimentando-nos a enfrentar mais um ano de clausura” (Santos, 2004:39).

⁵¹ In o jornal *O Distrito de Setúbal* do dia 10 de maio de 1963 e Centro de Convívio dos Ex-alunos do Orfanato Municipal de Setúbal (1995), *Sala dos Quatro Ofícios*. Orfanato Sidónio Pais 1919-1995. Setúbal.

⁵² In D'Arganil, Gil (1919), “O meu Jornal: A Banda do orfanato”. *O Setubalense*, 16 de maio.

⁵³ In o jornal *O Setubalense* do dia 24 de agosto de 1927.

Aos domingos, dia mais desejado para os rapazes, era obrigatória a formatura para depois seguirem à Igreja de N.ª S.ª da Anunciada, para assistirem à missa dominical, pelas dez horas a manhã.

Iam ao futebol, frequentavam as *matinés* do cinema do Casino Setubalense ou do Grande Salão Recreio do Povo. No verão os domingos podiam ser passados na praia da Figueirinha ou Albarquel. Quando não havia qualquer evento na cidade rumavam ao Castelo de S. Filipe para armar aos pássaros ou caminhar com o carrinho de mão, para apanhar verdura, alecrim e rosmaninho. Na Véspera de Natal dirigiam-se ao Liceu Nacional de Setúbal na expectativa de receberem um brinquedo. Na Semana Santa faziam a queima do Judas, cujo boneco era feito com um fato-macaco velho e cuja cabeça era feita de trapos (Santos, 2004:117).

Os primeiros anos da fundação do Orfanato, foram comemorados com a ajuda da Sociedade Capricho e União Setubalense, com a colaboração da Banda do Orfanato. O Senhor António fazia parte da peça de teatro *Simplicio Castanha e C.ª*, juntamente com outros colegas.



Fig. 9. Mestre da banda Sr. Capitão Adelino, com os alunos da escola de música - 1928⁵⁴

2.3. Angariação de fundos para o orfanato

Tudo servia para angariar fundos para o orfanato, desde o aluguer de almofadas nos jogos de futebol, alugava-se cadeiras de ferro da sala de música na Feira de Santiago, onde também era montado um *stand* Quermesse para venda de rifas, cujo prémio seriam duas bicicletas a pedal. Cada aluguer de cadeira era de cinco escudos, cujo valor as pessoas consi-

⁵⁴ In Centro de Convívio dos Ex-alunos do Orfanato Municipal de Setúbal (1995), *Sala dos Quatro Ofícios*. Orfanato Sidónio Pais 1919-1995. Setúbal.

deravam demasiado elevado, pois a feira começava três meses depois do defeso⁵⁵. A baixa da cidade, o mercado do Livramento e as fábricas conserveiras eram os locais preferidos para este tipo de angariações de fundos (Santos, 2004:45-135).

⁵⁵ Período em que as fábricas encerravam, devido à falta de matéria-prima, pescado, para laborarem e como a maioria da população setubalense estava afeta à indústria conserveira e como assim não recebiam salário, logo não tinham possibilidade de entrar em muitos gastos.

**3. A Oficina de Tipografia do antigo Orfanato Municipal Presidente
Sidónio Pais**

3.1. As Oficinas do orfanato

Em 1910 com a implantação da República, as irmãs foram desalojadas, dando lugar a um quartel de militares. Em 1919, aquando da instalação do orfanato, o edifício sofreu algumas alterações.

A primeira oficina do orfanato, para colmatar a falta de sapatos, na maioria dos rapazes, foi a sapataria, onde se endireitavam pregos, em 1920. Varria-se a oficina e engraxavam-se os sapatos de todos os internatos (Santos, 2004:85). Neste mesmo ano,

foi inaugurada a carpintaria, a 1 de julho de 1920, que acabaria por encerrar a 1 de setembro de 1931. A 31 de março de 1926, abriram a oficina de encadernação, mas como ainda não possuíam recursos financeiros suficientes para pagarem os instrumentos fornecidos pela fábrica Botali de Milão de Itália, cuja dívida ascendia o montante de 19.018\$65 e a 1 de setembro de 1926 dava-se o seu encerramento (Pereira, 1948:5).



Fig. 10. Oficina de Encadernação⁵⁶

A compra da tipografia deu-se a 28 de novembro de 1933 e foi efetuada pela Câmara Municipal, pela mão do senhor Eduardo Augusto Correia e pela quantia de catorze contos e quinhentos, cuja inauguração foi no dia de Natal de 1933.

Dos Salesianos de Lisboa⁵⁷ vieram os encarregados para a oficina de tipografia e encadernação e para a oficina de sapataria veio o melhor oficial de sapataria de Setúbal, João Comarraia.

⁵⁶ Pereira. Henrique Augusto (1948), *Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais*. Setúbal.

⁵⁷ Colégio católico.

3.2. Sala Exposição dos Quatro Ofícios após encerramento do orfanato

Como havia a necessidade de reunir todo o espólio disperso no orfanato, em 1977 a comissão dos ex-alunos do orfanato reconstituiu o centro de convívio. Todos os anos, no domingo mais próximo do dia 18 de maio, os antigos alunos do orfanato juntam-se para uma confraternização neste espaço da Casa da Baía.

A 18 de Maio de 1995 (1919-1995) fazia 75 anos da cerimónia de inauguração do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais e os ex-alunos decidiram organizar uma exposição na sala museu do centro de convívio, onde ficaram representados os quatro ofícios que foram da escola do orfanato, onde reuniram peças, utensílios e máquinas referentes aos quatro ofícios que foram desempenhados na escola do orfanato. Nesta sala está reconhecida a tipografia, encadernação, sapataria e carpintaria.



Fig. 11. Sala dos Quatro Ofícios⁵⁸

3.3. A Tipografia do antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais

3.3.1. *Da História da Origem da Tipografia até à Fundição dos Tipos*

Em vez dos manuscritos e da caligrafia, passou-se a ter a tipografia, onde os mestres seriam intitulados de tipógrafos e que iriam orientar os tipos de letras e sua evolução.

A descoberta da arte tipográfica, foi atribuída em meados do séc. XV, mais precisamente em 1445-1450, ao alemão Johann Gensfleisch, mais conhecido por Gutenberg (Silva, 1962:1) e implantada em Portugal trinta e sete anos mais tarde (Neves, 1989:89).

⁵⁸ Gina Santos, 2013.

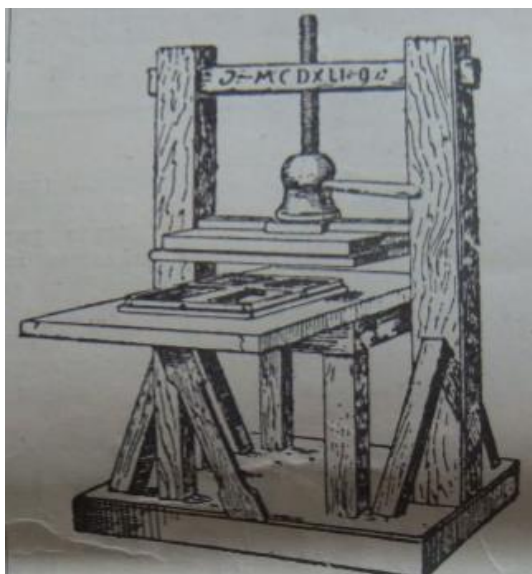


Fig. 12. Prensa de Gutenberg⁵⁹

Em Portugal, por volta de 1820, havia somente tipografias em Lisboa, Porto e Coimbra. Um ano mais tarde, já contavam-se doze em Lisboa, sendo dez de particulares e a mais importante pertencia à Imprensa Real ou Nacional. A primeira tipografia possuía dezoito prelos e a Academia Real das Ciências somente apresentava dois prelos. Em Coimbra, a Imprensa da Universidade apresentava dez prelos e no porto contactavam-se apenas três tipografias. Em todo o continente somente havia dezasseis tipografias (Tengarrinha, 1989:133-134). A tipografia em Portugal possuía um atraso em relação aos outros países, devido à pouca extração de livros, à carestia do papel e tipos e o pouco cuidado com que eram fundidos, a imperícia dos compositores, revisores e impressores, incúria de alguns autores que iam atrás da barateza, tudo isto incompatível com a perfeição do trabalho tipográfico (Tengarrinha, 1989:200). Cada tipografia fazia a sua tinta⁶⁰ (Tengarrinha, 1989:201) e que dependia dela a nitidez e uniformidade da impressão. Por volta de 1835 usavam-se somente prelos em madeira e só em 1938 aparece o primeiro prelo de ferro. No terceiro quartel do séc. XIX, as tipografias mais importantes abandonaram o processo manual e começaram a usar os prelos de ferro, as restantes continuaram a usar os prelos em madeira ainda a força de braços. Em 1837 começou-se a dar importância ao uso dos rolos (Tengarrinha, 1989:201-202).

⁵⁹ In o jornal *O Gráfico*. Propriedade da Federação Nacional dos Sindicatos, dos tipógrafos, litógrafos e ofícios correlativo, do dia 01 de maio de 1945.

⁶⁰ Mistura de verniz, pó e óleo.

Na máquina tipográfica o operador humedecia a chapa, colocando a tinta com o rolo, passando de seguida um líquido, uma mistura com ácido fosfórico e depois novamente com o rolo dava-se a tinta na chapa, de modo a que a mesma não escorresse, se não ficariam unicamente as letras no papel.⁶¹

Em 1814 o New York Times utiliza a primeira máquina de compor a vapor, o que permitiu a tiragem de 1100 exemplares por hora (Tengarrinha, 1989:201-202). Com a organização industrial, no último quartel do séc. XIX, os prelos aumentaram de seis para cinquenta e quatro prelos mecânicos e a vapor. A composição e impressão, feita de forma manual, baseia-se na colocação dos tipos, que eram dispostos lado a lado para formarem os textos. Em Portugal somente em 1814 passou a ser mecanizada⁶², concretamente em finais do século XIX, com a criação das máquinas que compunham e fundiam tipos, ao toque de um teclado como o linótipo⁶³ ou computador tipográfico. Quando se tocava nas letras do teclado, o material composto pela escrita subia para a caldeira e o chumbo era esguichado para o molde.

Em 1885 a Tipografia Nacional possuía dois prelos mecânicos, três máquinas inglesas, um prelo universal *Marioni*, calandra, prensa hidráulica, máquina de aparar papel e um serviço para cem empregados. (Tengarrinha, 1989:227)

Cada impressão era uma gravura e o compositor era considerado como o artista, pois dava o aspeto estético ao trabalho. Tinha o gosto e a imaginação para criar as gravuras, também denominados de vinhetas⁶⁴. Retiravam as peças do cavalete e de seguida faziam a junção das letras e gravuras, sempre com o cuidado harmónico de beleza.

Empresas de fabrico de peças tipográficas deslocavam-se às várias gráficas para vender corpos de letras e através dos catálogos estas compravam gravuras e todo o seu conjunto de tipos.⁶⁵ Anos mais tarde, começou a haver a necessidade de aumentar a quantidade de material impresso sendo necessário aumentar também o número de trabalhadores, nesse sentido Otmar Mergenthaler, proprietário do *New York Tribune*, confrontado com este pro-

⁶¹ Se pintarmos uma parede que esteja molhada ou húmida, a tinta não prende, o mesmo acontece com a tinta na chapa, somente ficam as letras.

⁶² In Tipografia (2006) "Paul Heitlinger: Fundação dos Tipos" in Origens, formas e uso das letras <http://tipografos.net/tecnologias/fundicao-tipos.html> [02 de maio de 2013].

⁶³ Linótipo foi a primeira máquina de compor e surgiu por volta de 1886. In o jornal *O Gráfico* do dia.1 de maio de 1945 – Anexo 1, Fig. 21.

⁶⁴ Pequena gravura usada para ornar ou ilustrar livros. Termo também utilizado para definir os retângulos em que se divide uma banda desenhada.

⁶⁵ Estas peças e tipos não se gastam, muitas têm quase cem anos.

blema inventou a máquina de compor, ou *linotype* em 1886⁶⁶, mais tarde substituída pela *Monotype*, em 1893. Os compositores manuais passaram a ser denominados de compositores mecânicos ou linotipistas. Estes tinham a preocupação de observar a máquina, que trabalhava sozinha mas com a ajuda de uma fita perfurada pelo ordenador, comandando assim a máquina aquando da composição.

Contudo, devido à necessidade de aumentar a quantidade do trabalho impresso, começaram a utilizar abusivamente os trabalhadores tipográficos, notando-se significativamente uma baixa qualidade dos trabalhos executados, como refere Artur Anselmo, no livro *Estudos de História do Livro*, sobre este período e a qualidade do trabalho:

Na faina avassaladora de destruir a Tipografia, os compositores-dactilógrafos, os impressores promovidos da noite para o dia, os aprendizes alcandorados a chefes, os negociantes metidos a editores, todos eufóricos, todos muito virados para o futuro, nem se apercebem da degradação da qualidade. Esta, particularmente sensível na composição de texto, dá a certas publicações e a certos livros dos anos sessenta (os incunábulo da fotocomposição) um aspeto humilhante, especialmente se confrontados com as produções tipográficas do mesmo período (Anselmo, 1997:183).

Perante estes acontecimentos começou a haver movimentos dos trabalhadores que ficaram consternados devido às más condições de trabalho oferecido pelas tipografias.

O processo tipográfico passou-se a denominar de fotocomposição, sistema que usa matrizes fotográficas dos tipos que são reduzidos ou ampliados por lentes, mas apenas com a popularização do *offset* nas décadas de 1960/70 passa a ser muito mais usada. As letras transferíveis, em especial a *Letraset*, permitiu aos *designers* o acesso a uma quantidade maior de fontes e interferência nos espaços tipográficos.

Com a ajuda de uma caldeira (uma tipografia em Lisboa, onde trabalhou António, possuía uma caldeira que trabalhava a 180°C) e através do molde faziam-se as composições que eram necessárias, mas o aparecimento do sistema de computação veio facilitar este processo. A fotocomposição era montada em placas, sendo o texto fotografado e revelado em película ou papel e só depois é que passava para o sistema de *offset*.

No jornal *O Gráfico* do dia 1 de maio de 1945, apresenta-se um artigo onde Lamartine menciona que,

⁶⁶ In o jornal *O Gráfico* (1945), propriedade da Federação Nacional dos Sindicatos, dos tipógrafos, litógrafos e ofícios correlativos, do dia.1 de maio.

a tipografia aproximou e colocou a comunicação imediata, contínua, perpétua, o pensamento do homem isolado com todos os pensamentos do mundo invisível (...) o prelo (...) sentido intelectual, revelado ao homem por Gutenberg, uma máquina donde sai papel, tinta, caracteres, algarismos e sinais que ferem os nossos sentidos, mas também o nosso pensamento, sentimento, moral, religião, isto é para além do inventor, o fenómeno. A escrita transportou o pensamento para a palavra, tornando-a palpável, perpétua e universal.⁶⁷ Facilitou o acesso da cultura escrita e sendo a descoberta da imprensa muito importante para a história da humanidade, o uso da tipografia ficou a ser o componente essencial aos designers, pois necessitam de trabalhar com texto e imagem, mas com o desenvolvimento da era digital a tipografia manual caiu em desuso. Com o aparecimento dos computadores na década de noventa, a arte tipográfica ficou disponível e mais acessível ao utilizador comum e atualmente qualquer pessoa pode escolher uma fonte (tipo de letra) e compor um texto simples normalmente através de um processador de texto.⁶⁸

3.3.2. Fundição dos tipos



Fig. 13. Prensa mecânica em uso. Xilogravura, 1568⁶⁹

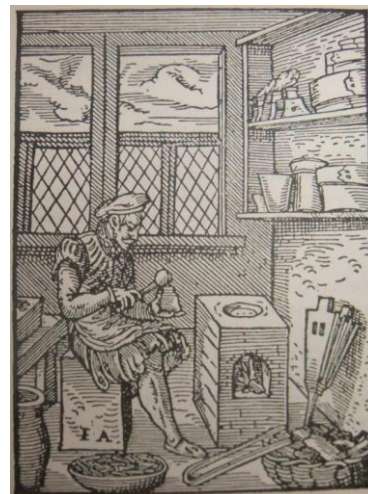


Fig. 14. Fundição de caracteres tipográficos. Xilogravura, séc. XVI⁷⁰

A tipografia é composta por pequenos paralelepípedos, que primeiramente foram gravados em blocos de madeira e só depois mais tarde em metal, possuidores com relevos de letras e símbolos, intitulados por tipos móveis (inventados pelos chineses) e cujo principal objetivo seria dar estrutura e forma à comunicação impressa.

⁶⁷ In o jornal *O Gráfico* do dia.1 de maio de 1945.

⁶⁸ Ibidem.

⁶⁹ In Tipografia (2006) "Paul Heitlinger: Fundição dos Tipos" in Origens, formas e uso das letras <http://tipografos.net/tecnologias/fundicao-tipos.html> [02 de maio de 2013].

⁷⁰ In Anselmo, Artur (1981), *Origens da Imprensa em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

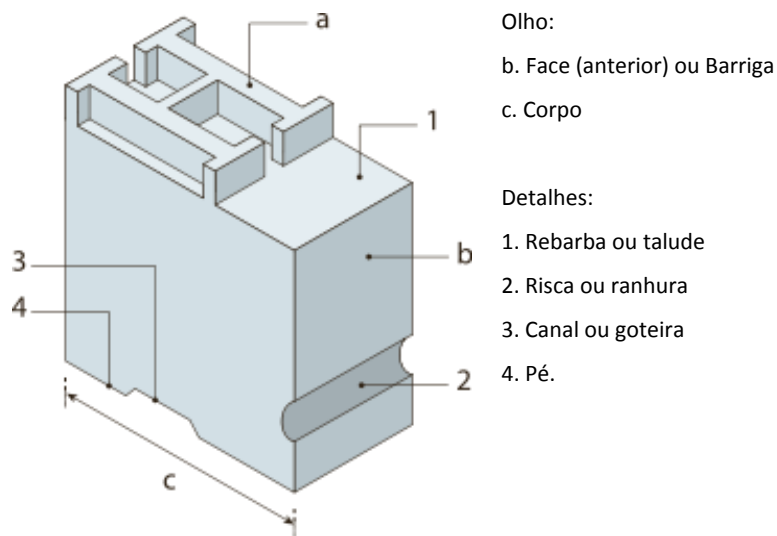


Fig. 15. Anatomia do tipo móvel de metal⁷¹

Os primeiros fabricantes de punções eram instruídos em técnicas de ourivesaria e com experiência na gravação de moedas e medalhas, os quais adaptaram-se ao modelo gráfico dos textos manuscritos. Para gravar uma punção para cada letra ou sinal gráfico, teria de se abrir as matrizes e a partir destas, com o auxílio de uma liga metálica (estanho, chumbo e antimónio)⁷² fabricavam os caracteres e por cunho eram estampadas as configurações de letras. Este processo pode ser aplicado a qualquer tipo de letra, o que permite a reutilização e composição de vários e diferentes textos (Anselmo, 1981:347).

Como foi referido, o papel do ourives era gravar o corpo em relevo da letra na extremidade de uma punção de aço, à qual deu o nome de matriz.⁷³

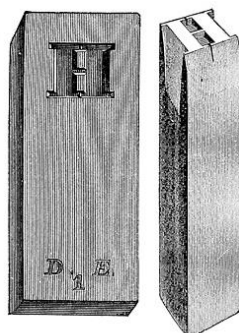
As matrizes⁷⁴ e as punções podiam ser transacionáveis, deste modo todas as gravuras impressas nos livros no séc. XV eram muito semelhantes.

⁷¹ In Tipografia (2006) "Paul Heitlinger: Fundação dos Tipos" in Origens, formas e uso das letras [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tipo_\(tipografia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tipo_(tipografia)). [16 de janeiro de 2013].

⁷² Se a peça fosse feita somente de chumbo amachucava-se com o tempo O antimónio é que dá a resistência e o estanho ajuda o molde, quando juntas dão a força e a resistência.

⁷³ In Tipografia (2006) "Paul Heitlinger: Fundação dos Tipos" in Origens, formas e uso das letras <http://tipografos.net/tecnologias/fundicao-tipos.html> [02 de maio de 2013].

⁷⁴ Foi também Gutenberg que inventou este processo de fundir letras a partir de moldes.



Matriz e patriz. Imagem da obra de De Vinne, T. L. *The invention of printing.* London, 1877

Fig. 16. I fase: gravar punções⁷⁵

As punções⁷⁶ foram gravadas primeiramente numa matriz⁷⁷ de cobre e só depois foram feitas em aço⁷⁸. O material usado para formar as formas, que iriam para a impressão e então distribuídas pelas galés e galeões, era feito em chumbo⁷⁹ e latão. A mão-de-obra era altamente especializada, sendo a profissão de tipógrafo detentora de conhecimentos das várias técnicas de gravação necessária para fazer as punções e as matrizes que posteriormente eram usadas para fabricação dos vários tipos.

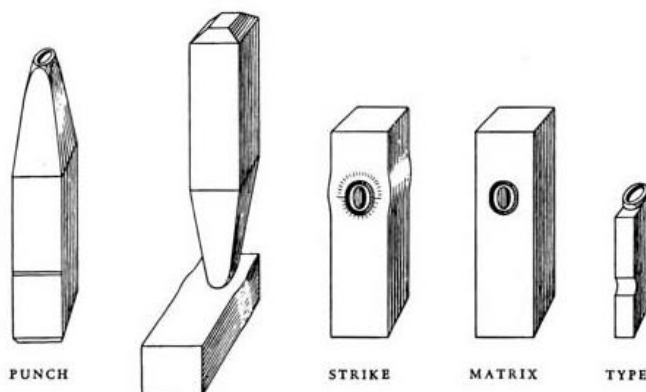


Fig. 17. II fase: fazer as matrizes⁸⁰

⁷⁵ In Tipografia (2006) “Paul Heitlinger: Fundação dos Tipos” in *Origens, formas e uso das letras* <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tipografia> [16 de janeiro de 2013].

⁷⁶ Bastava uma pancada forte na punção pelo cunho sobre a barra retangular de cobre e as chamadas matrizes depois de cunhadas, ficavam deformadas nos bordos, pelo que era necessário retificá-las

⁷⁷ Estas matrizes eram integradas no fundidor manual e fundidas a 300°C.

⁷⁸ Metal mais macio do que o aço.

⁷⁹ A liga de metais, como o chumbo e o antimónio, são possuidores de uma capacidade de arrefecer extremamente rápido.

⁸⁰ Ibidem.



Fig. 18 e 19. III fase: a fundição - Os caixotins da caixa tipográfica⁸¹

As matrizes de cobre eram inseridas num aparelho (também inventado por Gutenberg), denominado de molde o que permitia a fundição de milhares de caracteres de imprensa. A partir do molde o fundidor de tipos obtinha um caracter em relevo, uma réplica exata da forma original que tinha gravado na ponta do punção.

Os tipos móveis depois de fundidos, eram ordenados em caixas de madeira convenientemente subdivididas, onde eram armazenados até ao momento da composição. Cada compartimento em que se divide a caixa tipográfica chama-se caixotim.

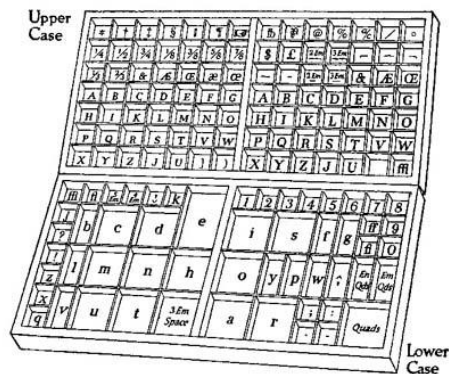


Fig. 20. Disposição dos Caixotins⁸²

No Anexo 4, poder-se-á consultar muitos dos tipos e processos utilizados na realização dos vários trabalhos tipográficos.

Os vários tipos são guardados em caixas tipográficas (tipo de móvel), de onde o tipógrafo os retira colocando-os nos componedores e por fim em prensas mecânicas para a impressão de textos.

⁸¹ Ibidem.

⁸² Ibidem.

A tipografia contribuiu significativamente para a formação gráfica dos rapazes do orfanato, que como aprendizes aprenderam a juntar as letras nas caixas dos tipos, que eram formados por caixotins. Antes de começar o ofício de tipógrafo, os rapazes tinham que decorar os locais corretos das várias composições de letras, os quadrilongos de metal, que se encontravam dispostas no interior das várias gavetas do dito móvel. Aprendiam também os nomes, as entrelinhas e filetes sistemáticos, os colchetes visuais ou filetes-vinhetas de combinação. Na entrevista realizada a António dos Santos e Fernando Felipe, este referem que tinham de ter certos cuidados no manuseamento dos materiais: “Primava-se o cuidado com os materiais, para não caírem no chão, pois logo ficavam danificados (...) Um dia deixei cair um filete de latão e o mestre Sequeira andou atrás de mim para me dar uma tarefa.”

A escolha adequada de fontes tipográficas para a composição (ou *layout*) dos textos está dependente da sensibilidade do tipógrafo para o género do texto e a relação entre o texto e os elementos gráficos na página, essenciais para que todos esses fatores combinados assistam de modo a que o *layout* final seja ajustado ao conteúdo abordado. No caso da imprensa escrita, os *designers* gráficos (tipógrafos) preocupam-se com a qualidade do papel⁸³, da tinta e dos métodos de impressão⁸⁴. Como refere Artur Anselmo,

a técnica tipográfica é a disposição dos vários caracteres em sentido contrário ao da leitura (...) as operações de preparação das formas, durante as quais o artista aproxima do tampão da prensa os sinais gráficos (...) o uso da pinça na composição de linhas (Anselmo, 1981:345).

Gutenberg misturou fuligem, resina e óleo de linhaça para que a tinta na impressão dos textos secasse mais rapidamente, a mesma era aplicada com duas almofadas forradas de couro de cão e crina de cavalo por dentro e colocada no carimbo da prensa. O papel ou o pergaminho eram inseridos na tampa, onde depois eram colocados sob a placa da prensa e finalmente com a ajuda do torniquete da prensa imprimia-se a placa com o papel sobre os caracteres.

António dos Santos, aquando da entrevista exibiu uma impressora de mão e outra a pedal, com o formato de rama de 40x30 e uma cilíndrica de marginação manual da marca

⁸³ Matéria-prima chega ao Ocidente vinda da China, pelas mãos dos árabes. Com o surgimento da imprensa o papel ganha importância face ao pergaminho, favorecendo o trabalho, ficando este mais rápido, mais rentável e mais económico, o que leva ao abandono do uso do pergaminho. In Anselmo, Artur (1981), *Origens da Imprensa em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Pp. 389.

⁸⁴ In Tipografia (2007) “Paul Heitlinger: Os livros” <http://www.tipografos.net/autor.html> [03 de dezembro de 2013].

Marioni, onde antes do trabalho ser impresso era feito a prova tipográfica. Explicou que tintava-se a forma com um rolo normal, humedecendo depois um pedaço de papel que assentava por cima, decalcando-se com um tamborete e um maço, onde seguidamente o papel⁸⁵ era deslocado lentamente da forma, ficando feita assim a prova para que o cliente desse o parecer.

Ao local onde se colocam os títulos dá-se o nome de tituleira.

Todas as empresas tinham de possuir símbolos, para que os mesmos fossem colocados nas faturas e em todos os documentos necessários e faziam-se em empresas especializadas na área, nomeadamente em Lisboa. Como referem os antigos alunos do orfanato, António dos Santos e Fernando Filipe: “uma gráfica tinha de ser polivalente e apartidária, pois podia-se imprimir todo o tipo de símbolos para quem quer que fosse (...) primeiro trabalhava-se para sustentar a família, depois é que viria as ascendências partidárias.”

António dos Santos refere que trabalhavam com a medida de quarenta e dois quadratins, característica das tipografias do norte do país, no sul trabalhavam com quadratins ou quadratins e meio, de oito ou doze pontos e no norte com dez pontos. Explica que uma regreta leva oito pontos que faz um quadratim e uma entre linhas faz dois pontos. Uma peça de doze pontos são seis entre linhas, o que faz um quadratim e meio. Um trabalho com quarenta e oito pontos não chega para justificar a altura da linha e tem de se colocar mais doze, o que faz com que fique com um corpo de setenta e dois.

Dá-se o nome de *Linguado* aos textos mais longos e são feitos num componedor antes da composição mecânica. António dos Santos mostrou aquando da entrevista um exemplo de linguado, onde a letra do composto foi feito em corpo seis. As composições eram colocadas e encaixadas na rama, antes de ir para o prelo⁸⁶ para tirar uma prova. Se a composição fosse feita a cores tinham que ser feitos a quatro gravuras, onde numa gravura eram colocadas a cor amarela, noutra a magenta, o ciano e a cor preta. A este processo dá-se o nome quadrito mia. Se fosse feita a duas cores denominava-se de bitom. Os antigos alunos, referiram que trabalhar com a cor do ouro é muito fácil, pinta-se o trabalho a amarelo e depois de seco com um algodão, coloca-se nas costas purpurina, coloração que oferece a cor do ouro.

⁸⁵ Quando faltava papel, quem cortava o mesmo era sempre o encarregado da tipografia.

⁸⁶ É quando a obra está completa, ficando apenas a verificação antes da impressão final.

Como já foi referido anteriormente, os mestres de tipografia eram especialistas na área de ourivesaria, o que fez com que a imprensa virasse as costas para a ourivesaria. Esta situação verificou-se devido à debilidade financeira dos impressores, estes mais inclinados para os expedientes práticos cómodos e acessíveis do que para a execução ou aquisição de gravuras em madeira. É de salientar que as primeiras gravuras publicadas em livros portugueses foram feitas com tipos de metal (Anselmo, 1981:354-355). Em volta das imagens e letras principais utilizavam-se outro material iconográfico, denominado de cercaduras a imitar os motivos azulejares (Anselmo, 1981:358). As tarjas decorativas são as marcas de início do texto, a primeira página normalmente é envolvida por uma cercadura composta com vinhetas⁸⁷ (Anselmo, 1981:381-382).

3.3.3. A Oficina de Tipografia do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais



Fig. 21. Primeira Oficina de Tipografia – 1934⁸⁸

A compra do equipamento tipográfico para a formação da oficina deu-se a 28 de novembro de 1933, efetuada pela Câmara Municipal, mais especificamente pelo senhor Eduardo Augusto Correia e pela quantia de catorze contos e quinhentos escudos, cuja inauguração se deu no dia de Natal de 1933.

⁸⁷ Representante por exemplo de videira com folhas e cachos, tronco com animais, ramagens floridas ou brasão com escudos.

⁸⁸ In Centro de Convívio dos Ex-alunos do Orfanato Municipal de Setúbal (1995), *Sala dos Quatro Ofícios*. Orfanato Sidónio Pais 1919-1995. Setúbal.



Fig. 22. Máquina de Impressão a pedal com marginação manual⁸⁹

As máquinas tipográficas são praticamente todas de origem alemã e foram colocadas provisoriamente no interior da capela do Convento, até fazerem as instalações definitivas, mas as obras não chegaram a ser finalizadas. Atualmente estas máquinas encontram-se no interior do edifício, mas numa zona à parte da funcionalidade normal da Casa da Baía.

Aquando da conclusão do exame da quarta classe muitos dos internatos poderiam ingressar numa das oficinas de carpintaria, sapataria e tipografia. António dos Santos, depois de ter terminado o exame da quarta classe ingressou no ofício de tipógrafo. António Sequeira foi o primeiro mestre deste ofício, formado na Escola Salesiana de Lisboa, a melhor escola de artes gráficas do país.

⁸⁹ Gina Santos, 2013.



Fig. 23. Mestre de Tipografia, Sequeira Andrade⁹⁰

António dos Santos começou como aprendiz, começando por juntar as letras nas caixas dos tipos, que eram formadas por caixotins. De componedor na mão, lá foi ensaiando as primeiras linhas de composição em granel, que depois mudava para o galeão de madeira, atando-as com um cordel. A paginação era orientada pelo mestre, que consistia em transformar as páginas regulares em granéis de composição, que tinham de passar primeiro pela secção da composição, para o conhecimento e impor as ramas, seguindo-se então a impressão do trabalho, mas só depois de emendadas seguiam para a primeira prova.

António pediu ao seu mestre para mudar para o ofício de impressão, tendo sido então impressor. Todos os impressores tinham de passar primeiro pela composição, de modo a adquirirem o conhecimento dos materiais e só depois é que poderiam começar a impor ramas. Com a ajuda da máquina de impressão a braço, de formato reduzido fizeram primeiramente os bilhetes⁹¹ das urbanas, tendo sido a primeira carreira, a do Bairro da Conceição-Mercado (Santos, 2004:86). Faziam-se também cartões-de-visita, cartões comerciais, catálogos e vinhetas. Na entrevista realizada a António dos Santo, refere que,

os calendários são fáceis de refazer, quando o ano passa, basta rubricar e avançasse uma casa. Quando existe um erro, chama-se galha, e avisa-se o compositor para emendar. Os cartazes que fazíamos por brincadeira, ajudava-nos a esquecer a nossa condição de rapazes, sujeitos a um regime de clausura.

⁹⁰ In Santos, António dos (2009), *Para lá dos portões do asilo. Setúbal 1958, Histórias, sonhos e liberdade*. Setúbal: Corlito.

⁹¹ Só se faziam dois bilhetes de cada vez.

Os rapazes aprendizes, ganhavam um pequeno ordenado, sendo o ordenado máximo de cento e cinquenta escudos por mês, e que era registado na caderneta de cada um dez por cento, ou seja quinze escudos. Aos dezoito anos, data limite para os internados no orfanato, Carlos Garcês, encarregado da tipografia, convidou António para continuar a trabalhar na oficina como empregado, com um salário de oitocentos escudos por mês. Num tom emocionado de agradecimento, António dos Santos mencionou: “o ofício de tipógrafo fez de mim um impressor gráfico.”

Com o ofício de tipógrafo os rapazes saíam do orfanato e logo arranjavam emprego, onde o vencimento dava para pagar a casa e tudo o resto necessário para a sua subsistência.

4. Programa Museológico do projeto expositivo da Oficina de Tipografia do Antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais

4.1. Parâmetros do programa / Modelo de Implementação

Todo o espólio apresentado neste projeto expositivo deverá ser regido por estruturadores museológicos, neste caso a Lei 107/2001, que estabelece as bases da política de valorização do Património Cultural e a Lei 47/2004, Lei-quadro dos Museus Portugueses. De acordo com o artigo 61º da Lei 107/2001 de 8 de setembro, serve para conceder aos bens culturais a devida proteção, evitando assim que o mesmo se degrade.

A abordagem deste projeto tende em vista a museografia e a museologia, pois visa a preocupação da conservação, segurança e tudo o que tenha a ver com a preservação dos objetos expostos assim como de todos os intervenientes na exposição. Pode-se considerar também a visão do museólogo e comissário em relação à conceção e implementação de uma exposição, quanto à especificidade do espaço e do material a ser utilizado, este tem de ser criativo e original, tendo o mesmo que tomar opções, arriscar e decidir o que se quer fazer.

A sensibilidade enquanto estudante de museologia e comissária da exposição deste projeto, leva à opção de juntar os materiais abaixo discriminados, tendo o cuidado de excluir e não colocar materiais supérfluos e que nada tenham a ver com o tema em questão. Pretende-se não colocar materiais artificiais e ou contaminar os objetos principais, face à importância e referência que os complementa, pois os objetivos fundamentais num museu são expor e comunicar com os diversos públicos, sempre com o cuidado de divulgar o património e transmitir o conhecimento (Trindade et al, 1993:137).

Na exposição deve constar nos vários textos o título, subtítulo, frases, informação geral sobre o tema e subtema; nome do objeto, matéria, cronologia, autor ou oficina ou local de fabrico, proveniência e número de inventário.

4.2. Áreas de acesso e Acessibilidade

A acessibilidade é pensada para a diversidade humana de modo a que o espaço físico e a pessoa comuniquem entre si. A acessibilidade do espaço, da comunicação e do pessoal envolvido, assim como a sinalética, informação, orientação são importantes. O acesso à exposição será efetuado através da entrada principal do edifício da Casa da Baía, Posto de Turismo de Setúbal, em direção aos claustros e subsequentemente em direção à galeria de exposições. O percurso por ser linear e sem obstáculos arquitetónicos o acesso a visitantes portadores de alguma deficiência motora não estará condicionado.

4.3. Conservação Preventiva

4.3.1. Condições de Conservação

Segundo Garry Thomson “existe a prioridade da análise das coleções segundo a consciência da importância das condições climatéricas exteriores e interiores, assim como da humidade relativa, combater a poluição” (Trindade et al, 1993: 163). Para haver uma exposição, tem de haver um plano de Conservação Preventiva, onde primeiramente se irá efetuar o inventário do acervo, avaliando à *posteriori* o estado de conservação das peças. Este plano será orientado com base na Lei-quadro dos Museus Portugueses⁹². A Conservação Preventiva, tem como objetivo principal prolongar a vida útil dos objetos museológicos, com especial atenção à qualidade, sensibilidade e resistência dos materiais, mas igualmente também às condições e fatores externos, como choques, vibrações, roubo, vandalismo, ação da água, luz, insetos, humidade e temperatura.

4.3.2. Iluminação

“A iluminação museológica tem como objetivo permitir a visão correta assim como a valorização cénica dos objetos e textos de uma exposição” (Trindade et al, 1993:164). É indispensável que cada objeto seja suficientemente iluminado e com as condições adequadas ao seu estado de conservação, de modo a que o visitante possa descobrir o objeto na sua plenitude e assim favorecer a sua leitura (Viana, 1974:86). A luz natural é variável consoante as estações do ano e na sala expositiva irá recorrer-se à iluminação artificial, zenital, que apresenta-se como uma luz monótona e estática, pode ou não afetar a observação das obras, não é gratuita e afasta as peças da vida real, porém apresenta aspetos positivos, pois permite a visualização da exposição a qualquer hora do dia, permite dar relevo e destaque a algumas obras, não degrada as obras, como é o caso da luz solar (Viana, 1974:92). Poder-se-á elaborar um estudo mais pormenorizado de iluminação, onde se terá o cuidado em alguns espécimes, de modo a valoriza-los, mas sempre com o cuidado da preservação dos mesmos.

4.3.3. Temperatura, humidade e Poluição

Segundo Garry Thomson, “a humidade relativa deve de se manter entre os 40 e os 70% e a temperatura ideal será entre os 20 e 22 graus centígrados” (Trindade et al, 1993:

⁹² De acordo com o Diário da República, Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto, Lei-quadro dos Museus Portugueses. <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/legislacao/20126194443.pdf> [20 de janeiro de 2013].

170, 171). Na sala expositiva suprime-se as janelas, diminuindo assim os inconvenientes da humidade, temperatura e pó (Viana, 1974:92). Haverá um controlo diário do estado dos valores de temperatura e humidade relativa, assim como também haverá o cuidado necessário para que o ar seja renovado, evitando assim ao máximo a poluição no local.

4.3.4. Plano de Segurança para as peças, visitantes e funcionários

Deve ter-se em atenção o arranjo das salas, especialmente os termo - higrógrafos, extintores de incêndio entre outros objetos de distração dos visitantes. Tende-se a ter cuidado de acautelar a segurança do espaço, recorrendo ao fato desta exposição estar inserida numa ala do edifício da Casa da Baía, cuja mesma está protegida com sistema antirroubos. Ter um plano estratégico de evacuação, mostrar o circuito da exposição, limitar o espaço entre os objetos e os visitantes, evitar a captura de imagem e som e garantir a confidencialidade das imagens. Limitar o número de visitantes e garantir a vigilância do local.⁹³

4.4. Serviço Educativo

A existência de serviços educativos nas instituições culturais teve um impacto significativo no que toca à diversificação da oferta e aumento de visitantes, nesse sentido a proposta de conceção desta exposição baseia-se na análise de exemplos de projetos educativos em que a instituição procura estabelecer uma relação estreita com os seus visitantes, o ambiente e a comunidade local e no fundo elaborar uma oficina tipográfica, ou seja, uma oficina viva com um tipógrafo a mostrar o seu ofício, de certa forma, tentar remontar a tipografia de modo a preservar, promover e divulgar o património ali exposto.

O serviço educativo contém elementos essenciais à transmissão dos conteúdos e contextos do acervo da exposição, participa em conjunto com os diversos públicos, numa construção crítica, dá conhecimento e vida, promove e divulga diversas áreas, como a História, Arte, Sociologia, Antropologia, entre outras. “Educar é favorecer a manutenção do homem, a partir do seu estado incipiente de compreensão até à máxima possibilidade de que for capaz”⁹⁴. Estas áreas de estudo são importantes na formação dos indivíduos, na sua estrutura intelectual bem como na sua identidade cultural para o seu relacionamento em soci-

⁹³ In Diário da República, Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto, Lei-quadro dos Museus Portugueses, art.º 38º -“ Confidencialidade do plano e das regras de segurança.” <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/legislacao/20126194443.pdf> [20 de janeiro de 2013].

⁹⁴ In Associação Portuguesa de Museus (1987), “A Escola vai ao Museu”. *Atas do VII Encontro Nacional (1998), Museologia e Autarquia*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal. Pp. 28-31.

idade, onde a relação museu escola deve de começar desde a infância, aguçando a capacidade criativa até à idade adulta. A história local mostrada na exposição, brinda ao estímulo artístico, cativando a aprendizagem, imaginação e criatividade (Duarte, 1994:9). É importante tornar a criança num sujeito com uma personalidade ativa na educação e na cultura (...) onde a participação da criança no quotidiano vivido é lembrado em memória histórica e deixará nela uma viva sensibilidade (...) e tudo será cultura⁹⁵. Entre os instrumentos de suporte de memória coletiva⁹⁶, a classificação dos monumentos e os aspetos sociais, adquirem interpretações distintas capazes de evocar recordações e conhecimentos valorizados socialmente (Moreira, 1989:24).

Para uma reflexão detalhada sobre a museologia, o modo como se pode adaptar e evoluir o processo expositivo, tende-se a permitir a efetiva participação dos visitantes na construção do museu e para que isso seja possível, pretende-se reconhecer a importância para que nos dias de hoje e no futuro se possam construir processos em parceria, valorizando a identidade cultural dos locais e sua comunidade. Se a história vive em algum lugar, então esse lugar é a memória, sendo que o direito à memória só “é garantido quando a comunidade toma consciência do seu papel fundamental de guardiã do próprio património” (Maia, 2003), facto que leva toda uma comunidade a preservar, interpretar, evocar, divulgar e assim contribuir para o desenvolvimento social e económico do local onde está inserida.

O papel do museu na sociedade não é um luxo, pois a educação estética leva a criança a viver e a crescer com o património e com os outros, no passado ou futuro, com culturas longínquas ou mais próximas, levando assim a criança a uma progressão no entendimento até à sua fase adulta.⁹⁷ Cabe ao educador a planificação da investigação, a condução e a adaptação dos vários contextos às crianças, à escola, ao trabalho, ao bairro, à aldeia e aos materiais que possui (Telmo, 1986:15).

Tende-se a dinamizar culturalmente e turisticamente a tipografia e sua envolvência, partindo do processo de investigação e dos recursos financeiros disponíveis. Pretende-se também construir um processo baseado na participação dos visitantes e da comunidade, como o apoio a visitas e a consequentemente *ateliers*. O museu é tão ou mais importante do

⁹⁵ Ibidem.

⁹⁶ “Evoca acontecimentos que tiveram lugar na vida de um grupo social, independentemente da sua extensão (...) grupos coexistentes na sociedade, família, vizinhos, no meio profissional, religioso, etc... mostra as ligações existentes entre os vários grupos sociais e culturalmente próximos”. In Moreira, Isabel M. Martins (1989), *Museus e Monumentos em Portugal – 1772-1974*. Lisboa: Universidade Aberta.

⁹⁷ Ibidem. Pp. 32.

que uma biblioteca, nesse sentido as visitas guiadas servirão para ilustrar o espólio apresentado. Os motivos que levam os visitantes a irem ao museu podem ser vários, logo o museu terá de apresentar estratégias para captarem e orientarem os diversos públicos, sejam eles individuais ou em grupo.

Deverá de se proporcionar “estratégias no serviço educativo para garantir públicos efetivos (consumidores ou utilizadores) nos Museus”⁹⁸, neste caso no projeto proposto, a exposição da Oficina de Tipografia do antigo orfanato, deve aliciar a educação como um processo interativo no sentido da vulgarização do conhecimento científico; dirigido a todos os públicos, deve cativar e fidelizar audiências, tendo em conta a diversidade de abordagens.⁹⁹

Independentemente da origem étnica, geográfica, nível socioeconómico, o ensino é um direito a que todos assistem. Existe porém algumas pessoas portadoras de deficiência física ou mental que os impede de ter uma educação dita normal e nesse sentido necessita de apoios especiais que os ajudem a ultrapassar essas dificuldades que acarreta a sua deficiência. Tem de existir igualdade de oportunidades e é nesse sentido que esta sala de exposições possui a particularidade de facilidade no seu acesso, assim como o projeto está concebido para que qualquer pessoa possa deslocar-se, podendo ver, tocar e compreender da melhor forma possível o espólio exposto.

O enquadramento deste projeto, tem como principal objetivo promover o papel da museologia, através de objetivos estratégicos:

- promover a divulgação do património cultural através da reconstituição histórica do orfanato e tipografia;
- construção de uma narrativa pedagógica e acessível a diversos públicos;
- rentabilizar social, cultural e economicamente, mediante a construção de um novo polo ou exposição temporária, de atração turística através de um projeto inovador que se baseia nos princípios da museologia;
- mostrar aos diversos públicos um espólio que lhes estava restrito.

⁹⁸ XXV Encontro dos Serviços Educativos de Museus (2000), *O nosso lugar é hoje um lugar multicultural*. Nazaré e Batalha.

⁹⁹ *Ibidem*.

4.5. Seleção, encenação e exposição dos testemunhos

4.5.1. Registo de algumas personalidades que passaram pelo antigo Orfanato Presidente Sidónio Pais

Pode-se considerar as personalidades mais importantes para a instituição, o Presidente da Comissão Administrativas da Câmara Municipal de Setúbal, o Sr. Henrique Augusto Pereira; Joaquim Pedro Ferreira, César Romano Baptista e António Mendes Fialho, os primeiros administradores; Joaquim Brandão, representante do Ministro dos Trabalho e os secretários, o Dr. Paula Borba¹⁰⁰, que constituíam ambos a mesa aquando da inauguração do orfanato; Romano Baptista, Dr. Macedo e Castro e Ferreira e Gil, este último o representante da Câmara Municipal de Setúbal (Santos, 2004:12); o Presidente da Comissão, entre outros vereadores a cargo do pelouro de Assistência e Vogais escolhidos pelos superiores da Câmara; o Capitão Luíz Vila Verde, Manuel Dias Duque, António José de Moraes Júnior e Humberto Américo Ferreira da Cunha, todos pertencentes à 2ª Comissão Administrativa; o ex-Salesiano (...) Sr. Duarte Fonseca (1945-47), que possuía funções administrativas; o Sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, a quem o orfanato ficou a cargo; o Perfeito Luíz Adriano (Naburra); o Mestre de Tipografia Sequeira Andrade; Padre Nunes, ensaiador, ator e locutor, responsável pelos espetáculos de entretenimento, teatro e música.



Fig. 24. Joaquim Brandão, Presidente da Câmara Municipal de Setúbal, 1919¹⁰¹

¹⁰⁰ Dr. Paula Borba era considerado pela população um republicado convicto e uma figura muito querida, pois sabia falar com alma. Saudou as pessoas e inclusive dirigiu-se às crianças, felicitando-as pelo que alcançaram e que naquele momento considerava-se pai das crianças e que não os ia desamparar, nesse momento, como cita António Santos, as lágrimas rolam a sua face, deixando comovidas e orgulhosas as pessoas que assistiam à sessão. In Centro de Convívio de ex- alunos do Orfanato Municipal de Setúbal (1995), *Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais 1919-1995*. Setúbal. Centro de Convívio dos Ex-alunos do Orfanato Municipal de Setúbal (1995), *Sala dos Quatro Ofícios*. Orfanato Sidónio Pais 1919-1995. Setúbal.

¹⁰¹ In Santos, António dos (2009), *Para lá dos portões do asilo. Setúbal 1958, Histórias, sonhos e liberdade*. Setúbal: Corlito.

Apresentar-se-á uma breve descrição de alguns nomes, alcunhas e números correspondentes dos antigos alunos do orfanato:

Carlos Mendonça, número três; Mendonça, *Espia*, número quatro; Salvador Pereira, número dez; António Agostinho, número dezanove; Camacho, número vinte e cinco; Celestino, *Alfafa*, número vinte e oito; Sousa Graça, número vinte e nove; Fernando Filipe, *Besugo*, número trinta; Diamantino, número trinta e dois, *Lambuças*; *Rex*, número trinta e três; José Aguiar, número trinta e cinco; Artur, número trinta e oito; Fernando Custódio, *Balolas*, número quarenta; João Martins, *Maneta*, número quarenta e um; José da Luz, *Batata*, número quarenta e dois; Elias Prego, número quarenta e três; Virgílio, *Osguinha*, número quarenta e quatro; Francisco de Almeida, *Tinteiro*, número quarenta e sete; Henrique Rocha, *Chabregas*, número quarenta e oito; Neves, número quarenta e nove; António Fragoso ou Jorge Fragoso, número cinquenta e um; Diamantino, *Zarolho*, número cinquenta e dois; Filipe Câmara, número cinquenta e cinco; Carlos Cruz, número cinquenta e sete; Ribeiro, número cinquenta e oito; Álvaro Correia, *Diabo*, sessenta e oito; António dos Santos, *Mijão*, número sessenta e nove.

4.5.2. *Testemunhos de antigos alunos do antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais*

Foram efetuadas entrevistas a dois dos antigos alunos do orfanato, nomeadamente ao senhor Fernando Filipe e ao senhor António dos Santos.



Fig.25. Fernando Filipe, *Besugo* (30)¹⁰²



Fig. 26. António dos Santos, *Mijão* (69)¹⁰³

¹⁰² Gina Santos, 2013.

Conforme o apêndice 1, testemunhar-se-á algumas das memórias de dois antigos alunos do orfanato, nomeadamente ao Senhor António dos Santos e Fernando Filipe, elaboradas através de uma entrevista impessoal que contextualiza e descreve os rituais que traduzem a passagem do tempo em que privaram com o orfanato e com o espaço envolvente do mesmo, nomeadamente a cidade de Setúbal.

As descrições e testemunhos destes dois exemplos de pessoas e das diversas personalidades individuais que passaram pelo espaço do orfanato, especialmente pela oficina de tipografia do orfanato, ter-se-á em especial atenção, o começo da aprendizagem do ofício de tipógrafo e quando enredaram por esta profissão aquando da saída da instituição referida, quando deixaram de ser aprendizes e começaram a ser oficiais.



Fig. 27. António dos Santos¹⁰⁴

António dos Santos, antigo aluno do Orfanato Municipal Sidónio Pais, foi colocado pela sua mãe no Asilo Paula Borba, única creche que havia em Setúbal, mas como não havia a devida assistência, quando tinha apenas um ano e meio, foi levado para o orfanato feminino da *Infância Desvalida*. Como refere António dos Santos durante a entrevista: “Era um menino no meio de sessenta raparigas, era tratado como um rei”. As meninas davam-lhe banho, mudavam-lhe a roupa, deitavam-no, cantavam e contavam histórias para adormecer. Ficou no orfanato até aos sete anos, indo depois para o Orfanato Presidente Sidónio Pais em 1947. Foi o internato número duzentos e sessenta e oito a dar entrada e como todos os alunos desta casa era presenteado com uma alcunha, neste caso o *mijão* ou número sessenta e

¹⁰³ Ibidem.

¹⁰⁴ In Santos, António dos (2004), *O Achamento de meu pai...e outras histórias vividas no Orfanato Municipal de Setúbal*. Setúbal: Corlito. Pp.33.

nove, porque urinava durante a noite em sua cama e que aos “treze anos parou, como por encanto”, referiu António dos Santos.

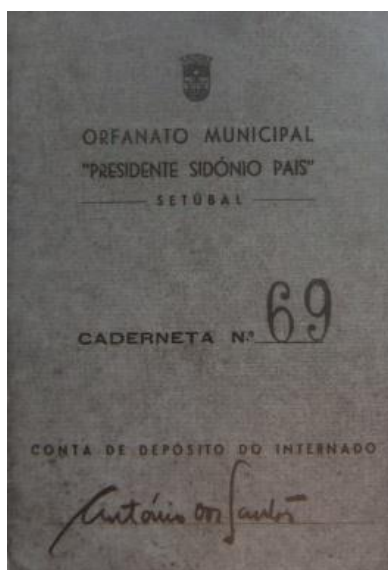


Fig. 28. Caderneta de Internado¹⁰⁵

Quando entrou pela primeira vez no orfanato, deparou-se com meninos descalços, com calções e camisetas sujas e esgaçadas, cabelo raspado, caras de sofrimento e olhares tristes, chorou com medo e tentou fugir.

António dos Santos foi considerado o *Rei dos Mijões* e no orfanato havia um problema quanto aos mijões, pois estragavam o soalho das camaratas e a roupa que era insuficiente. Os rapazes que eram apanhados de manhã com a cama molhada levavam um castigo, eram corridos para o balneário, fosse Inverno ou Verão e tomavam duche de água fria (Santos, 2004:23).

Como referido, todos os rapazes que entravam no orfanato ficavam com uma alcuha. Houve um rapaz que ficou o *Tinteiro* (47), porque não chegava ao tinteiro, um dos poucos rapazes que ingressou nos estudos na Escola Industrial e Comercial de Setúbal; outro ficou o *Bacalhau*; o *Mochó*, que era sonâmbulo; o *Xabregas* ou número vinte e oito; o Celestino, mais conhecido por *Alfafa*, que pousava sempre para a fotografia; ao Galier deram o nome de *Macaco* ou número trinta e seis, como refere António dos Santos: “parecia um ma-

¹⁰⁵ In Santos, António dos (2009), *Para lá dos portões do asilo. Setúbal 1958, Histórias, sonhos e liberdade*. Setúbal: Corlito.

caquinho, pois só andava aos saltos e hoje em dia mesmo com setenta anos ainda o tratam da mesma forma”¹⁰⁶

Aos domingos, aquando da formatura e da missa matinal, era trocado o lenço lavado pelo sujo, caso não o fizessem ficavam de castigo e impedidos nesse domingo de ir ao cinema ou ao futebol, mas infelizmente António dos Santos perdia quase sempre o lenço, o que fazia com que a manga da camisa fosse o seu lenço. Para muitos esquecerem o pesadelo dos castigos, tiravam as cuecas e faziam delas uma bola.

A instituição vivia do apoio e da caridade e por volta do ano de 1953, as fardas teriam de ser substituídas e então tiveram de adquirir o dinheiro para a compra do tecido e respetiva confeção, nesse sentido solicitou-se autorização à Câmara Municipal de Setúbal para que se colocasse um *stand* na feira de Santiago para vender rifas a favor do orfanato, o prémio era uma bicicleta a pedal. Cada rifa custava na altura 1\$00 cada, mas não era nada fácil a sua venda. Ao fim de quinze dias de feira só conseguiam vender metade das rifas, ficando então destinado as restantes aos rapazes o resto da venda.

António dos Santos quando acabou de fazer a 4ª classe, como todos os rapazes, voltou-se para uma das oficinas do orfanato, neste caso a tipografia, um dos ofícios mais cobichados, pela garantia de emprego. Saiu do orfanato em 1958, juntamente com os colegas Álvaro Correia ou número sessenta e oito e Sousa ou número vinte e nove. Habitados a horários rígidos e à disciplina do orfanato, sentiam-se frágeis e dependentes da ligação que os uniam, mas aos poucos foram-se habituando à liberdade, que impunha regras e consequentemente problemas. Necessitavam de dinheiro para se sustentarem de forma a sobreviverem fora das portas do orfanato. Como refere António dos Santos: “Tudo tem o seu preço.”¹⁰⁷

Os comerciantes pediam rapazes do orfanato, comentam os dois alunos entrevistados, como refere António dos Santos “eramos uns santinhos, com alguma educação e cultura”¹⁰⁸

Dezoito anos era a idade máxima que se poderia ficar no internato e muitos tinham de abandonar a casa, mas muitos já com algum conhecimento e ofício. Começavam a trabalhar em tipografias como empregados e com um salário de oitocentos escudos por mês, con-

¹⁰⁶ Retirado da entrevista realizada a António dos Santos, apêndice 1.

¹⁰⁷ Retirado da entrevista realizada a António dos Santos, apêndice 1.

¹⁰⁸ Os rapazes deixavam crescer o cabelo entre os doze e os quinze anos, quando começavam a trabalhar, de modo a parecerem mais responsáveis. Retirado da entrevista realizada a António dos Santos, apêndice 1.

tudo “o ofício de tipógrafo (...) fez de mim um impressor gráfico (...) a escola foi boa para um ofício tão útil e cheio de futuro, por isso fico eternamente agradecido ao Orfanato Municipal de Setúbal” (Santos, 2004:88).

António dos Santos aos dezoito anos, recebeu do Diretor e do encarregado da tipografia o convite como impressor da máquina *Marioni*, do qual receberia como salário oitocentos escudos, o que lhe iria permitir pagar as despesas de aluguer do quarto e alimentação. Para além deste trabalho também às segundas, quartas e sextas trabalhava na tipografia do jornal *O Setubalense*, como impressor, onde imprimia os jornais e aos sábados à tarde na tipografia do jornal *O Distrito de Setúbal* que tinha como Diretor o Dr. Peres Claro (Santos, 2009:153). No Natal o jornal *O Setubalense* apresentava uma gravura muito grande que ocupava normalmente a primeira página, era feita em forma de zinco e cuja inscrição dizia as Boas Festas.

Mas como acontecia à maioria dos rapazes de vinte anos, tinham de ingressar na vida militar, mas como já estava habituado à vida rígida do orfanato, adaptou-se bem à nova vida. Depois de acabada a recruta, recebeu uma guia de marcha para se apresentar no RAL 12, em Coimbra, onde tirou a especialidade de escriturário. “O tempo que estive em Coimbra foi bem mais moderado em comparação com a recruta (...) o curso de escriturário era fácil” menciona António dos Santos¹⁰⁹. Levava o curso bastante a sério, tinha de aprender a escrever à máquina com as duas mãos e com todos os dedos e só descansava aos sábados de manhã, dia da semana que poderia obter a licença para ir a casa.

Passados três meses de vida militar em Coimbra e com a aquisição do curso de primeiro-cabo escriturário, recebeu uma nova guia para se apresentar em Setúbal, mais concretamente no *Regimento de Infantaria 11*, para integrar no Batalhão que se iria formar para irem para Angola, mas devido aos cursos que possuía, colocaram-no na secretaria do Quartel, de modo a ajudar na papelada dos soldados que iriam então fazer parte do batalhão que iriam partir para o Ultramar. Refere que estava com vontade de conhecer terras de África, mas teria então chegado o um ofício com as diretrizes de que aquele serviço iria ser destacado para outro batalhão, e ficou então de reserva, mas só que este batalhão foi o último que se formou, completando assim a tropa, manteve-se na secretaria como escriturário.

¹⁰⁹ Retirado da entrevista realizada a António dos Santos, apêndice 1.

Para sair da vida militar, teve que oferecer um carneiro ao primeiro-sargento Carrasco e então receber um impresso que disponibilizaria o seu lugar e aí ficaria livre à tropa (Santos, 2004:154).

Chegou a ser sócio fundador da empresa Gráfica *Corlito*, onde trabalhou durante trinta e cinco anos.



Fig. 29. Fernando Filipe ¹¹⁰

Fernando Filipe ingressou, igualmente como António dos Santos, na oficina de tipografia. Possuía a alcunha de *Besugo* ou número trinta e descreveu várias situações ocorridas com os alunos dentro e fora do orfanato. Enumerou uma história, onde na Igreja da Anunciada existia a um canto um órgão, este possuidor de umas grandes teclas. Juntamente com outro colega, o *Zarolho* ou número cinquenta e dois, foram ver no decorrer da missa matinal, se o órgão funcionava. O Padre Inácio ficou muito zangado, porque parou a missa e toda a gente que se encontrava a assistir olhou para ver o que se estava a passar (Santos, 2006:27). Levaram um castigo, ficando ambos proibidos de sair aos domingos.

Fernando Filipe quando atingiu os dezoito anos de idade não sentiu dificuldade em se integrar na nova vida, pois tinha uma irmã em Belém que o acolheu aquando da sua saída do orfanato. Com a profissão que aprendeu no orfanato, de compositor tipografo, arranjou logo emprego, mas passado algum tempo teve que ingressar como praça no Destacamento de Engenharia 1, na Pontinha. Depois de ter acabado a recruta, foi colocado em Elvas para fazer a especialidade de radiotelegrafista, depois foi para o Ultramar, embarcando pouco depois para a Índia, como telegrafista, no navio *Niassa*, a 26 de 1960. Nesta missão, mais concretamente a Goa, não foi muito feliz, refere, devido à invasão do território pelas forças

¹¹⁰ In Santos, António dos (2004), *O Achamento de meu pai...e outras histórias vividas no Orfanato Municipal de Setúbal*. Setúbal: Corlito.Pp.64.

militares da União Indiana. Muitos colegas foram feitos prisioneiros, muitos deles durante seis meses. Deixou o campo de concentração de Goa a 14 de maio de 1962, com destino ao Paquistão e dois dias depois para Moçambique, para recolher portugueses que se encontravam reféns em Alparqueiros. Chegou a Portugal, mais concretamente ao porto de Alcântara no dia 30 de maio de 1962 e “se não fosse a vivência do orfanato, não teria conseguido ultrapassar as dificuldades”, menciona Fernando Filipe.¹¹¹

Com o ofício que adquiriu no orfanato, juntou ao seu curriculum o curso de linotipista, o qual exerceu durante uns anos numa gráfica em Lisboa. Considera-se “uma pessoa íntegra e honesta e não deixa as obrigações nas mãos de ninguém” (Santos, 2009:134). Mantém até aos dias de hoje a atividade de oficina de tipografia, dos tempos em que aprendeu com o seu colega de ofício, Galier, mais conhecido por *Macaco*, de quem foi sócio durante muitos anos na sua gráfica, Gráfica Sadina, em Setúbal (Santos, 2009:134).

Muitos rapazes tentavam a sua sorte fora do orfanato, Carlos Cruz (57), que também tirou o ofício de tipógrafo, foi marçano na mercearia do Sr. Miguel, que ficava nas traseiras do orfanato. Não se adaptou ao serviço, ficando o mesmo à disposição do *Besugo*, que não conseguiu resistir à tentação de ficar com o lugar do cinquenta e sete. Apesar de não gostar muito do emprego, quis logo o mesmo, pois iria ficar fora do orfanato e estar rodeado de rebuçados e bolachas. Filipe roubava tudo o que encontrava nos frascos e o Sr. Miguel vendo os frascos cada vez a ficar mais vazios chamou a sua atenção referindo que ia falar com o Perfeito para lhe dar um corretivo.

Como foi referido anteriormente, o cinquenta e sete e o trinta ficaram no ofício de tipografia, sendo Carlos Cruz o impressor e o Fernando Filipe o compositor manual.

Referem que “um dia à hora do jantar, o Perfeito anunciou que havia uma alfaiataria, que pediu um alfaiate e pergunta: Quem quer ser alfaiate? Ficou tudo calado, pois era um trabalho de mulher, mas levanta-se o *Alfafa* ou número vinte e oito, que pensou que ia para o pé das mulheres e como gostava muito de mulheres (...) Nas alfaiatarias havia normalmente dez a quinze raparigas (...) o rapaz ficou com a alcunha de *Alfafa* porque passava um filme cujo título seria *A Pandilha do Alfafa* e como o personagem principal tinha a mesma figura, com os cabelos em picos (...) numa noite colocou sabão azul e branco na cabeça atando de seguida um lenço e depois dormia assim” (Filipe, 2013: Apêndice 2). Tornou-se um alfaiate

¹¹¹ Retirado da entrevista realizada a Fernando Filipe, apêndice 1.

conceituado em Setúbal, onde montou uma alfaiataria. Tinha a elite como clientes, um exemplo seria o pai do treinador José Mourinho. O *Alfafa*, assim com outros rapazes, tornaram-se aquando dos seus dezoito anos, bons profissionais de alfaiataria.¹¹²

O espaço entre o almoço e o jantar era longo, ambos servidos à uma e às sete horas da tarde, respetivamente e para colmatar o sofrimento da vontade de comer, muitos rapazes iam à cozinha espreitar o cozinheiro, que por descuido deste, iam sorratamente à despesa buscar o que pudessem. O *Lambuças*, empurrado pelo *Besugo* trazia torrões de açúcar, cobiçado “ouro açucarado”¹¹³, este último improvisava cartuxos de papel para colocar o açúcar, fugindo de seguida para as camaratas cheios de ansiedade para dividirem o delicioso farnel. Um dia alguém alertou o cozinheiro e tiveram de esconder o açúcar e escolheram o autoclismo, onde colocaram pendurado com um cordel. O Perfeito juntamente com o cozinheiro, foram à sala de aula mas não conseguiram descobrir os culpados. O *Besugo*, logo disse: “Estamos safos (...) vamos mas é buscar o farnel, antes que vá pelo cano a baixo (...) o *Besugo* vira-se para o trinta e dois e diz: Já viste *Lambuças*, a ideia de merda que tu tiveste? Então não vias que a água derretia o açúcar? És sempre o mesmo lambão. Comenta: (...) é caso para refletir o velho ditado popular: o crime não compensa”¹¹⁴. Atualmente ainda fazem muitos trabalhos para pessoas amigas ou familiares e dos quais mostraram um trabalho feito para a *Casa dos Pastéis* que se situa junto ao *Farelo*¹¹⁵, na Avenida 5 de outubro, em Setúbal.

As gráficas tinham de ser neutras, como refere o senhor Fernando Filipe, que assistiu a várias situações políticas em que grandes jornais, como a *Republica* e o *Século*, foram destruídos porque tiravam partido de algumas situações. “Uma gráfica tinha de ser polivalente e apartidária, pois podia-se imprimir todo o tipo de símbolos para quem quer que fosse (...) primeiro trabalhava-se para sustentar a família, depois é que viria as ascendências partidárias”.¹¹⁶

A mãe de Fernando Filipe veio de Lisboa, da casa dos tios, para Setúbal onde acabara por nascer Filipe¹¹⁷. Aquando da sua saída do orfanato foi viver para Lisboa, começando a

¹¹² Retirado da entrevista realizada a Fernando Filipe, apêndice 1.

¹¹³ Retirado da entrevista realizada a Fernando Filipe, apêndice 1.

¹¹⁴ Retirado da entrevista realizada a Fernando Filipe, apêndice 1.

¹¹⁵ Casa de rações para animais domésticos.

¹¹⁶ Retirado da entrevista realizada a Fernando Filipe, apêndice 1.

¹¹⁷ A família era de Belém, o pai era marítimo e veio trabalhar para Setúbal e foi onde conheceu a mãe, casaram e nasceu Filipe. *In* entrevista realizada a Fernando Filipe

trabalhar na Rua da Trindade, a seguir ao Carmo. Quando vinha a Setúbal deslocava-se de autocarro e de cacilheiro. Houve muita migração setubalense para Lisboa nos anos trinta, pois era uma cidade muito rica em tipografias e em Setúbal somente havia sete a oito gráficas.

O Ribeiro *Marreco* ou número cinquenta e oito e o José da Luz *Batata* ou número quarenta e dois, ambos encadernadores, foram à procura de trabalho para Lisboa, um sonho tornado realidade¹¹⁸, porque havia muitas gráficas, mais sofisticadas em relação às artes gráficas. Quando ouviam o bater das máquinas, sabiam que haveria uma gráfica/typografia por perto, onde acabariam por solicitar trabalho. Um encadernador em Setúbal ganhava muito mal, mas em Lisboa era significativa a diferença de salário. Nas tipografias de Lisboa, no primeiro ano, era-se aprendiz de 1º ano, 2º ano e 3º ano, depois iam a exame para subirem para auxiliar (meio oficial) e depois é que passavam a oficial (oficial de 1ª e de 2ª), e por fim tornavam-se Linotipistas. Filipe como ficou em segundo lugar, chegou a ir a concurso para ir para os Estados Unidos da América, mas devido ao serviço militar acabou por ficar em Portugal, sendo mais tarde chamado pela Pide, onde ficou preso em Goa.¹¹⁹

Facultaram o manual de instrução de tipografia, donde aprenderam o ofício e de onde se retirou muita da informação necessária para a realização de um item deste projeto, mais concretamente os tipos e a história da tipografia. Mostraram os selos que se colocam nos queijos e queijadas de Setúbal e uma mesa com várias publicações elaboradas nas tipografias de ambos. Mostraram também dois trabalhos, um deles cartazes da Feira de Santiago, feitos na tipografia, antes de haver o sistema de *offset*.

António dos Santos enumerou um dos acontecimentos em que o Perfeito achara que deveria de haver uma governanta no orfanato. A suposta governanta tornara-se muito amiga dos rapazes e como à noite tinham de caminhar até à casa de banho por um corredor com chão de pedra e sendo as loiças da casa de banho geladas, arranjou-lhes uns potes de barro, sendo os mesmos colocados nos quartos ao fim das camaratas, para que fizessem aí as suas necessidades. Comentou António dos Santos: “Um dia colocaram um pote cheio nas

¹¹⁸ Lisboa era a terra dos sonhos, a América portuguesa.

¹¹⁹ Foram escolhidos oito meninos, incluído Filipe, mas como acabou por não ir, foram os outros sete meninos. *In entrevista realizada a Fernando Filipe.*

mãos do *mocho* e sendo este sonâmbulo sabia sempre o que estava a fazer, levou o pote sempre sem cair, subiu e desceu as escadas sem partir o pote.”¹²⁰

Ao ver as fotografias mostradas por António dos Santos, reconheceu-se um dos senhores que frequentou o orfanato e que posteriormente aprendeu o ofício de encadernador, o *Calvinho*, cuja função desempenhou fora a de tesoureiro da Câmara. Tanto António dos Santos como Fernando Filipe comentaram que o Perfeito questionava muitos os rapazes na profissão que haveriam de possuir e muitos expressavam a sua vontade de serem encadernadores, tipógrafos, entre outras profissões, mas houve um que disse que “queria ser um homem”¹²¹, comentou Fernando Filipe Apresentaram também uma fotografia do conjunto dos vários rapazes do orfanato e mencionaram que foi tirada no Asilo Dr. Paula Borba. Normalmente as bandas e outros eventos tiravam fotografias neste espaço, porque havia uma grande escadaria própria para o efeito.

¹²⁰ Retirado da entrevista realizada a Fernando Filipe, apêndice 1.

¹²¹ Retirado da entrevista realizada a Fernando Filipe, apêndice 1.

**5. Perfil Museográfico do projeto expositivo Oficina de Tipografia do Orfanato
Municipal Presidente Sidónio Pais**

5.1. Plano de Intervenção arquitetónica e Narrativas

O programa museológico e projeto museográfico da Oficina de Tipografia do antigo Orfanato Presidente Sidónio Pais pretende mostrar a tipografia como uma oficina viva, uma tipografia integrada no próprio orfanato, na sala onde outrora fora a capela do convento e atual sala disposta como espaço expositivo, como exemplifica o espaço a amarelo na planta. António dos Santos, tipógrafo e antigo aluno do Orfanato, apresentará a arte tipográfica através do trabalho ao vivo, tendo como finalidade a preservação, promoção e divulgação do mesmo aos visitantes.

A criação e execução do projeto de musealização da Oficina de Tipografia, como já foi referido, será na Galeria de exposições da Casa da Baía, local onde serão colocados os vários espécimes relacionados com a oficina, nomeadamente as máquinas tipográficas e materiais que fundamentem a sua presença no orfanato. Deve evitar-se a excentricidade na sala e na disposição dos objetos, “estes devem ser colocados isolados, mas também em vários conjuntos, de valor pedagógico, artístico, social, etnográfico, antropológico, industrial, profissional, técnico ou histórico, conforme os casos” (Viana, 1974:111). Dar-se-á ênfase e contextualizar-se-á a oficina na sociedade que acolheu o orfanato, as crianças e suas vivências, testemunhos de antigos alunos do orfanato e por conseguinte aprendizes de tipografia, assim como também, mediante um estudo mais detalhado do espaço e características do material a ser exposto, a maioria de grande porte, deverão ser colocados os objetos pontuais de referência ao orfanato, crianças e sua envolvimento com a cidade. “O tempo valoriza e a raridade aumenta o valor patrimonial das obras e ou objetos museológicos” (Viana, 1974:122). Sendo assim de considerar didático o material exposto neste projeto expositivo, porque possui uma carga social e educativa da instituição que o acolhe, onde mostra a evolução do trabalho humano que leva ao estímulo do ensino e da aprendizagem da profissão de tipógrafo

A entrada para a exposição será efetuada pela porta principal da Casa da Baía, passando pelos claustros do convento, com direção à galeria de exposições. Já na sala irá ser colocado, um painel alusivo ao tema da exposição *A Oficina de Tipografia*, com uma fotografia exposta no fundo e outra em relevo da oficina, assim como do lado esquerdo, um breve texto introdutório da responsável pela criação e conceção da exposição com a explicação do que se vai ver e observar, assim como também um outro texto de um antigo aluno do orfanato, o senhor António dos Santos.

O circuito irá ser consumado pela direita, com a mostragem de vários painéis sucessivos e lusórios ao tema tipografia, iniciando com a contextualização social da cidade de Setúbal, com uma fotografia grande da avenida Luísa Todi, principal artéria da cidade e onde se encontrava o edifício do orfanato, seguindo vários apontamentos sobre o orfanato e a passagem dos rapazes pelo mesmo, com alguns testemunhos de antigos alunos, fotografias e espécimes que mostram a vida quotidiana, irão ser expostos ordenadamente e com destaque de algumas fotografias e ou objetos.

No circuito final da exposição figurará em particular o tema da tipografia, onde se mostrarão as máquinas tipográficas e todos os objetos e trabalhos tipográficos escolhidos para esta exposição.

5.4. Espaço

A Casa da Baía, edifício onde se encontra a oficina de tipografia do orfanato, pertence à Câmara Municipal de Setúbal, logo a planta do edifício não se encontra registada nos Serviços de Urbanismo, mas sim no Departamento de Obras Municipais.

Como consta no registo dos Serviços do Urbanismo: “Efetuadas buscas no sistema informático e cartográfico, não se localizou qualquer processo de obras com telas finais, para a Avenida Luísa Todi, n.º 468 (...) ex-edifício do Infantário *Os Pirilampos*. Correspondência n.º 3129C/08.”

As plantas foram facultadas pelo Departamento de obras da Câmara Municipal de Setúbal, onde se pode visualizar os muitos espaços existentes, nomeadamente a galeria de exposições onde se irá implementar o projeto.¹²²

A galeria de exposições da Casa da Baía foi uma antiga capela do recolhimento e local onde fora também a antiga oficina de tipografia.

Em relação às técnicas expositivas usadas para este projeto, estas devem de ser usadas conforme os ensinamentos da nova museografia, procurando ser uma fonte de ensinamento, uma sugestão cultural, uma exposição de coleções, onde apresentam objetos reunidos de maneira a formar um centro de interesse capaz de provocar associações de ideias e evocações do tema. O ambiente será discreto, adornado de cores neutras, usando o branco nas paredes, bases, pedestais ou plintos e vitrinas horizontais, com o cuidado em criar har-

¹²² Ver plantas no ponto 5.5.

monia entre os objetos e o edifício. Os objetos deverão de ser colocados num ambiente idêntico ao seu meio original, deve-se atender à sua qualidade e importância, escolhendo o lugar que lhe é de direito, nesse sentido deve-se atender ao seu tamanho e peso, conferindo-lhe a segurança necessária contra desgastes e deteriorações, devido às ações do ar, luz, poeira, humidade e calor ou até mesmo prejuízos causados pelos visitantes. “O museu projeta-se para o exterior, integrando as obras de arte com a própria natureza envolvente” (Viana, 1974:106-111).

5.4.1. *Percurso expositivo*

Começasse a dar importância à arte e sendo esta considerada património é exposta em galerias de arte e/ou museu, logo é necessário olhar a arte com alguma sensibilidade e desenvolver uma relação entre a obra e o visitante, de modo a que este dialogue e interprete o que observa.

Todas as peças tipográficas escolhidas para este projeto expositivo, encontram-se assentadas ao longo de um percurso expositivo que permite uma visita serena e tranquila, seja ela guiada ou não, a interpretação da peça será facilitada através da visualização e leitura das várias peças, textos e fotografias.

Nesse sentido, o percurso escolhido será o percurso linear, com a entrada e saída na exposição pela porta principal da Casa da Baía, em direção ao claustro, onde seguidamente à direita encontrar-se-á a entrada da galeria. No interior da galeria de exposições, o percurso será efetuado pela direita, permitindo ao visitante fruir de um espaço agradável e de fácil compreensão.

5.4.2. *Distribuição Espacial*

Sendo a galeria de exposições no interior da Casa da Baía, as necessidades específicas de apresentação, conservação e até de segurança da exposição estão asseguradas, pois neste edifício está sediado o Posto de Turismo da Região de Setúbal. Também não existe a problemática da exposição interferir com as articulações funcionais do próprio serviço do edifício, portanto o público poderá fruir a área expositiva em pleno. Como já foi enumerado diversas vezes, existe uma mais-valia neste projeto expositivo, pois a oficina de tipografia pertencia ao antigo Orfanato Municipal Sidónio Pais e este estaria sediado na Casa da Baía, logo

a promoção e divulgação da oficina de tipografia irá também valorizar o próprio edifício, assim como também as suas valências.

Na Casa da Baía o visitante, para além da exposição da Oficina de Tipografia, poderá usufruir do pátio exterior, da loja gourmet (vinhos e queijos da região), de uma pequena sala de repouso nos claustros, poderá descobrir uma pequena amostra expositiva de peças arqueológicas, que foram encontradas em escavações efetuadas aquando das obras de reabilitação do edifício. É de referir que as instalações sanitárias são no espaço da Casa da Baía.

No que se refere ao espaço expositivo, os materiais selecionados estarão distribuídos num único percurso expositivo e que irá ser consumado pela direita, com a mostragem de vários painéis sucessivos pintados em tons de bege e lusórios ao tema orfanato, num teor cronológico, com maior incidência na oficina de tipografia, nomeadamente com mostragens de fotografias, textos, apontamentos, objetos e máquinas tipográficas. Explicar-se-á a ocupação do edifício, que foi primeiramente um convento e conseqüente origem do orfanato, este, peça integrante do convento, passando pela história e vida dos internados até a tipografia. Uma constante mostragem da maquinaria tipográfica e no final da exposição serão expostos vários objetos relacionados com o tema e uma máquina tipográfica onde um antigo aluno do orfanato irá mostrar o trabalho de tipógrafo.

Para a realização deste projeto utilizaram-se técnicas expositivas inspiradas na *Nova Museografia*, de modo “a incentivar o público a despertar os sentidos da comunicação, enfatizando assim a experiência do olhar, como forma de compreender e reter o conhecimento” (Scheiner, 1999: 2).

5.4.3. Materiais

Máquinas e outros objetos em ferro, em madeira e o papel mostrado em livros e trabalhos realizados na tipografia. Os plintos serão feitos em madeira, assim como também a divisória que se colocar-se-á na entrada da exposição, será em madeira contraplacado; as vitrinas em madeira e vidro, ambos pintados de cor branca. Os painéis serão feitos em K-line.

5.4.4. Textos e Legendas

Colocar-se-ão as principais ideias, relacionando o assunto com o tema da exposição, breve contexto histórico, dar vida aos objetos, usar imagens para ilustrar os textos, recorrer a citações, de modo a tornar real os objetos expostos, o vocabulário a usar deve de ser sim-

ples, direto e curto, tendo o cuidado de não usar abreviaturas, gírias ou iniciais e não usar palavras de outras línguas. As legendas com a indicação do nome, tipologia, material e função e em alguns casos. Os diversos textos devem de ser colocados à medida do olhar, de modo a que não interfira no diálogo e esforço físico do visitante.

5.4.5. *Vitrinas*

As vitrinas a usar serão as mesmas que se encontram atualmente no local e poderão também ser cedidas pelos serviços da Câmara Municipal de Setúbal. Ambas são em madeira e retangulares com um tampo em vidro. Nelas serão colocados livros, documentos e os vários trabalhos tipográficos, assim como também alguns materiais de pequeno porte e mais frágeis.

5.4.6. *Divulgação e Promoção*

A divulgação e promoção da exposição dar-se-á através dos meios disponíveis, nomeadamente, a colocação de um painel na entrada do edifício da Casa da Baía igual ao folheto e cartaz, e-mail, facebook, guia de eventos, cartazes, flyers, folhetos e catálogos, conforme exemplos em apêndice.

5.5. *Circuito*

Como já foi referido nos pontos anteriores, nas plantas abaixo discriminadas observa-se de um modo geral, o circuito do projeto museológico, nomeadamente como está organizada espacialmente a exposição da Oficina de Tipografia do antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais.

Primeiramente pode-se observar a planta geral do edifício da Casa da Baía, que serviu de base para colocação do pormenor do circuito e que encontra-se marcado através de setas azuis e cuja sala expositiva encontra-se demarcada a cor amarela.

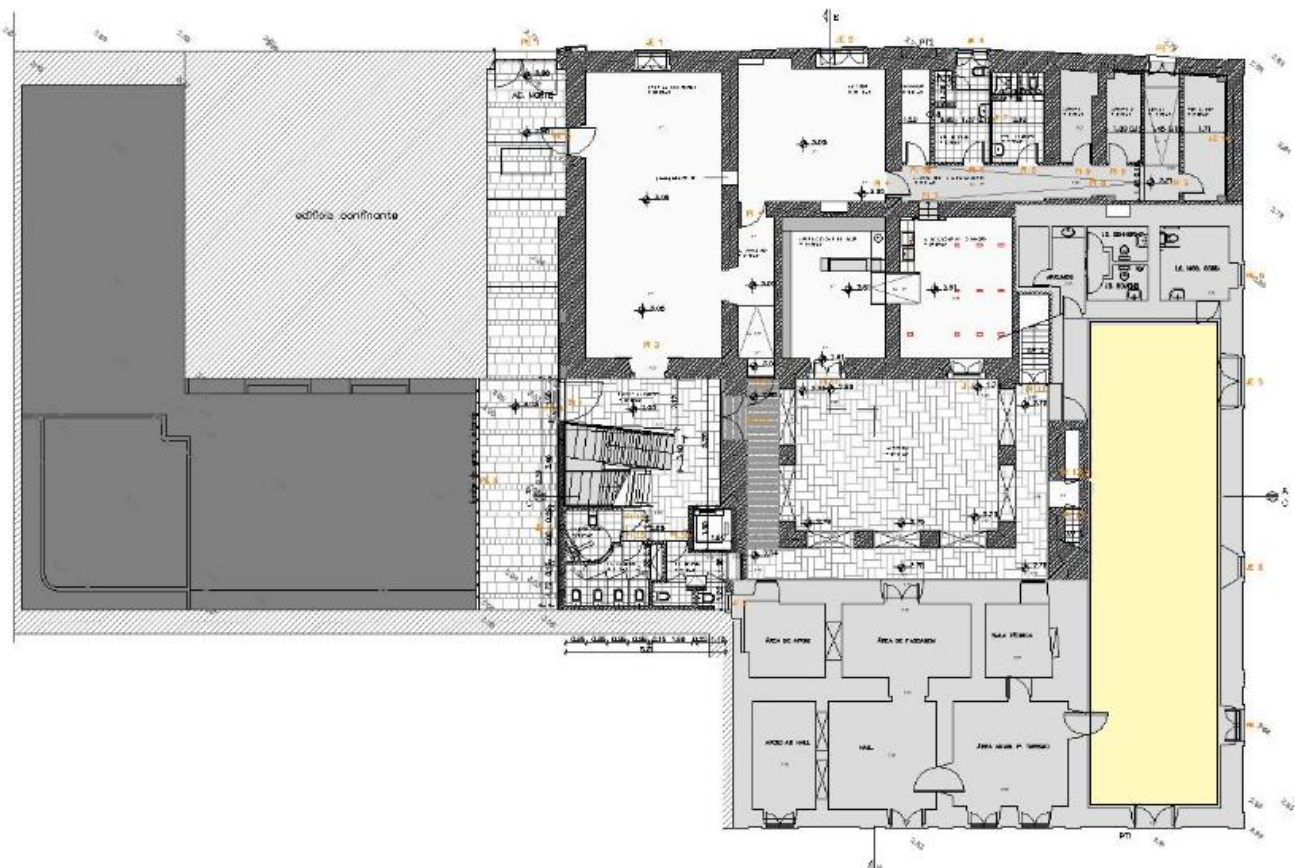


Fig. 30. Planta do rés-do-chão Casa da Baía¹²³

¹²³ In Câmara Municipal de Setúbal (2009), *Proposta de Classificação como Imóvel e Interesse Municipal do Recolhimento da Soledade*. Setúbal: Gabinete de Centros Históricos.

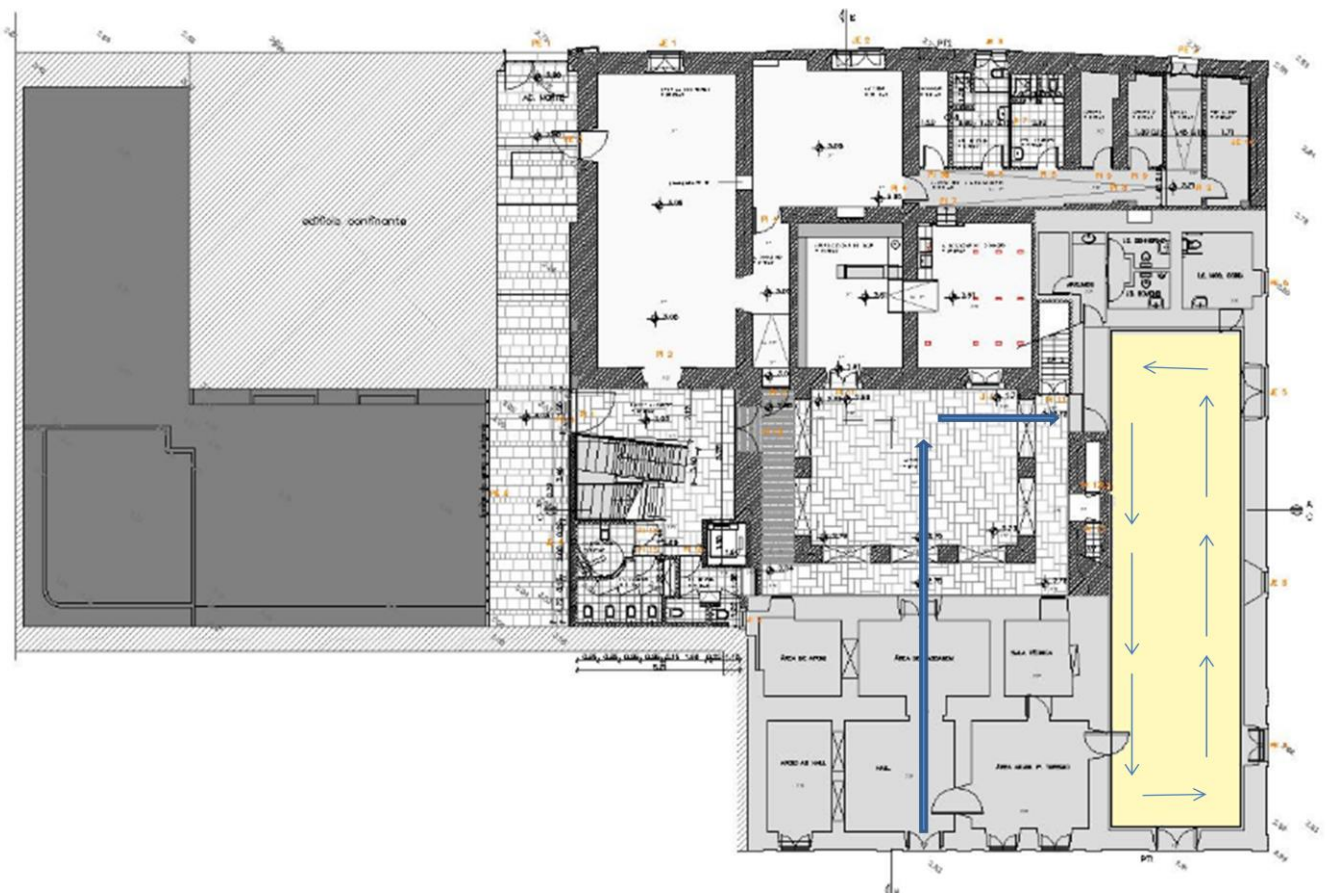


Fig. 31. Planta do rés-do-chão Casa da Baía, com a proposta de circuito do programa expositivo¹²⁴

¹²⁴ Ibidem.

Sucede-se a descrição do processo expositivo, com a respetiva legenda:

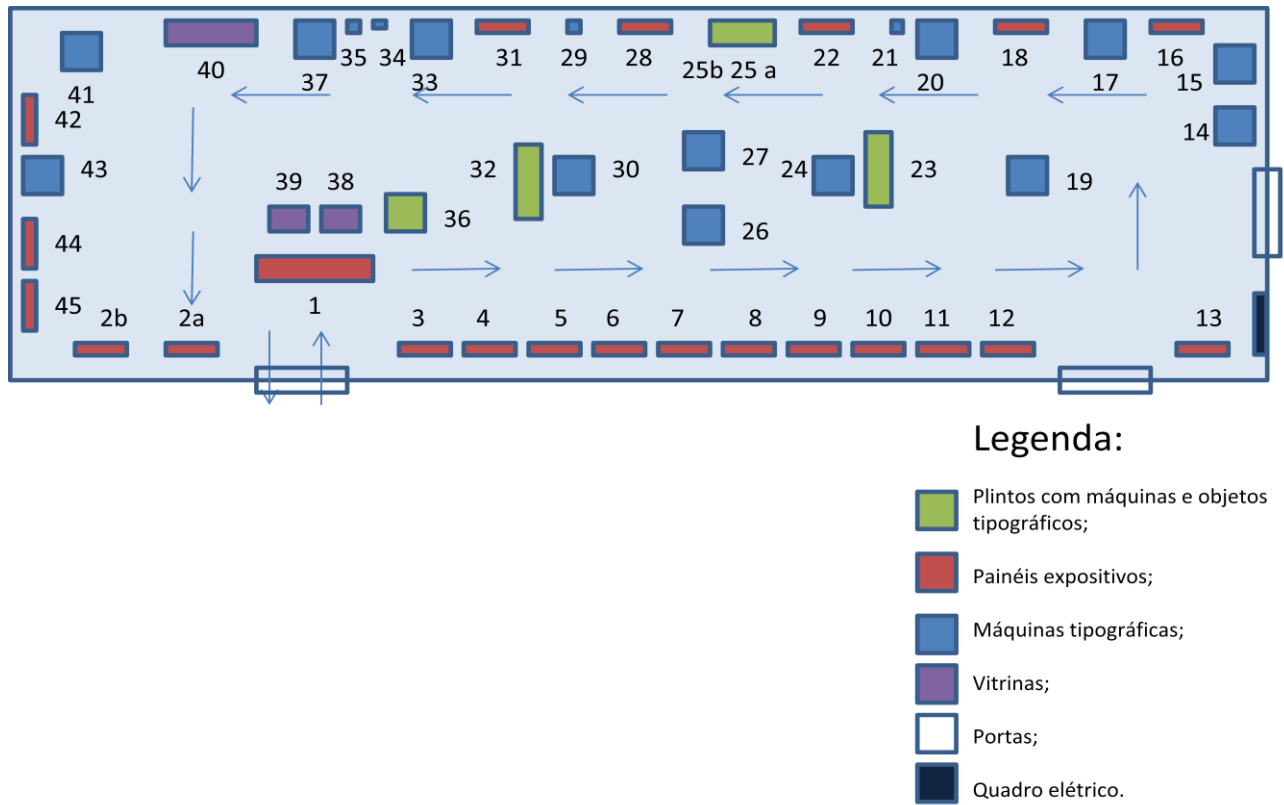


Fig. 32. Circuito expositivo¹²⁵

¹²⁵ Gina Santos, 2013.

Nos apêndices 2 e 3, pode-se observar com mais pormenor e em grande plano, os painéis expositivos, as máquinas e os vários materiais tipográficos, assim como também no apêndice 4, este referente ao circuito virtual da exposição, as características da exposição e sua disposição.

Poder-se-ão observar os vários núcleos onde irão estar contemplados os vários componentes da exposição, mais concretamente, os painéis expositivos com textos e fotografias, correspondentes aos variados itens apresentados anteriormente, de modo a conhecer-se e compreender melhor o circuito escolhido, assim como também todo o material tipográfico selecionado para ser exposto na exposição sobre o tema Oficina de Tipografia do Antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais:

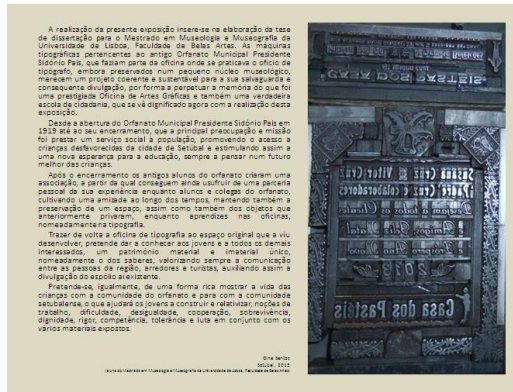
Primeiro Núcleo

1- Em frente à entrada principal da sala de exposições, um painel alusivo ao tema do projeto expositivo *A Oficina de Tipografia do Antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais*;

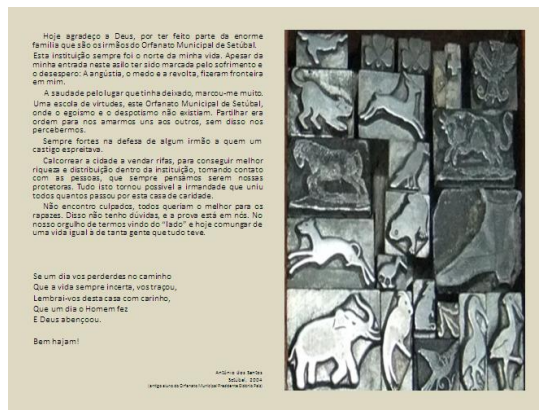


2 - Do lado esquerdo, dois painéis, ambos com um texto em conjunto com imagem alusiva à tipografia:

2a) Texto do autor da exposição;



2b) Texto de um antigo aluno do orfanato;



Segundo Núcleo:

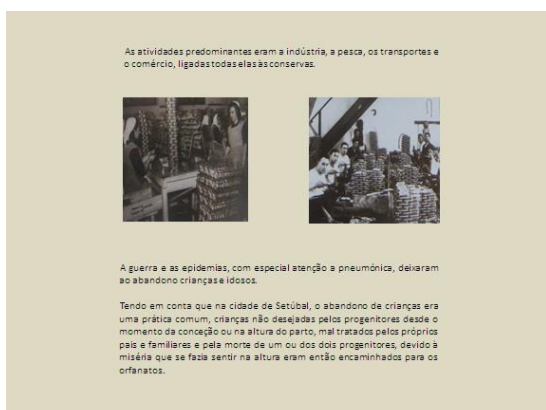
3 - À direita dar-se-á início à exposição propriamente dita, cujo primeiro painel será introdutório do *Perfil Histórico e Sociológico da cidade de Setúbal*, com um texto enquadrado com o orfanato e duas imagens da cidade, uma com a construção da Glorieta da Luísa Todi e outra com a perspetiva da Avenida Luísa Todi. Como imagem de fundo uma fotografia da Baía de Setúbal;



4 - Painel com uma fotografia em destaque de uma zona da cidade de Setúbal, a zona das Fontainhas (zona da baía de Setúbal com traineiras);

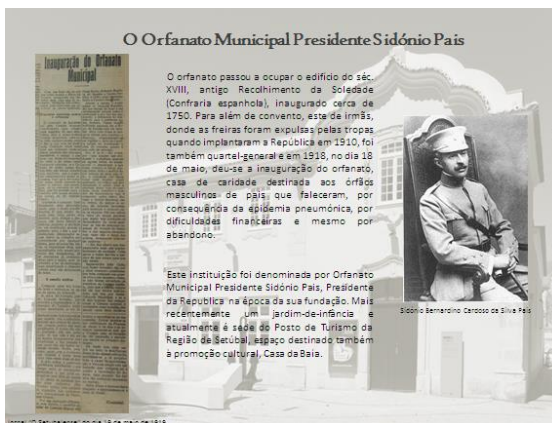


5 - Painel com um texto de continuação do item anterior, com duas imagens da profissão mais evidenciada na época do orfanato, a indústria conserveira;



Terceiro Núcleo

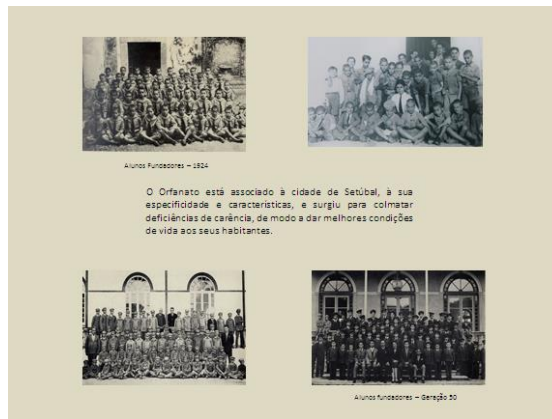
6 - Painel introdutório do tema *Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais*, com um texto relacionado com a sua história, uma imagem de um recorte de um jornal mostrando a inauguração do orfanato e outra imagem com a figura do Presidente Sidónio Pais;



7 - Painel com um texto e três imagens, evidenciando os jornais da época onde fora mencionado a inauguração do orfanato;



8 - Painel com um texto de continuação do tema orfanato e quatro imagens, três das quais mostram somente os rapazes e outra mostra os rapazes junto dos respetivos professores do orfanato;



9 - Painel com uma imagem em destaque dos rapazes com os professores e duas imagens mais pequenas realçando dois dos professores;



10 - Painel de introdução aos tempos livres dos alunos e um texto evidenciando o mesmo e duas imagens da banda do orfanato;



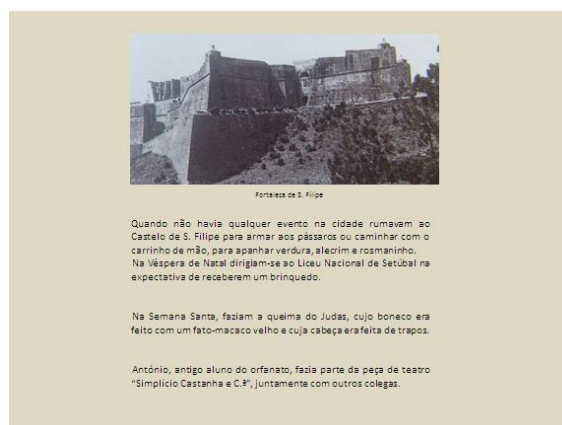
11 - Painel com um texto de continuação do item anterior com sete imagens dos locais onde os rapazes passavam os seus tempos livres;



12 - Painel com um texto de continuação do item anterior com três imagens dos locais onde os rapazes passavam os seus tempos livres e uma imagem de um cartaz elaborado na tipografia, mostrando um dos locais de recreio;



13 - Painel com um texto de continuação do item anterior com uma imagem de destaque de um dos locais onde os rapazes passavam os seus tempos livres;



Quarto Núcleo

14 - Máquina tipográfica de encadernação;

Ferro fundido

Fábrica Karl Krause

Alemanha

1924

Função: Depois dos livros cozidos, esta máquina tem a função de fazer as lombadas



15- Máquina tipográfica de encadernação;

Ferro fundido

Fábrica Karl Krause

Alemanha

1920

Função: Picotar e vincar o papel



16 - Painel com dois textos e duas imagens referenciando as oficinas do orfanato, nomeadamente a oficina de encadernação;

As Oficinas



Encarregados das Oficinas

A 31 de Março de 1926, abriram a oficina de encadernação, mas como ainda não possuíam recursos financeiros suficientes para pagarem os instrumentos fornecidos pela fábrica "Botelli de MiBo" de Itália, cuja dívida ascendia o montante de 19,018565, a 1 de setembro de 1926 dava-se o seu encerramento.



Oficina de Encadernação

A primeira oficina do orfanato, para colmatar a falta de sapatos na maioria dos rapazes, foi a sapataria em 1920. Também neste ano, foi inaugurada a carpintaria, mais precisamente a 1 de Julho de 1920, que acabaria por encerrar a 1 de setembro de 1931.

17 - Máquina tipográfica de encadernação a linha;

Ferro fundido

A.Gutberlet & C.^ª

Leipzig - Alemanha

1929

Função: Após a dobragem dos cadernos, para a execução



de um livro esta máquina tem a função de juntar caderno por caderno pelo sistema de coser, ficando assim o livro pronto a ser encadernado

18 - Painel com um texto e um quadro, referenciando o número de alunos nas várias atividades do orfanato, nomeadamente as oficinas no ano de 1947;

N.º de praticantes	OCCUPAÇÃO
1	Serralheiro
1	Cromador
6	Empregados de escritório
1	Empregado de laboratório
1	Empregado dos Serviços da Câmara
4	Tipógrafos-compositores
3	Tipógrafos-impressores
6	Sapateiros
3	Encadernadores
2	Aux. de Costureiro
1	Enfermeiro - praticante
5	Estudantes Curso Comercial (1.º ano)
2	Estudantes Curso Comercial (2.º ano)
15	Estudantes Instrução Primária (1.ª classe)
9	Estudantes Instrução Primária (2.ª classe)
15	Estudantes Instrução Primária (3.ª classe)
12	Estudantes Instrução Primária (4.ª classe)
21	Mestros (2.º ano)
16	Mestros aprendizes (1.º ano solteiros)
4	Trabalho no campo (Secção Agrícola)
3	Capatazes

Dados referentes ao ano de 1947

Pode-se verificar num estudo efetuado no ano de 1947, a quantidade de alunos nas diversas profissões lecionadas no orfanato.

Em estudos efetuados no ano de 1974, das três oficinas, ambas apresentavam sempre algum lucro, sendo a oficina que tirava sempre melhores resultados era a tipografia, com 39.615\$23, contra 4.626\$60 da encadernação e 1.528\$70 da sapataria.

19 - Máquina tipográfica de impressão a pedal com marginação manual

Ferro fundido

Colundian n.º2, C& M

Alemanha

1915

Funções: Imprimir as formas tipográficas;



20 - Um cavalete

Madeira

Funções: Arrumação de tipos de letras



20a) Gaveta de tipos aberta;

Madeira

Funções: Guardar tipos



21 - Fotografia de disposição de tipos num caixotim (gaveta de cavalete);



Quinto Núcleo

22 - Painel de introdução da origem e prática do tema *tipografia*, com um texto e duas imagens relacionadas com a oficina de tipografia, uma delas em destaque no fundo;



23 - Máquina tipográfica de cantear (sobre plinto);

Ferro fundido

Manuel Reis Morais e Irmão

Porto

1930

Função: Fazer os cantos redondos das obras impressas.



24 - Máquina tipográfica de impressão plana;

Marginação Manual

Ferro fundido

Leipzig - Alemanha

1912

Função: Impressão de jornais e obra de livro. Máquina de impressão tipográfica onde é feita a impressão das chapas tipográficas



em caracteres feitas pelo compositor manual (Cofre da máquina – espaço onde se colocam os caracteres ordenados em forma de impressão)

25 - Máquina e trabalho tipográfico;

25a) Máquina tipográfica, máquina de impressão manual de braco:

Desconhecido

Alemanha

1910;

Funções: Impressão de pequenos trabalhos tipográficos, tipo cartões-de-visita, envelope, entre outros



25b) Trabalho executado com os vários tipos e ornamentos, antes da impressão para o papel;



26- Máquina Tipográfica de impressão manual a pedal;

Ferro fundido

Marca Anteca

1920



27 - Máquina tipográfica manual de coser a arame;

Ferro fundido

Herfurth & Heyden M. B. H.

Leipzig - Alemanha

1924

Função: Coser a arame / agrafar pequenas brochuras



28 - Painel de continuação do anterior com duas fotografias, uma do mestre de tipografia, Sequeira Andrade e uma imagem da disposição dos tipos no caixotim;

Os vários tipos são guardados em caixas e em calçotins e depois colocados num compondor e por fim em prensas mecânicas para a impressão de textos.



Disposição dos Calçotins

A 28 de novembro de 1933, deu-se a compra da tipografia, pela Câmara Municipal e pela mão do senhor Eduardo Augusto Correia, pela quantia de catorze e contos e quinhentos.

“Um sonho há muito desejado...”
Antônio dos Santos

A inauguração aconteceu no dia vinte e cinco de dezembro, dia de Natal de 1933.

A tipografia contribuiu para a formação gráfica dos rapazes que antes de começarem o ofício de tipógrafo, primeiro como aprendizes, aprendiam a juntar as letras e a colocá-las nos locais corretos das várias composições de letras, que encontravam-se dispostas nas caixas dos tipos e no seu interior, as várias gavetas, denominadas por calçotins.



Mestre de Tipografia, Sequêria Andrade

29 - Aspirador dos tipos;

Ferro fundido

Alemanha

Anos 40

Função: Aspirar o pó acumulado nas caixas de tipos;



30 - Máquina tipográfica com adaptação a corrente elétrica, com motor:

Ferro fundido

Desconhecido

1930

Funções: Impressão de trabalhos tipográficos



1 - Painel com três fotografias de três alunos do orfanato e dois textos;



“... Como foi bom conviver com rapazes tão puros de alma, tão pobres quanto eu, mas carregados de entusiasmo e ambição de vida.”
Antônio dos Santos, antigo aluno do orfanato

“... Se não fosse a vivência do orfanato, não teria conseguido ultrapassar as dificuldades com que fui deparado.”
Fernando Pêra, antigo aluno do orfanato

Antônio dos Santos (85) e Henrique Peleja (84)

Fernando Pêra, antigo aluno do orfanato

32 - Máquina tipográfica de impressão manual;

Ferro fundido

Alemanha - Leipzig

1900

Funções: Cortar entrelinhas em chumbo



33 - Máquina tipográfica, máquina de furar e cantear;

Ferro fundido;

Mulinak

Alemanha

1950

Função: Furar e cantear



34 - Vários rolos usados nas máquinas de impressão a pedal;



35 - Alguns acessórios tipográficos dos anos 30;



36 - Máquina tipográfica, picotadeira tipográfica;

Ferro fundido

Emil Kahle

Alemanha - Leipzig - Reudnitz

1912

Funções: Picotar e vincar o papel



37 - Máquina tipográfica, guilhotina tipográfica;

Ferro fundido

E. Ravasse

Paris

1912

Funções: Para corte de papel e acabamento de obra já impressa



38 - Vitrina com vários manuais de ensino da tipografia, um manual de uma máquina tipográfica e algumas publicações realizadas na tipografia;

Manual de Máquina Tipográfica Heidelberg

Várias publicações impressas na Tipografia Corlito



39 - Vitrina com várias gravuras e trabalhos relacionados em zinco;



40 - Vitrina com vários componedores, vários objetos necessários à composição dos vários tipos em textos e alguns trabalhos finais, com um trabalho em destaque na parede;



Sexto Núcleo

41 - Máquina tipográfica de impressão manual a pedal, onde o senhor António irá exemplificar o trabalho de tipógrafo (projeto de uma *Oficina Viva*) aquando das visitas guiadas, estas feitas mediante marcação

Ferro fundido

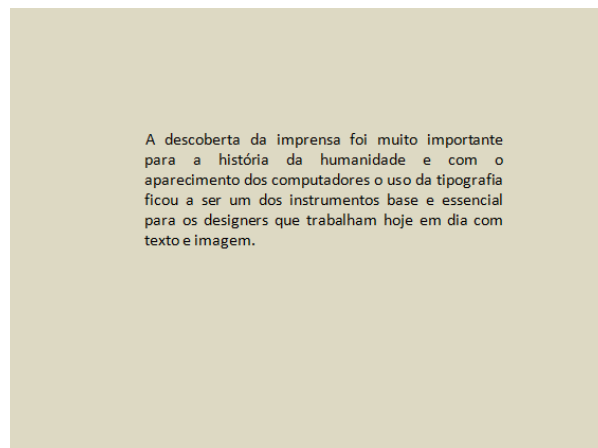
Estados Unidos da América

1880

Funções: Impressão de trabalhos tipográficos;



42 - Painel com um texto final de reflexão sobre a importância da tipografia para os nossos dias;



43 - Um computador tipográfico;

Ferro fundido

Estados Unidos da América

Anos 60

Função: Fazer a composição dos trabalhos tipográficos através de um sistema de película fotográfica e depois completar os trabalhos em offset;



44 - Painel com uma imagem e um texto com alegoria e ênfase aos tempos de estadia dos rapazes no orfanato;



Cinco gerações de alunos passaram pelas instalações do orfanato municipal e desde o seu encerramento, todos os anos, no dia 18 de maio ou no domingo a seguir, os ex-alunos ainda vivos, reúnem-se para festejar a abertura da instituição que outrora os acolheu.

45 - Painel com a ficha técnica da exposição.

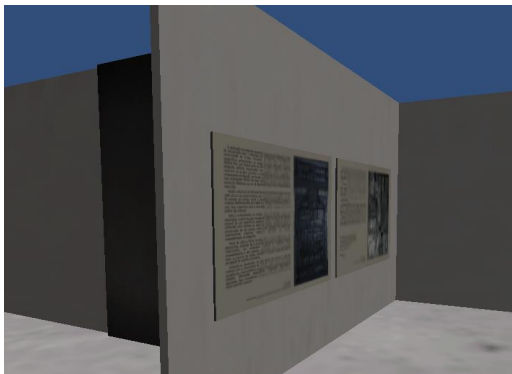
Ficha Técnica EXPOSIÇÃO	
Comissão	Gina Santos
Produção	Associação dos Antigos Alunos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais
Coordenação	Gina Santos António dos Santos
Realização	Gina Santos António dos Santos
Montagem	Gina Santos António dos Santos
Textos	Gina Santos
Fotografias	Américo Ribeiro Associação dos Antigos Alunos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais Gina Santos Município de Setúbal
Design / execução gráfica	Associação dos Antigos Alunos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais
Patrocínio	Casa da Baía - Câmara Municipal de Setúbal

Seguir-se-á o circuito virtual da exposição da Oficina de Tipografia do antigo Orfanato Presidente Sidónio Pais, onde poder-se-ão observar virtualmente e em grande plano, os vários pormenores da exposição, mais concretamente, a disposição dos painéis expositivos estão, assim como todo o material tipográfico selecionado para a exposição, uma forma de conhecer e compreender melhor o circuito elegido para este projeto expositivo.

Contudo, poder-se-á observar com mais pormenor este mesmo circuito no apêndice

4.

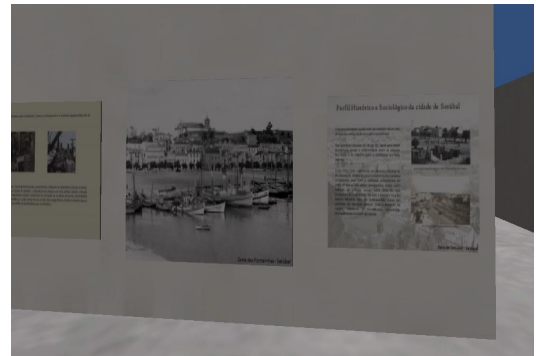
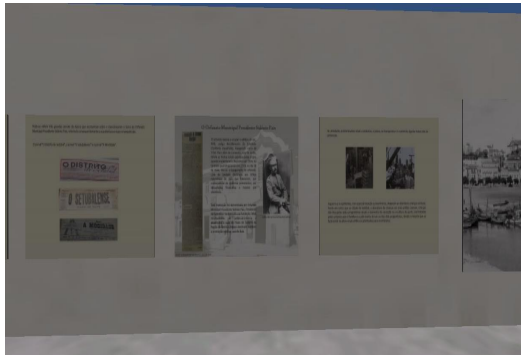
Entrada



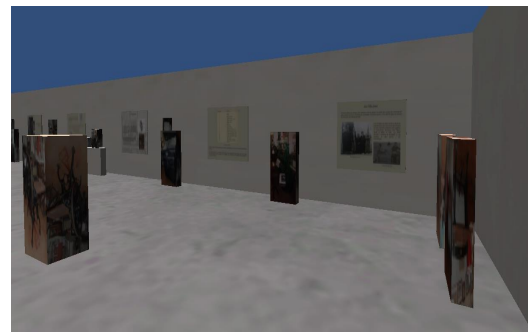
Segundo Núcleo:

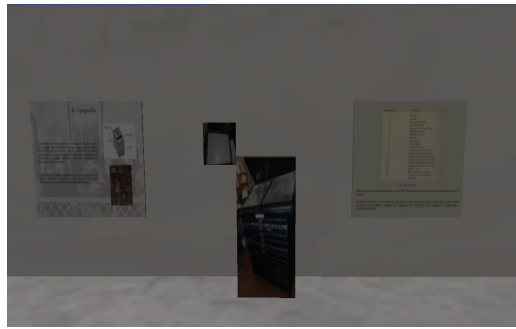


Terceiro Núcleo



Quarto Núcleo





Quinto Núcleo



Conclusão

Os motivos que levaram à decisão do tema proposto para o projeto final de mestrado, para além do cariz pessoal e afetivo, do sentimento imposto pela bibliografia consultada e pelos testemunhos recolhidos através de entrevistas efetuadas a antigos alunos do antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais, foi a própria visualização e contato com os diversos materiais pertencentes à oficina de tipografia do orfanato.

Neste projeto de construção da exposição da oficina da tipografia testemunha-se a importância da relação que a mesma teve para com o orfanato e para com a comunidade setubalense, nas primeiras décadas do século XX, dando uma outra visão sobre a inclusão social, nomeadamente o meio operário e que acaba por ser exemplificada virtualmente numa oficina viva onde se poderão observar a disposição dos diversos materiais tipográficos recolhidos e selecionados para este projeto expositivo.

Desde a sua abertura, a 18 de maio de 1919 até ao seu encerramento, teve como principal preocupação e missão de prestar um serviço social à população, promovendo o acolhimento das crianças desfavorecidas da cidade, estimulando assim a esperança numa educação e futuro melhor para as crianças, mostrando a hipótese e esperança de um projeto familiar. Após o encerramento do orfanato, antigos alunos criaram uma associação, a partir da qual usufruíram de uma parceria pessoal da sua experiência enquanto alunos e colegas do orfanato, cultivando assim uma contínua e duradoura amizade até aos dias de hoje. Assiste-se também à preservação do espaço, assim como também dos objetos que anteriormente privaram, nomeadamente as oficinas, com maior ênfase a oficina de tipografia.

O circuito é intencional, com passagem obrigatória do público pela Casa da Baía, edifício primordial do orfanato e onde numa sala específica para o efeito será exposto o material tipográfico, numa oficina viva, onde um antigo aluno do orfanato irá exemplificar o trabalho de tipógrafo. Este projeto irá ser complementando com visitas ao espaço, através de visitas guiadas, mediante marcação prévia.

Todas as técnicas utilizadas e formas de valorização e difusão da palavra, como toda a documentação visual, seja escrita como em fotografia estão à mão do cidadão comum, na perspetiva da *Nova Museologia*, onde a museografia é usada para exprimir a arte de traba-

lhar com os objetos, interesses e problemas. Pretende-se com este tipo de exposições vivenciar práticas de trabalho, conhecer normas e perceber os rituais e tradições das muitas profissões que não devem ser esquecidas.

Os conceitos que norteiam este projeto expositivo podem ser considerados como um processo de ensino e aprendizagem, considerando que a exposição é o resultado de uma recolha de vários objetos de uma coleção pertencente à oficina de tipografia, coleção esta herdada do antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais. Esta exposição é centrada em vários interesses, com uma elevada base pedagógica orientada à comunidade escolar, assim como também à população em geral.

Este projeto foi criado com o fundamento de preservar, promover e divulgar a oficina de tipografia do antigo Orfanato Municipal Sidónio Pais, assim como também o espaço da Casa da Baía, às pessoas da população em geral, com principal incidência na comunidade educativa, o que ajudará os jovens a construir e a relativizar noções de trabalho, dificuldade, desigualdade, cooperação, sobrevivência, dignidade, rigor, competência, tolerância e luta. Tende-se a dar a conhecer um património material e imaterial único, nomeadamente o dos saberes, valorizando sempre a comunicação e a mostragem através de um circuito expositivo perceptível, assim como mostrar o papel de cariz social e solidário que o orfanato teve, sendo o mesmo uma proposta de uma exposição viável, dentro do contexto da museologia atual. A passagem deste legado de respeito, é um modo de entendimento, de preservação e com o desígnio de ensinamento às gerações atuais e vindouras a vida de sacrifício, empenho e trabalho da população setubalense na década de vinte do século XX, o que permitirá que esta partilha de informação contribuirá para gerar mais curiosidade, interesse e mais consumo desta forma de entretenimento cultural.

Pretende-se a urgente salvaguardada e divulgação do património enumerado, considerando assim a realização deste projeto expositivo numa estrutura museológica num contexto social e cultural, de modo a que o diverso público que o irá visitar, compreenda a relação estabelecida do património exposto para com a comunidade local, justificando a conceção do enquadramento da oficina de tipografia nas dinâmicas educativas e ou escolares, turísticas, económicas vigentes na região e comunidade.

É de salientar que o principal objetivo deste projeto expositivo foi primeiramente musealizar o espaço onde se encontra atualmente todo o espólio da instituição Orfanato

Presidente Sidónio Pais, mas devido às diversas questões que se foram colocando no desenrolar do estudo efetuado, nomeadamente o cariz social do meio trabalhista na cidade de Setúbal, decidiu-se pela realização de uma exposição que se debruçasse somente sobre o tema da Oficina de Tipografia do orfanato. Nesse sentido este projeto expositivo fica em aberto, de modo a que o seu estudo possa ser continuado em novos projetos de musealização, neste caso a musealização do espaço mencionado.

Bibliografia

Bibliografia Geral e Específica:

- Anselmo, Artur (1981), *Origens da Imprensa em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Choay, Françoise (2001), *Alegoria do Património*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Duarte, Ana (1994), *Educação Patrimonial*. Lisboa: Texto Editora.
- Duarte, Ana (1996), *Atas do V Encontro Nacional de Museologia e Autarquias*. Cadernos de Socio museologia n.º8. Lisboa.
- Duarte, Ana (1995), *Projeto Pedagógico do Serviço Educativo do Museu Municipal do Trabalho Michel Giacometti*. Setúbal.
- Gomes, Luís Gonçalves (1996), *Estuário do Sado Tesouro da Região de Setúbal. Aparentamentos Históricos sobre Setúbal e o seu Port.* Setúbal: Corlito.
- Heitlinger, Paulo (2006), *Tipografia: origens, formas e uso das letras*. Lisboa: Dinalivro.
- Lopes, José Manuel Madureira (1999). *Setúbal à la minute, através do Bilhete Postal Ilustrado*. Setúbal: Corlito.
- Moreira, Isabel M. Martins (1989), *Museus e Monumentos em Portugal – 1772-1974*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Muñoz, José Pujadas (1992), *El método biográfico: El uso de las histórias de vida en ciencias sociale*. Madrid: Cadernos Metodológicos.
- Neves, João Alves das (1989), *História Breve da Imprensa de língua Portuguesa no Mundo*. Lisboa: Direção Geral da Comunicação Social.
- Pereira, Henrique Augusto (1948), *Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais*. Setúbal.
- Quintas, Maria da Conceição (1998), *Setúbal – Economia, Sociedade e Cultura Operária 1880-1930*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Ribeiro, Francisca (1990), *Avenida Luisa Todi - Setúbal na História*. Setúbal: Edições Lasa.

- Santos, António dos (2009), *Para lá dos portões do asilo. Setúbal 1958, Histórias, sonhos e liberdade*. Setúbal: Corlito.
- Santos, António dos (2004), *O Achamento de meu pai...e outras histórias vividas no Orfanato Municipal de Setúbal*. Setúbal: Corlito.
- Santos, António dos. (2006), *A Cidade dos Pobres. Setúbal. Anos de 1950. Histórias vividas no Orfanato Municipal de Setúbal*. Setúbal: Corlito.
- Silva, Libânio da (1962), *Manual do Tipografo*, 2ª edição. Lisboa.
- Telmo, Isabel Cottinelli. *O Património e a escola do passado ao futuro*.1986.Grémio Nacional dos industriais Gráficos. Lisboa: Texto Editora.
- Tengarrinha, José (1989), *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2ª Edição. Lisboa: Editorial Caminho.
- Trindade, Maria Beatriz Rocha (1993), *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Viana, Mário Gonçalves (1972), *Arte de organizar coleções, exposições e museus*, Biblioteca de orientação patrimonial n.º 10. Porto: Editorial Domingos Barreiro.

Catálogos, Folhetos, Jornais e outros:

- Associação Portuguesa de Museus (1987), “A Escola vai ao Museu”. *Atas do VII Encontro Nacional (1998), Museologia e Autarquia*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal.
- Câmara Municipal de Setúbal (s.d.), *Avenida Luisa Todi*. Setúbal: Textype.
- Câmara Municipal de Setúbal (2000), *Alguns Aspetos da Industria Conserveira em Setúbal*. Elevação de Setúbal a Cidade. Setúbal.
- Câmara Municipal de Setúbal (1984), *Brasão de Setúbal*, Setúbal.
- Centro de Convívio de ex- alunos do Orfanato Municipal de Setúbal (1995), *Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais 1919-1995*. Setúbal.
- Câmara Municipal de Setúbal (2009), *Comemorações Março Mulher 2009. A Mulher Setubalense na Resistência ao Fascismo*. Setúbal: Armazém Papeis do Sado.
- Câmara Municipal de Setúbal (2009), *Proposta de Classificação como Imóvel e Interesse Municipal do Recolhimento da Soledade*. Setúbal: Gabinete de Centros Históricos.
- Carvalho, A (1945), “Gutenberg e a Arte na Imprensa “precioso e erudito trabalho de Mestre Manuel Pedro”. *O Gráfico*, 01 de maio, pp. 5.

- Centro de Convívio dos Ex-alunos do Orfanato Municipal de Setúbal (1995), *Sala dos Quatro Ofícios*. Orfanato Sidónio Pais 1919-1995. Setúbal.
- Centro de Convívio dos Ex-alunos do Orfanato Municipal de Setúbal (1994) *75 Anos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais 1919-1994*. Setúbal.
- D'Arganil, Gil (1919), "O meu Jornal: A Banda do orfanato". *O Setubalense*, 16 de maio.
- Depa-Centro de Estudos e Defesa do Património Histórico do Distrito de Setúbal, (1983). Setúbal: Setulgráfica.
- Edições LASA (1990), *Setúbal na História*. Setúbal.
- XXV Encontro dos Serviços Educativos de Museus (2000), *O nosso lugar é hoje um lugar multicultural*. Nazaré e Batalha.
- Jornal O Distrito de Setúbal, do dia 10 de maio de 1963 José Rebelo "Recordar, Não é Saudosismo"! E o orfanato volta a estar em foco.
- Jornal *A Mocidade*, dos dias 01 de janeiro de 1919.
- Santos, Raul Esteves dos (1945), "Como nasceu a composição mecânica". *O Gráfico*, 01 de maio, pp. 13.
- Graça, Renato da Silva (1945), "O 1ª Salão de Artistas Gráficos". *O Gráfico*, 01 de maio, pp.5.
- Jornal *O Gráfico*, do dia 01 de maio de 1945, "O Museu do Trabalho: A voz do Operário" e "Gutenberg visto por Lamartine", pp. 9 e 10.
- Jornal *O Setubalense*, dos dias 10, 19, 24 de maio de 1919; 30 de dez de 1919; 27, 31 de agosto de 1927 e 18 de maio de 1953.
- Junta de Freguesia de N.ª Senhora Anunciada (1989), *Análise Histórica da Freguesia de N. S.ª Anunciada*. Setúbal.
- Movimento Cultural (s.d), *Troino e Fontainhas: Duas comunidades de pescadores em confronto*. n.º 6. Setúbal.

Webgrafia

- ICOM: The International Council of Museums (s.d.) "Código de Ética do ICOM para Museus" http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Codes/Lusofono2009.pdf [15 de janeiro de 2013].

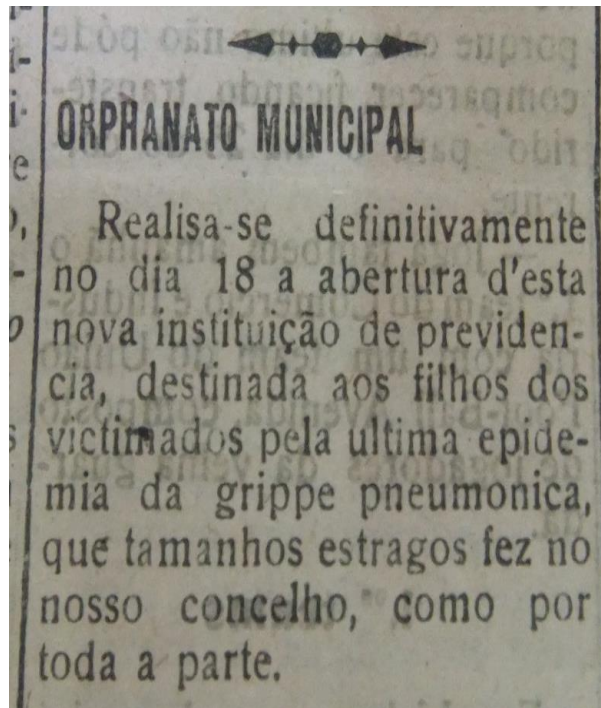
- Ecomuseu Municipal do Seixal (2010) “Apresentação” http://www2.cm-seixal.pt/ecomuseu/apresentacao/apres_home.html. [06 de dezembro de 2013].
- Igespar: Instituto de Gestão do Património (s.d.) “Património Imóvel” <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/14306459/> . [28 de outubro de 2013].
- IMC: Instituto dos Museus e da conservação (2013) “Ecomuseu Municipal do Seixal” http://www.imc-ip.pt/pt-PT/rpm/museus_rpm/rpm_Lisboa_v_tejo/ContentDetail.aspx?id=1214 [06 de dezembro de 2013].
- Maia, Felícia Assmar (2003) “Direito à memória: o património histórico, artístico e cultural e o poder económico. Movendo Ideia” http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/214.pdf [02 de dezembro de 2013].
- Município de Setúbal (s.d) “Casa da Baía” <http://www.mun-setubal.pt/pt/pagina/casa-da-baia/170> [28 de outubro de 2013].
- Scheiner, Tereza (1999) “Comunicação, Educação, Exposição: Novos Saberes, Novos Sentidos - A Exposição como Linguagem. UNIRIO/CCH” http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/anteriores/semifera45/teudo_rep_tsheiner.html7 [28 de dezembro de 2013].
- Carvalho, Rosane Maria Rocha de (2005) “As transformações da relação museu e público: a influência das tecnologias da informação e comunicação no desenvolvimento de um público virtual” http://teses.ufrj.br/ECO_D/RosaneMariaRochaDeCarvalho.pdf [02 de novembro de 2013].
- Diário da República, Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto, Lei-quadro dos Museus Portugueses, art.º 38º - “Confidencialidade do plano e das regras de segurança”. <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/legislacao/20126194443.pdf> [20 de janeiro de 2013].
- Tipografia (2007) “Paul Heitlinger: Os livros” <http://www.tipografos.net/autor.html> [03 de dezembro de 2013].
- Tipografia (2006) “Paul Heitlinger: Fundação dos Tipos” *in* Origens, formas e uso das letras <http://tipografos.net/tecnologias/fundicao-tipos.html> [02 de maio de 2013].

- Tipografos (2006) “Livros antigos” *in* Origens, formas e uso das letras <http://tipografos.net/livros-antigos/b-42.html> [28 de outubro de 2013].
- UNESCO: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (s.d.) “Education. Education for sustainable development (2005-2014)” <http://www.unesco.org/new/en/education/themes/leading-the-international-agenda/education-for-sustainable-development/> [18 de fevereiro de 2013].
- UNESCO: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (s.d.) “Património Cultural Subaquático. Proteção in situ” <http://www.unesco.org/new/pt/culture/themes/underwater-cultural-heritage/protection/in-situ-protection/> [06 de dezembro de 2013].

Anexos

Jornais - Anexo 1

10 maio de 1919



ORFANATO MUNICIPAL

Realisa-se definitivamente no dia 18 a abertura d'esta nova instituição de previdencia, destinada aos filhos dos victimados pela ultima epidemia da grippe pneumonica, que tamanhos estragos fez no nosso concelho, como por toda a parte.

Fig.1



Orfanato Municipal

Estão sendo feitos os preparativos para a festa comemorativa do aniversario do Orfanato Municipal, que no proximo domingo deve ter inicio na Avenida Todi.

Fig. 2

16 de maio de 1919

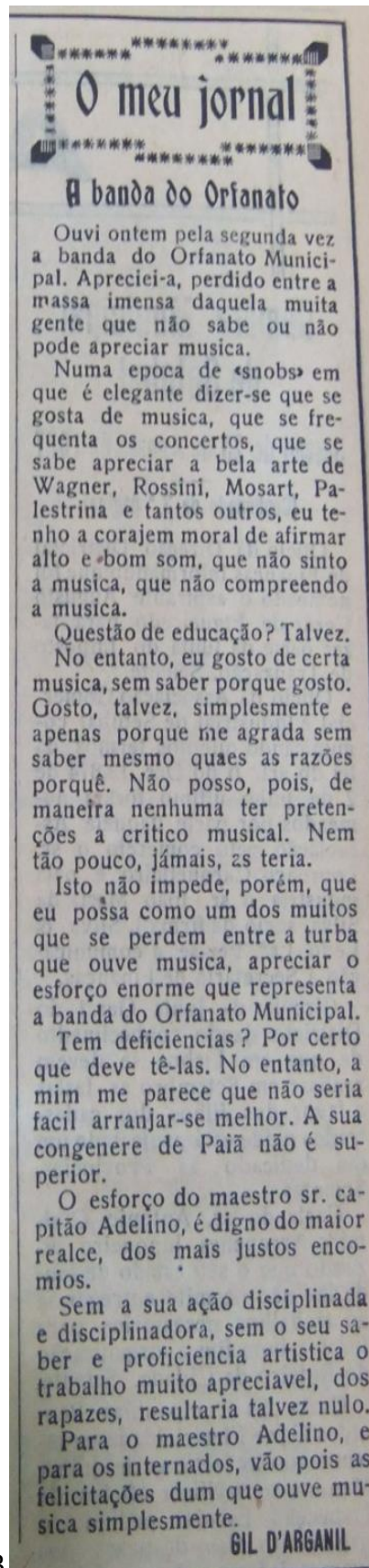


Fig. 3

Orphanato municipal

♣ Será com effeito no domingo a inauguração do orphanato no edificio da Soledade. Abrilhanta o acto a banda de infantaria 11. De Lisboa virão assistir á cerimonia os srs. ministros do commercio, Jorge Nunes, Joaquim Brandão e talvez o sr. ministro da justiça. Os orphãos alli admitidos são já em numero de 41.

Fig. 4



Fig. 5

DR. SIDONIO PAES
No templo dos Jeronymos realizaram-se hoje solenes exequias por alma do sr. dr. Sidonio Paes. Foram muito concorridas, com especialidade por senhoras.

Fig. 6

Orphanato municipal
Realisam-se hoje duas sessões, no Salão Recreio do Povo, a favor d'esta benemerita instituição. O programma é attrahente e o nosso povo, que é bondoso, decerto correrá a ajudar aquella casa, destinada a albergar os rapazes cujos paes morreram por ocasião da epidemia pneumonica, que tantas victimas causou. A receita total é gentilmente cedida pelo sr. J. A. d'Andrade Piteira a favor d'esta obra philantropica.

Fig. 7

30 dezembro 1919

Orfanato municipal

Foi-nos entregue pelos ex.^{mos} srs. Armando Maia e Jeronymo Alves Ferreira uma carta e a quantia de 30\$65, oferta d'uma comissão de admiradores do doutor Sidonio Paes com que para solenizarem o 1.º aniversario da sua morte se lembraram presentear esta instituição de caridade.

Recebemos mais 10\$00 dos Carregadores de Peixe, 3\$13 dos cobradores de prôas e caixotes dos cercos de Setubal e um cartão de boas festas acompanhado d'um caixote com 50 latas de conserva de sardinhas do ex.^{mo} sr. Albert Rouillé, Limitada.

A todos indistinctamente a direção reconhecida agradeee.

Fig. 8

24 agosto de 1927

A festa do Orfanato Municipal

No proximo domingo tem inicio as festas do Orfanato Municipal, que se realizarão na Avenida Todi, no local em frente do edificio daquela instituição de caridade.

A'lem do arraial, haverá quermesse e tombolas, tocando o banda do Orfanato Municipal pela primeira vez em publico.

As festas continuarão na proxima segunda e terça-feira, sendo abrilhantadas respectivamente naqueles dias, pelas bandas da Sociedade Capricho e União.

O Orfanato Municipal estará durante os dias da festa patente ao publico.

Fig. 9

Recordar é viver e já lá vão 34 anos!

Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais

18 - 5 - 1919

18 - 5 - 1953

(Para comemorar esta data, damos a seguir a transcrição da reportagem que «O Setubalense» fez há 34 anos, da abertura desta Casa de Beneficência).

Com um lindo dia de sol, por entre música e flores, foi ontem inaugurada em Setúbal mais uma casa de caridade, destinada aos orfãos, cujos pais faleceram em resultado da última epidemia.

Algumas palavras sobre o Orfanato

O convento da Soledade foi pela Câmara transacta transformado num refúgio para menores do sexo masculino. Não é como muitas pessoas desejariam, uma casa feita exclusivamente para o fim a que hoje foi destinada. Contudo, serve bem para um internato, onde as almas candidas das crianças encontrem o socego a que tem jus, livres do tremedal do vício e do crime onde fatalmente caíam, se a Câmara de então, justiça lhe seja feita, não tivesse tomado essa iniciativa, que a comissão administrativa actual secundou, logo após ter tomado posse, sendo coroado de exílio o esforço que empregou, até na cedeocia do edificio, que foi passado para a Câmara, pelo actual ministro da Justiça, sr. dr. António Graça.

Visitámos o Orfanato. Dele trouxemos uma impressão muito pura e muito sensibilizadora. E' que dentro daquela casa, cujas portas se abriram para abrigar a desgraça, um novo templo se edificou, pequeno e modesto na sua construção, grande e sublime para o fim a que o destinaram. Abençoados sejam todos os corações que concorreram por qualquer forma, para arrancar das vielas os pequeninos seres, que agasalhados pelo manto protector dos setubalenses, ali se encontram já, preparando se para o futuro, quer recebendo a luz da instrução, quer encontrando o alimento preciso para não delinham de fome.

A sessão solene

Começou pelas três horas da tarde e realizou-se na nave da igreja da Soledade.

A mesa foi formada pelo sr. Joaquim Brandão, que presidiu e representava o sr. ministro do Trabalho, tendo como secretários, os srs. dr. Paula Borba, Romano Batista, dr. Macedo e Castro, Ferreira e Grilo, estes representando a Câmara Municipal.

Aberta a sessão, o nosso amigo sr. Joaquim Brandão, diz que escusa de fazer a sua apresentação porque todos o conhecem e por isso lhe perdoarão, a deliberação do presidente, para o aceitarem como homem. Numa oração brilhante, pausada, faz o elo-

António Henriques, vereador do Orfanato da Câmara, a data da abertura do Orfanato, de que se trata, como Joaquim Pedro Ferreira e César Romano Batista.



gio da beneficência em Setúbal, terra onde todas as bolsas se abrem para socorrer a desgraça, congratulando se em registar o facto da Câmara actual ter continuado a obra da transacta, quanto a esse asilo de crianças.

Não é justo — diz o orador — que aqueles que produzem e trabalham, quando na agonia levem no pensamento o desamparo a que ficam votados os filhos, porque tendo dado o melhor do seu esforço na luta pela vida, a sociedade não devia tratar nem receber como mádrasta, os orfãos que eles deixassem e assim, com a abertura dessa casa de caridade, ficou completo o quadro da beneficência que é composto pelos asilos, Bocage e Acácio Barçadas, para velhos de ambos os sexos, da Infancia Desvalida, para meninas, e Orfanato para os rapazes. Põe em relevo a obra do actual governo que muito tem protegido os desherdados da sorte, enaltece as leis do descanso semanal, do horário do trabalho e dos seguros obrigatórios, tudo leis a favor dos pobres, terminando com estas palavras:

— Af' fica aberto aos desamparados mais um estabelecimento de caridade. Cabe agora a todos dar-lhe o amparo de que carece para que não morra.

Segue-se-lhe João Grilo, que, como vereador, diz que a actual comissão administrativa teria praticado um grande erro e um imenso crime, se não tivesse secundado os trabalhos da Câmara transacta, pelo que a felicita, porque foi ela que iniciou esse padirão, que tem por nome: Orfanato Municipal, e se a fé dos homens que compunham a Câmara anterior, é verdadeira como acredita, eles devem nesta hora sentir se satisfeitos com a inauguração desta casa. Faz ainda várias considerações, terminando por dizer que o povo de Setúbal tem uma concepção tão nítida do que é a beneficência, que a mesma não é distribuída como esmola, pois tem já o caracter de uma solidariedade humana.

Faz se profundo silencio. Vai falar o dr. Paula Borba.

Só sabe dizer o que lhe vai na alma. Abre a e deixa a expandir-se. Fala como presidente da Associação da Misericórdia de

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

Fig. 11

Inauguração do Orfanato Municipal

Com um lindo dia de sol, por entre musas e flores, foi honrem inaugurada em Setúbal mais uma casa de caridade, destinada aos orfãos, cujos pais faleceram em resultado da última epidemia.

Paula Borja, Romano Baptista, dr. Macedo e Castro, Ferreres e Grilo, mais representando a Camara Municipal.

Aberta a sessão, o honroso amigo sr. Joaquim Brandão, diz que escuta de fazer a sua apresentação porque todos o conhecem e por isso lhe perdoo, a diligencia do presidente, para o acollitar como homem. Numa oração brilhante, passada, faz o elogio da beneficencia em Setúbal, terra onde todas as boas se abrem para socorrer a desgraça, congratulando-se em registar o facto da Camara actual, ter continuado a obra da tranzata, quanto a esse asilo de crianças.

Não é juizo — diz o orador — que aqueles que produzem e trabalham, quando na agonia levem no pensamento o desamparo a que ficam votados os filhos, porque tendo dado o melhor do seu esforço na lucta pela vida, a sociedade não devia tratar nem receber como madrastra, os orfãos que eles deixassem e assim, com a abertura desta casa de caridade, ficou completo o quadro da beneficencia que é composto pelos asilos, Boccage e Acacio Barradas, para velhos de ambos os sexos, da infancia desvalida, para meninas, e orfanato para os rapazes. Põe em relevo a obra do actual governo que muito tem protegido os desherdados da sorte, enaltece as leis do descanso semanal, do horario do trabalho e dos seguros obrigatórios, tudo leis a favor dos pobres, terminando com estas palavras: X

— Ahi fica aberto aos desamparados mais um estabelecimento de caridade. Cabe agora a todos dar-lhe o amparo de que carece para que não morra.

Segue-se-lhe João Grilo, que, como vereador, diz que a actual comissão administrativa teria praticado um grande erro e um imenso crime, se não tivesse secundado os trabalhos da Camara tranzata, pelo que a felicita, porque foi ela que iniciou esse padrão, que tem por nome: Orfanato Municipal, e se a fé dos homens que compunham a Camara anterior, é verdadeira como acredita, eles devem nesta hora sentir-se

Algumas palavras sobre o orfanato

O convento da Soledade foi pela Camara tranzata transformado num refugio para menores do sexo masculino. Não é como muitas pessoas desejariam, uma casa feita exclusivamente para o fim a que hoje foi destinada. Contudo serve bem para um internato, onde as almas candidas das crianças encontrem o socorro a que tem jus, livres do tremedal do vicio e do crime onde fatalmente cairiam, se a Camara de então, justica lhe seja feita, não tivesse tomado esta iniciativa, que a comissão administrativa actual secundou, logo apoz ter tomado posse, vendo corado de zelo o esforço que empregou, até na cedencia do edificio, que foi passado para a Camara, pelo actual ministro da justiça, sr. dr. Antonio Granjo. X

Visitámos o orfanato. Dele trouxemos uma impressão muito pura e muito sensibilizadora. É que dentro daquella casa, cujas portas se abriram para abrigar a desgraça, um novo templo se edificou, pequeno e modesto na sua construção, grande e sublime para o fim a que o destinaram. Abençoados sejam todos os corações que concorreram por qualquer fórma, para arrancar das vias os pequeninos seres, que agazalhados pelo manto protector dos setubalenses, all se encontram já, preparando-se para o futuro, quer recebendo a luz da instrução, quer encontrando o alimento preciso para não delinhiarem de fome.

A sessão soléne

Começou pelas trez horas da tarde e realizou-se na nave da igreja da Soledade.

A mesa foi formada, pelo sr. Joaquim Brandão, que presidiu e representava o sr. ministro do Trabalho, tendo como secretarios, os srs. dr.

Fig.12



Fig. 13

Orfanato Municipal

Presidente Sidónio Pais

O actual Conselho Administrativo desta prestada Casa, a que preside o Sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, colaborado por D. Elvira Mil Homens e Sr. José Francisco Gomes, quis comemorar em 17 e 18 de Maio os 34 annos da humanissima instituição, com uma festa de confraternização entre directores e alunos, antigos e actuaes, que decorreu com grande entusiasmo. Iniciou-se a festa com um almoço no dia 17, pelas 13 horas, a que assistiram, por amavel convite, fundadores, administradores e alunos. Estavam presentes: os Srs. Mariano Augusto Coelho, da Câmara da presidência do Sr. Henrique Pereira, fundador do Orfanato; Romano Baptista e António Henriques, da 1.ª Comissão Administrativa da sua abertura; Capitão Vila Verde, João Teixeira, Tenente Coronel Jorge Carlos Costa, Manuel Xavier dos Santos Jacob, Dr. Miguel Grech Torres Júnior, Alfredo Figueiredo da Cunha, e a actual Direcção; todas administradoras em direcções successivas, que áquella Casa deram muito do seu esforço, da cabeça e coração.

Presidiu ao almoço o Sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, que antes da refeição mandou descerrar por um aluno, na sala do refectório, o retrato do Sr. Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar. Este acto solene foi saudado com muitas palmas e vivas. Depois, Sua Ex.ª, numa sentida e patriótica allocução, dirigindo-se a todos os internados, pede-lhes que atendem sempre bem ao digno exemplo daquele grande Português, cujo retrato ali fica patente para que sempre seja lembrado; sendo filho de pais modestos do povo, foi na sua humilde infância também um internado como vós, aluno do Semicólio de Viseu; e, pelo seu muito trabalho e estudo, chegou a ser, não só o maior obreiro do nosso grande Império Português, mas até o maior do Mundo, neste século, que na História de Portugal ficará conhecido pelo século de Salazar. As últimas palavras foram abafadas por uma salva de palmas e muitos vivas. O almoço decorreu depois muito animado. A' sobremesa houve brindes, iniciados pelo Presidente, que depois de ter pedido em momento de recolhido silencio para obreiros e protegidos desta casa falecidos, agradeceu a presença dos convidados, a quem esta obra muito deve.

Seguiram-se outros brindes obrios de calor, dando frisante nota da grande solenação. Foi também mandada ler por um pupilo, em "O Seteabalense", de 19 5 1919 a reportagem da abertura do Orfanato, leitura que teve nobres applausos. Houve pena e reparo da pouca frequência de antigos internados daquela Instituição, onde já deram entrada até á data, 288 órfãos, que ali recebem o pão e a educação com desvelos maternos. A' tarde, houve uma sessão recreativa na cerca do Cricato, muito concorrida, que a todos agradeceu. Foram 18 números de teatro infantil, de franca gargalhada, a que vieram prestar o seu concurso crianças do Bairro Presidente Carmona, alternando ali com artistas da Casa, aquelle pequeno palco. Deu grande realce á festa a sparallel-gem sonora, montada pela Electricificadora do Sado Lda.

No dia 18, ás 9 horas, houve uma missa na Igreja de Nossa

ult
Vi
to
ga
c
ran
trit
são
jan
salt
ran
P
revi
mer
nara
cios
banc
isc
Pens
Sa
criç
certi
até
re-
ul
prest
trans
sagra
para

No
-se e
da Ca
te pro
A's
dados
A's
panha
A's
o Sr.
autori
A's
bênção
guraçã
seguid
A's
ca Cas
A fe
doas fi

Ate

No p
a efeti
comemc
39.º an
Esse
ridisim
que est

Cine

Amanã
favoritas
-Esta em
diversão e

Senhora
de todos
lecidos;
msgem
orações
ras estev
offinas
tente ao
com int
festanoh
se fan-
g todos e p
guel Ros
diase este
criação e
Orfanato
meotar a
que bem
carinho d

Fig. 14

10 maio 1963

«RECORDAR, NÃO É SAUDOSISMO»!

E O ORFANATO, VOLTA A ESTAR EM FOCO

Enquanto Deus nos for dando saúde, desejamos continuar a recordar factos ligados a esta cidade que nos acolheu desde o ano de 1934, e em que alguns anos depois, chamado pelo saudoso Luis Faria Trindade, começamos a colaborar no seu então «O Setubalense», onde desde logo tomamos conhecimento com Rapazes que haviam sido educados na «Casa mãe», ou seja o Orfanato Municipal de Setúbal, que fora fundado em 18 de Maio de 1919, e que se ficou devendo à iniciativa dum Grande Setubalense, ou seja Henrique Augusto Pereira, que anos atrás já havia fundado os Bombeiros Voluntários, que este ano também vão comemorar o seu aniversário.

Pois esta Casa de educação, teve como seus primeiros administradores,

Joaquim Pedro Ferreira, Cesar Romano Baptista e Antonio Mendes Fialho. Como é de prever, a criação de tal Obra, não foi fácil: tinha acabado a guerra 1914/18, não havia muito tempo e a industria que então alimentava a cidade, nem sempre se apresentava «risonha», ou porque a sardinha não aparecia ou porque os vendáveis e a exportação não ajudavam. Na época, verificou-se que a ideia do Orfanato viria a ser «ouro sobre azul», para os filhos dos pescadores e para os órfãos, dado que os recursos dos seus não davam para se poder frequentar uma escola onde se aprendesse um officio profissional e técnico.

Vejamos agora algumas datas que nos falam das grandes «coisas» que se fizeram naquela Casa, não

só para o bem dos Rapazes, mas para o Bem comum.

Em Julho de 1920, iniciadas as Oficinas de Carpintaria e Sapataria; Setembro de 1925, a Oficina de Encadernação. Banda de Música, inaugurada em Agosto de 1929, a oficina de Tipografia, seria inaugurada em Novembro de 1935, em Janeiro de 1947, seria tomada de renda a Quinta das Palmeiras, para nela funcionar uma Secção Agrícola. Desde Março de 1947, os Alunos passaram a ter certa percentagem e ordenado, conforme os trabalhos em que laboravam.

Como nossa homenagem, falar nos Alunos fundadores.



1919 - alunos fundadores

Cruz, Alvaro António Martins; Américo Buzio; Américo Sertório; Anibal Lourenço; António de Freitas; Antonio Joaquim Carrapico; António Paiva Corromeu; Cândido d'Almeida; Carlos Breschi Frade; Casimiro da Silva; Diamantino Fernandes da Silva; Eduardo Ferrer Baltazar; Francisco Brigido Gonçalves; Francisco Gomes de Jesus; Francisco Heliodoro Santana Junior; Francisco de Paula Rocha; Heitor da Costa; Humberto Rodrigues Adão; Isaias d'Almeida; Januario de Jesus; João Gomes Fernandes; João Hamburgoês; João Martins Coelho; João Rosa da Cruz; Joaquim António Moreno; Joaquim da Silva Barrocas; José Augusto Giaro; José Augusto Loureiro; José Joaquim Pina; Marino Inácio; Mano Luiz do Sacramento; Mário de Oliveira (estive connosco em terras de Cabo Verde e era um bom carpinteiro); José Martins Coelho; Miguel Cândido; Olimpio Augusto Cândido e Pedro dos Reis Ferreira. Recordar ainda que era tão importante para Setúbal e para o País a grandeza desta Casa Educadora, que ela viria a ser «mestra» do pintor, ou melhor do que viria a ser um Grande Pintor, Luciano Pereira dos Santos.

E claro que muito e muito haveria a dizer-se desta Casa e dos Rapazes que por lá passaram e foram feitos Homens, através dos tempos, pois que os Ex-Alunos, no ano passado, apresentaram um autocollante, onde diziam que eram cinco gerações, desde 1919 a 1982. No entanto deixar aqui bem vincado que os Setubalenses desejaram sempre estar presentes quando há Bem a praticar e foi ale por isso que houve quem escrevesse

«Alguns perguntarão como é possível, nos tempos maus que correm, manter-se uma obra assim, relativamente tão ampla. E então logo lhe responderam: — tal é possível, porque em Setúbal a SOLIDARIEDADE não é uma palavra vã, e porque o espirito de SACRIFICIO da sua População, trabalhadora e geralmente pobre, — não conhece a este respeito, quaisquer limites.»

E estas afirmações foram feitas já vai para mais de quarenta anos.

dos muitos que já temos, graças a Deus, julgamos que será uma questão de «toque», a nossa Raça, foi sempre generosa, valente, sofredora, tudo dentro de certos limites, já se vê! O que é preciso é falar-lhe ao coração, não com «banhas de cobra» nem mentiras! Mas dizer-lhe de cara-a-cara, o que queremos e como pensamos fazer; Sem esquecer que no meio do «trigo», também aparecem «ervas» daninhas. Mas para essas já existem bons «erbicidas», felizmente!

Daqui se felicitam Todos aqueles que receberam a sua Educação no Orfanato Municipal, devem sentir-se orgulhosos por tal, há muito e muito boa gente, que nunca encontrou pela frente uma «Casa Pia» que o ilustresse.

Pedir de Deus as suas bênçãos para os que já partiram do nosso convívio, e abraçar alegremente os que ainda por cá andam lutando para que esta sua Patria seja uma terra livre e decente, pelo Trabalho e pelas suas Accões!

Que assim seja meus bons Amigos!

JOSE REBELO



1923 - A primeira banda de música

Fig. 15

1 janeiro de 1919

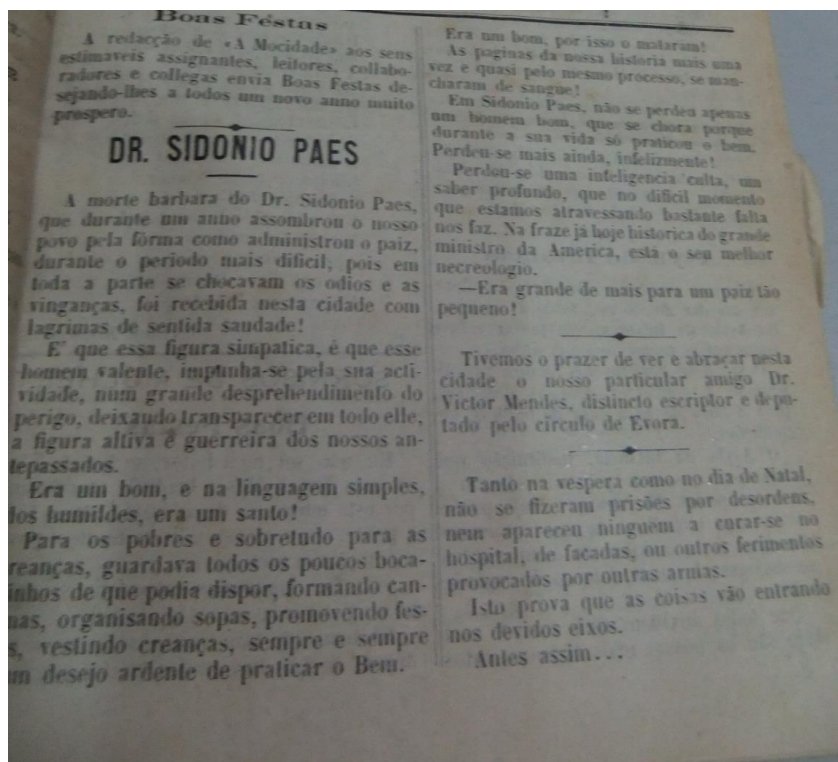


Fig. 16

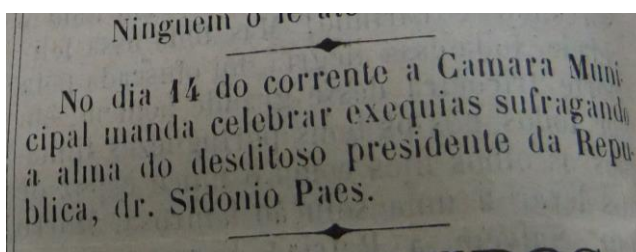


Fig. 17

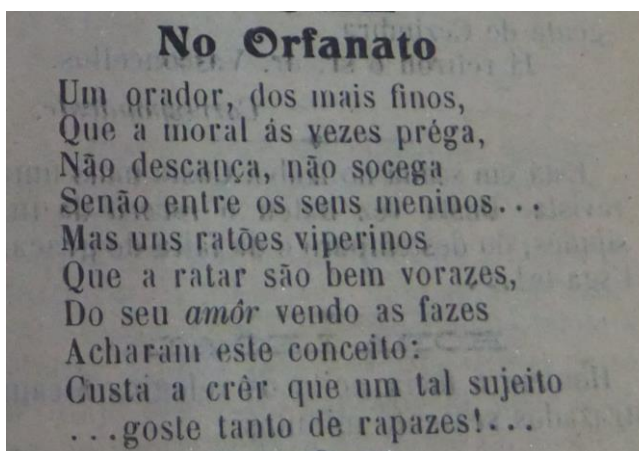


Fig. 18

Como nasceu a composição mecânica

Por José Augusto de Jesus

O trabalho de grande importância científica desenvolvido pelo engenheiro brasileiro, em sua obra "A composição mecânica", publicado em 1954, constitui um marco na história da engenharia mecânica no Brasil. O autor, José Augusto de Jesus, aborda de forma clara e objetiva os aspectos fundamentais da composição mecânica, desde a escolha dos materiais até a fabricação dos componentes.

A obra é dividida em capítulos que tratam de: seleção de materiais, processos de fabricação, controle de qualidade e manutenção. O autor enfatiza a importância de uma abordagem sistêmica para a composição mecânica, considerando não apenas o material em si, mas também o processo de fabricação e as condições de uso.

Um dos pontos centrais da obra é a discussão sobre a importância da escolha correta dos materiais para cada aplicação específica. O autor destaca que a escolha errada pode levar a falhas catastróficas, enquanto a escolha adequada garante a durabilidade e a segurança dos componentes.

Além disso, o autor aborda a importância do controle de qualidade durante todo o processo de fabricação. Ele destaca que a adoção de técnicas modernas de controle de qualidade é essencial para garantir a conformidade dos componentes com as especificações exigidas.

Por fim, o autor discute a importância da manutenção adequada dos componentes mecânicos. Ele destaca que a manutenção preventiva é fundamental para evitar falhas inesperadas e prolongar a vida útil dos equipamentos.

Em resumo, "A composição mecânica" é uma obra fundamental para qualquer profissional da área de engenharia mecânica. Ela oferece uma visão abrangente e prática dos aspectos envolvidos na seleção, fabricação e manutenção de componentes mecânicos.

A obra é escrita de forma clara e acessível, tornando-se uma excelente referência tanto para estudantes quanto para profissionais experientes. A abordagem sistêmica adotada pelo autor é um diferencial importante que torna esta obra indispensável para a prática profissional.

Além disso, o autor aborda a importância da atualização constante em relação às novas tecnologias e materiais disponíveis no mercado. Ele destaca que a engenharia mecânica é uma área em constante evolução, e os profissionais devem estar preparados para lidar com os desafios impostos por essas mudanças.

Por fim, o autor enfatiza a importância da ética profissional na engenharia mecânica. Ele destaca que a responsabilidade do engenheiro é garantir a segurança e a confiabilidade dos componentes que projeta e fabrica, sempre seguindo as normas técnicas e os princípios éticos da profissão.

Em conclusão, "A composição mecânica" é uma obra que não apenas fornece conhecimentos técnicos essenciais, mas também promove uma abordagem ética e responsável para a prática da engenharia mecânica. É uma leitura obrigatória para todos os profissionais da área.

Atualmente, a obra continua sendo uma referência importante para a comunidade científica e profissional brasileira. A abordagem sistêmica adotada pelo autor é um modelo a ser seguido por todos os envolvidos no processo de composição mecânica.

A obra também destaca a importância da colaboração entre diferentes áreas do conhecimento, como a engenharia mecânica, a ciência dos materiais e a metalurgia. O autor enfatiza que a integração dessas áreas é fundamental para a otimização dos processos de fabricação e a melhoria da qualidade dos componentes.

Além disso, o autor aborda a importância da inovação tecnológica na engenharia mecânica. Ele destaca que a adoção de novas tecnologias e materiais é essencial para o desenvolvimento de componentes mais eficientes e duráveis.

Por fim, o autor enfatiza a importância da formação continuada dos profissionais da área. Ele destaca que a atualização constante em relação às novas tecnologias e materiais é fundamental para garantir a competitividade e a excelência na prática profissional.

Em conclusão, "A composição mecânica" é uma obra que não apenas fornece conhecimentos técnicos essenciais, mas também promove uma abordagem ética e responsável para a prática da engenharia mecânica. É uma leitura obrigatória para todos os profissionais da área.

LIGA PRO

Associação de Profissionais

A LIGA PRO é uma associação de profissionais que atua na área de engenharia mecânica. Ela tem como objetivo principal promover o desenvolvimento profissional e técnico de seus membros, além de defender seus interesses perante a sociedade e o poder público.

Para mais informações, consulte o site da LIGA PRO ou entre em contato diretamente com a associação.

Fig. 21.



Tabelas e Esquemas – **Anexo 2**

**Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais
de Henrique Augusto Pereira**

MOVIMENTO NA ESCOLA PRIMÁRIA

	1.ª cl.	2.ª cl.	3.ª cl.	4.ª cl.
Existência inicial	10	8	12	11
Admitidas no Orfanato	5	1	3	1
Existência actual (Dez.)	15	9	15	12
Total de alunos existentes a frequentar a Escola Primária				
Frequentam a Escola sem matrícula por não terem ainda idade escolar, mais				8
TOTAL				20

Exames e mudança de classes

Exame de 4.ª classe 11 aprovações
 Exame de 3.ª classe 5

MUDANÇAS DE CLASSES:

Da 3.ª para a 4.ª 5 alunos
 Da 2.ª para a 3.ª 10 alunos
 Da 1.ª para a 2.ª 5 alunos

Alunos que ficaram na mesma classe 10 alunos
 Reprovações — 1 aluno reprovado na 3.ª classe

NOTA — Chama-se a atenção para o decrecimento de alunos que ficam na mesma classe. O ano passado ficaram 23, este ano 10.
No entanto é ainda grande a percentagem de anormais e atrasados mentais, cuja insistência na Escola nada serve. Para esses procura-se, depois de pelo menos saberem ler, escrever e cantar a adaptação ao trabalho (Secção Agrícola).

Movimento do ensino técnico

1 — Primeiro ano industrial — nocturno
 2 — Primeiro ano comercial — nocturno
 2 — Primeiro ano curso preparatório — diurno (a)
 2 — Segundo ano comercial — nocturno

TOTAL 7 alunos

(a) — Não tem idade para frequentar o Curso nocturno.

Fig. 1

MAPA DA EXISTÊNCIA DE INTERNADOS
desde 1919 (jundação) até 1947

ANOS	NÚMERO DE INTERNADOS	ANOS	NÚMERO DE INTERNADOS
1919	41	1940	50
.	—	1941	60
1934	65	1942	61
1935	65	1943	62
1936	64	1944	63
1937	65	1945	58
1938	64	1946	62
1939	61	1947	60

MAPA DE ENTRADAS DE INTERNADOS
desde 1934 até 1947

ANOS	NÚMERO DE INTERNADOS	ANOS	NÚMERO DE INTERNADOS
1934	—	1941	12
1935	7	1942	11
1936	5	1943	8
1937	7	1944	6
1938	3	1945	6
1939	2	1946	10
1940	6	1947	18

Fig. 2

INTERNADOS ENTRADOS EM 1947			
N.º de entrada	DATA DA ADMISSÃO	N O M E S	N.º QUE FOI OCUPAR
1	3/2/947	Francisco Manuel de Almeida	47 (era semi-interno em 1946)
2	3/2/947	Francisco José Farinha Rico	63 idem
3	3/2/947	Mário Alberto Nunes da Silva	20 »
4	3/2/947	Fernando António Filipe	30 »
5	3/2/947	Ruílo Pinto	62 »
6	3/2/947	Henrique Sabino da Rocha	48 »
7	3/2/947	António Jorge Galiére da Cunha	36 »
8	3/2/947	Jorge da Cruz Lopes	64 »
9	3/2/947	Fernando Duarte dos Santos	67 »
10	23/6/947	Alvaro Martins Pinto	39
11	33/6/947	Fernando Joaquim Arsénio	65
12	29/9/947	Armando Vitor Silva Farol	1
13	29/9/947	Manuel F. dos Santos Martinho	40
14	29/9/947	João António Martins	41
15	2/12/947	António dos Santos Agostinho	19
16	30/12/947	Alvaro Correia	68 (era semi-interno)
17	30/12/947	Diamantino dos Santos Pacheco	52
18	30/12/947	António dos Santos	69
TOTAL DE INTERNADOS ENTRADOS			18

Fig. 3

INTERNADOS SAÍDOS EM 1947				
Nú- me- ros	N O M E S	TEMPO DE INTERNAMENTO	OFÍCIO QUE LEVOU	Despesa fei- ta c/ encaval e depósito na Caixa
1	Eduardo de O. Cardoso	8 anos — 2 meses — 1 dia	Moço de armazém	1.512\$05
19	Miguel Aug. Bacalhau	10 anos — —	Empreg. da C. M. S.	1.514\$02
20	António Guerreiro . . .	9 anos — 1 mês — 2 dias	Canalizador	1.508\$77
30	Horácio Ribeiro . . .	10 anos — — 6 dias	Ajudante de farmácia	1.535\$27
36	José Henrique Neto	9 anos — 1 mês — 24 dias	Serralheiro	1.508\$77
39	Amadeu de Jesus Rocha	6 anos — 1 mês — 24 dias	Carpinteiro	1.566\$.2
40	Fernando C. Conceição	9 anos — 3 meses — 1 dia	Tipógrafo - impressor	1.456\$45
41	Joaquim Antunes . . .	6 anos — 1 mês — 1 dia	Trabalhador	1.497\$30
47	Alvaro Pereira	5 anos — 7 meses — 4 dias	Canalizador	1.508\$77
52	Abraão Henriques . . .	5 anos — 9 meses — 15 dias	Tipógrafo-compositor	—\$—
65	Adelino José Cascais .	13 anos — — 13 dias	Sapateiro	1.497\$97
TOTAL DE INTERNADOS SAÍDOS				11
DESPESA FEITA COM AS SAÍDAS				15.105\$99

Fig. 4

PRETENDENTES COM DOCUMENTAÇÃO EM ORDEM AGUARDANDO VAGA		
DATA DO PEDIDO DE ADMISSÃO	NOME DO PRETENDENTE	IDADE NA DATA DO PEDIDO
10/4/1942	Jaime Lopes dos Santos Pereira	6 anos
27/6/1945	Américo Fernando de Brito	7 anos
18/10/1945	Mário Francisco da Encarnação	8 anos
29/6/1946	Albertino Luis Quaresma	7 anos
24/10/1946	Antônio Augusto Martins	10 anos
11/3/1947	Adriano Rosa Pereira	9 anos
11/3/1947	José Pereira	11 anos
9/5/1947	Albertino da Conceição Duarte	7 anos
9/5/1947	Alfredo da Conceição Duarte	8 anos
28/5/1947	Ramiro Gregório da P. Simões	5 anos
6/5/1947	Abílio Serafim Candeias Correia	5 anos
3/7/1947	Luciano Carlos da Cruz	6 anos
17/7/1947	Antônio Manuel da Silva	8 anos
9/8/1947	Francisco Maria da C. Soares	8 anos
26/8/1947	Agostinho Dias Mourato	9 anos
26/8/1947	Orlando dos Santos Costinha	9 anos
6/9/1947	Alvaro Fernando Andrade	11 anos
17/9/1947	Fernando Augusto Mesquita	10 anos
20/10/1947	Francisco Maria da Piedade	8 anos
9/12/1947	Manuel Jorge Teixeira	9 anos
19/12/1947	Marcelino Batista Silvestre	8 anos

PRETENDENTES AGUARDANDO VAGA	
Pedidos entrados em 1947.	16
Pedidos entrados em 1946.	2
Pedidos entrados em 1945	2
Pedidos entrados em 1942.	1
TOTAL	21

Fig. 5

MOVIMENTO FINANCEIRO DO ORFANATO

RECEITA :

Saldo do ano anterior		876874
Dotação da Câmara		150.000\$00
Donativos (Subsídios e donativos)		70.670\$05
Produção a dinheiro das oficinas:		
Tipografia	12.317\$50	
Sapataria	9.787\$50	
Encadernação	5.600\$80	
Devedores e Credores		27.714\$90
Receitas diversas		83.545\$90
Secção Agrícola		6.536\$10
Salários de internados		26.402\$28
TOTAL		388.066\$64

DESPESA :

Alimentação		108.538\$35
Vestuário		16.358\$70
Calçado		5.242\$00
Instrução		1.781\$10
Administração		1.187\$00
Higiene		6.256\$53
Combustíveis		2.497\$00
Gastos Gerais		1.723\$25
Reparações de mobiliário		27\$50
Obras e Reparações		1.507\$40
Devedores e Credores		45.527\$60
Materiais de Tipografia		21.169\$20
Salários de Tipografia		6.745\$40
Materiais de Sapataria		8.549\$25
Salários de Sapataria		8.883\$75
Materiais de Encadernação		3.130\$10
<i>A transportar.</i>		239.128\$63

Fig. 6

Transporte	239.128963
Salários de Encadernação	1.020900
Internados — Percentag. s/ salários	2.443960
Cadernetas de Internados	2.518966
Ordenados e Salários	56.913900
Depósitos à ordem	22.327900
Secção Agrícola	61.752929
Saldo para 1948	1.383980
TOTAL	388.098964

**TOTAIS DO DISPÊNDIO PELAS PRINCIPAIS CONTAS
EM 1947**

Alimentação	151.508975
Vestuário	23.881935
Calçado	13.770980
Instrução	3.122900
Administração	2.540935
Higiene	8.687918
Gastos Gerais	1.801925
Combustível	5.740990
Ordenados e Salários	56.913900

Fig. 7

RESULTADOS DAS OFICINAS

Tipografia

GASTOS:			
c/ Máquinas, utens., móveis e tipo		620\$53	
c/ Materiais		40.078\$54	
c/ Produção		<u>10.960\$40</u>	61.660\$87
RECEITA:			
c/ Produção			
	LUCRO		<u>101.002\$60</u>
			30.615\$23

Encadernação

GASTOS:			
c/ Máq., móv., utens. e ferramentas		907\$70	
c/ Materiais		4.270\$80	
c/ Produção		<u>1.629\$00</u>	7.400\$50
RECEITA:			
c/ Produção			
	LUCRO		<u>12.000\$10</u>
			4.020\$50

Sapataria

GASTOS:			
c/ Móveis, utens. e ferramentas		155\$63	
c/ Materiais		21.950\$32	
c/ Produção		<u>8.883\$75</u>	30.990\$70
RECEITA:			
c/ Produção			
	LUCRO		<u>32.520\$40</u>
			1.529\$70

Fig. 7a

RESULTADOS FINANCEIROS:

<i>Ordenados e Salários de internados com empregos externos, recebidos pelo Orfanato</i>		12.040\$80
<i>Percentagens pagas pelo Orfanato a internados que trabalham nas suas oficinas ou empregos externos</i>		<u>2.445\$60</u>
LUCRO.		9.595\$20

Fig. 7b

REGISTO ANTROPOMÉTRICO
 MAPA DE PESO, ALTURA E DIFERENÇA ANUAL REGISTRADA

N.º	IDADE	PESOS			ALTURAS		
		31-12 1946	31-12 1947	DIFER. (KG)	31-12 1946	31-12 1947	DIFER. (CM.)
1	11	—	26,000	—	—	1,25	—
2	17	39,800	46,000	6,200	1,47	1,50	13
3	14	30,500	34,000	3,500	1,29	1,37	8
4	11	21,500	23,000	2,500	1,14	1,225	8,5
5	17	49,500	54,500	5,000	1,635	1,69	5,5
6	14	36,000	38,250	2,250	1,51	1,48	7
7	8	20,500	23,000	2,500	1,14	1,24	10
8	14	32,000	36,000	4,000	1,28	1,37	9
9	13	27,660	30,000	3,000	1,31	1,385	7,5
10	15	40,000	47,000	7,000	1,395	1,555	16
11	15	31,500	37,000	5,500	1,33	1,455	12,5
12	16	39,500	45,000	5,500	1,485	1,60	11,5
13	14	36,000	44,250	8,250	1,435	1,60	11,5
14	14	29,000	32,500	3,500	1,33	1,425	9,5
15	12	29,000	31,500	2,500	1,285	1,38	10,5
16	13	32,500	40,000	8,500	1,51	1,64	13
17	9	24,000	28,000	4,000	1,19	1,28	9
18	13	28,000	30,500	2,500	1,30	1,37	7
19	12	—	28,500	—	—	1,36	—
20	11	—	21,500	—	—	1,20	—
21	14	32,000	35,500	2,500	1,35	1,45	10
22	17	40,000	47,000	7,000	1,43	1,555	12,5
23	17	35,000	43,000	8,000	1,50	1,59	13
24	12	25,500	28,500	3,000	1,235	1,34	11,5
25	18	30,000	43,500	13,500	1,30	1,53	14
26	10	—	31,000	—	—	1,28	—
27	14	36,000	39,000	3,000	1,45	1,56	11
28	11	23,500	27,000	4,500	1,23	1,33	10
29	7	—	23,000	—	—	1,13	—

Fig.8

N.º	USAGE	PESOS			ALTURAS		
		31-12 1946	31-12 1947	DIFER. (000)	31-12 1946	31-12 1947	DIFER. (CM.)
30	10	—	25,000	—	—	1,27	—
31	16	37,000	43,500	6,500	1,42	1,55	—
32	15	36,000	38,000	2,000	1,40	1,50	13
33	14	29,500	33,000	3,500	1,31	1,47	16
34	15	41,500	47,000	5,500	1,55	1,59	4
35	9	19,000	22,000	3,000	1,15	1,23	8
36	7	—	22,000	—	—	1,19	8
37	17	49,000	57,000	8,000	1,57	1,71	14
38	11	29,500	33,500	4,000	1,27	1,38	11
39	10	—	25,000	—	—	1,25	—
40	7	—	19,000	—	—	1,14	—
41	13	—	30,500	—	—	1,43	—
42	17	40,000	50,000	1,000	1,52	1,56	4
43	8	—	20,000	—	—	1,15	—
44	15	31,000	34,500	3,500	1,33	1,42	9
45	16	46,000	50,000	4,000	1,50	1,59	9
46	15	33,500	39,500	6,000	1,295	1,54	14,5
47	10	—	29,000	—	—	1,19	—
48	10	—	21,000	—	—	1,225	—
49	15	33,500	38,500	5,000	1,36	1,40	4
50	17	46,500	51,500	5,000	1,52	1,67	15
51	12	27,000	30,750	3,750	1,32	1,31	9
52	8	—	—	—	—	—	—
53	14	29,500	32,000	2,500	1,35	1,35	0
54	15	41,500	47,000	5,500	1,43	1,53	11
55	11	25,000	28,000	3,000	1,225	1,31	6,5
56	15	34,500	39,000	4,500	1,28	1,41	13
57	10	26,500	30,500	4,000	1,27	1,35	8
58	12	—	28,500	—	—	1,275	—
59	17	38,500	43,500	5,000	1,41	1,55	14
60	14	29,000	33,000	4,000	1,35	1,44	9
61	11	27,000	30,000	3,000	1,245	1,35	10,5

Fig. 8a

N.º	USAGE	PESOS			ALTURAS		
		31-12 1946	31-12 1947	DIFER. (000)	31-12 1946	31-12 1947	DIFER. (CM.)
62	12	—	30,000	—	—	1,35	—
63	10	—	28,000	—	—	1,30	—
64	12	—	23,000	—	—	1,205	—
65	11	—	30,000	—	—	1,27	—
66	13	29,500	34,000	4,500	1,28	1,385	10,5
67	11	—	28,000	—	—	1,31	—
68	8	—	—	—	—	—	—

Fig. 8b

NÚMERO DE PRATICANTES	OCUPAÇÃO
1	Serralheiro
1	Cromador
6	Empregados de escritório
1	Empregado de balcão
1	Empregado dos Serviços da Câmara
4	Tipógrafos-compositores
3	Tipógrafos-impressores
6	Sapateiros
3	Encadernadores
2	Aux. de cosinheiro
1	Enfermeiro - praticante
5	Estudantes Curso Comercial (1.º ano)
2	Estudantes Curso Comercial (2.º ano)
15	Estudantes Instrução Primária (1.ª classe)
9	Estudantes Instrução Primária (2.ª classe)
15	Estudantes Instrução Primária (3.ª classe)
12	Estudantes Instrução Primária (4.ª classe)
21	Músicos (2.º ano)
16	Músicos-aprendizes (1.º ano solfejo)
4	Trabalho no campo (Secção Agrícola)

Fig. 9

MAPA COMPARATIVO DOS ORDENADOS E SALÁRIOS RECEBIDOS EM :

1947	1944	1943	1942	1941	1940
12.040\$80	4.058\$10	1.790\$55	652\$80	1.753\$55	2.566\$10

Fig. 9a

Barbeiros, Sapateiros, Carpinteiros, Latoeiros, Serralheiros, Pedreiros, Litógrafos, Tipógrafos, Pintores, Fotógrafos, Motoristas, Canalizadores, Electricistas, Canteiros, Desenhadores, Comerciantes, Industriais, Empregados de Escritórios, de Balcão, de Fábricas, de Lojas, de Modas, de Drogarias, Mercarias, Farmácias, Hospitais, Casas de Espectáculos, Telefones, Funcionários Públicos. Músicos.

Fig. 9b

Auto de Emancipação – **Anexo 3**

**Auto de Petição de Emancipação
(Arquivo Municipal de Setúbal)**

Março 147

N.º 344

N.º 35

1929

Comarca de Setúbal

Vara Cível

3º Ofício

Escrivão Monteiro Filipe

Auto de petição para emancipação

Requerente

A Câmara Municipal de Setúbal

Requerido

Olímpio Augusto Cândido, internado no Orfanato Municipal de Setúbal

Diz a Câmara Municipal de Setúbal que tendo a cargo no Orfanato Municipal o menor Olímpio Augusto Cândido, órfão de pai e mãe, nos termos dos art.º 294 e 296 do cód. Civil legitima tutela sobre ele, e reconhecendo que o mesmo já completou 18 anos, tem a capacidade necessária para bem administrar o que é seu, conceder-lhe a emancipação para os efeitos legais.

Autuação

19 fevereiro 1929

Cota registo

Fica este processo registado no Livro de Porta n.º6 a fls 78 sob n.º 344

Filho de Miguel Augusto Cândido e Maria Augusta Perralha Cândido já falecidos é internado de sala

18 de maio de 1919 até 18 dez 1928

Certidão Nascimento

Nasceu 6 ago de 1910

Freguesia de S. Julião, Setúbal

Certidão Óbito (pai)

Faleceu, às 23 horas, do dia 8 set 1917

Certidão Óbito (mãe)

Faleceu às 16 horas, do dia 18 de out de 1918

Foram convocados para compor e elaborar no Tribunal Judicial desta comarca no dia 1 de março, pelas 12 horas a fim de na qualidade.

Glossário – **Anexo 4**



Mestre Copista¹²⁶



Fábrica de papel, inícios do século XVI. Prensa, moimho e cuba¹²⁷



Obra-mestra de Gutenberg - Bíblia de 42 linhas (B-42) 1452-1455¹²⁸

126 In o jornal *O Gráfico*, de 1 Maio de 1945.

127 Idem.

128 A obra de Gutenberg compreende dois volumes com um total de 1282 páginas. Foi produzida por Gutenberg com a colaboração de 20 pessoas. As dimensões do «fólio real» empregue eram de 430 x 620 mm, antes da dobragem. O formato final é de 31 cm (largura) x 43 cm (altura). Dos 180 exemplares impressos, existem hoje 48 exemplares, dois dos quais estão guardados no Gutenberg-Museum em Mainz. Este exemplar foi impresso a duas cores, negro e rubro. Esta página depois da impressão do texto no prelo, foi iluminada, ilustrada e decorada à mão, uso frequente nos manuscritos. Pode-se observar o alinhamento das duas colunas de texto. In *Tipógrafos. Livros-artigos*. Site oficial. Disponível na Internet via [www.http://www.tipografos.net/livros-antigos/b-42.html](http://www.tipografos.net/livros-antigos/b-42.html). Arquivo capturado em 16.01.13;

Alças

Artefacto em madeira que evita sobrepor caixas e favorece os tipógrafos de alta estatura (Silva, 1962:82).

Alinhamento

Coloca-se as letras num justificador, com a ajuda de um esquadro (Silva, 1962:43).

Aperto de formas

Uma espécie de chave que faz desandar os parafusos (Silva, 1962:78).

Blocos

São pouco usados os blocos em ferro, pois são dispendiosos e deterioraram-se mais facilmente. Bloco de ranhuras em madeira servem para montar clichés de galvanoplastia, estereotipia ou as fotogravuras. Quando feitos para clichés, possuem 12 pontos menos de altura do tipo e para a similigravura, possuem menos de 2 milímetros de altura que o tipo (Silva, 1962:81).

Cavalete Vulgar

Caixa de composição. Possui de frente a altura de 1,30 cm, em plano inclinado. Pode ser simples ou duplo. Possui uma pequena gaveta, uma ou duas prateleiras, outras com cacifos para colocação de vários caracteres, como capitais, numeração, versaletes, cursivos, fantasias, vinhetas, entre outros (Silva, 1962:67).

Caixas

São divididas por caixotins de vários tamanhos, uma caixa baixa e outra alta. A caixa baixa, onde estão distribuídas as sortes minúsculas, numeração, pontuação, compostos de espaços comuns, espaços de justificação, quadratins, meios-quadratins e quadrados. Na caixa alta, distribuem-se as capitais ou versais, acentuados, elevados, entre outros (Silva, 1962:39).

Componedor

É formado por duas lâminas de metal ajustadas em ângulo reto. Na sua extremidade encontra-se soldado o talão ou bloco de justificação, na outra extremidade apresenta um

justificador. Existem de vários tamanhos, sendo os mais usuais de 20 cm, comportando 9 linhas de corpo 10 (Silva, 1962:75).

Corpo

A altura da letra mede-se em pontos e é regulada pelo tipómetro, um esquadro metálico com a altura dos carácterés a usar (Silva, 1962:42).

Cortador e chanfrador

Podem estar montados numa mesma peça, possibilitando a que dois operários trabalhem em simultâneo. Um chanfra uma guarnição enquanto o outro corta as entrelinhas (Silva, 1962:80).

Desenho, punção e matriz

Para se obter um desenho de vários tamanhos, os corpos podem variar geralmente entre os 6, 12 ou 16. As punções são gravadas em hastes de aço de 4 a 5 cm de altura. Terminada a gravura a punção volta novamente ao fogo. Obtida novamente a punção, para além de reproduzir desenhos, também confeciona as matrizes ou letras, sempre com a ajuda de uma régua e esquadro de agulhas (Silva, 1962:39).

Distância ou aproximação

Os instrumentos que se utilizam são o esquadro e o justificador (Silva, 1962:44).

Divisório

Compõe-se de haste e mordente e serve para segurar o original (Silva, 1962:74).

Fantasia e cursivos

Famílias completas harmonizam-se com o desenho dos tipos antigos e modernos, redondos, góticos, cursivos com olho maior e menores fundidos sobre o mesmo alinhamento.

Fornilho

É um tijela circular de ferro fundido que se divide por setores, pelo fogão e uma caldeira. Esta caldeira permite obter as letras ou vinhetas (Silva, 1962:45).

Galé

São de maiores dimensões que o galeão. É na galé que se paginam as obras e onde se fazem trabalhos que têm casas sucessivas denominadas por colchetes, tabelas, modelos, entre outros (Silva, 1962:76).

Galeão

Plano retangular de madeira, zinco ou ferro de vários tamanhos e são usados para paginar, encostando a eles notas, títulos, linhas a passar de uma para outra página, entre outros (Silva, 1962:76).

Liga metálica

Liga composta por chumbo, antimónio e estanho. Os materiais feitos deste material são: os espaços, quadratins, quadrados, entrelinhas, lingotes e quadrilongos (Silva, 1962:31).

Linhas-de-artigo e de enfeite

Já não são usadas, mas servem para separar artigos, secções ou notícias, mas é preferível o filete (Silva, 1962:89).

Linha de componedor

Facilita a entrada da letra (Silva, 1962:75).

Máquina para curvas

É de grande utilidade para trabalhos de fantasia para curvar mais facilmente as entrelinhas e adaptar na justificação de títulos em arco, para dobrar zinco, filetes de latão ou metal, formando círculos, elipses (Silva, 1962:80).

Moldes e máquinas

É aplicado à fundição de fantasias de pequeno consumo, vinhetas, corpos grandes, quadrados e espaços desses corpos, entre outros. Um corpo é a peça que vem ao centro da peça maior, cobrindo-a em toda a sua largura; cachimbo é a peça sobre que se produz o movimento para cobrir o molde. O molde inglês possui uma pequena alavanca que permite fazer sair a letra fundida e quando levanta a mola, o fundidor retira a matriz, abre o molde e com os ganchos retira a letra. Os lingotes são fundidos num molde especial, assim como também os quadrilongos e filetes e entrelinhas, entre outros (Silva, 1962:46).

A primeira fábrica de gravura de fundição de tipos que houve em Lisboa, foi a de João Villeneuve no reinado de D. João V, em 1732, mas entrou em decadência em 1756. Em 1768, no reinado de D. José foi criada a Imprensa Régia, hoje Imprensa Nacional (Silva, 1962:53).

Papel

É um composto de fibras vegetais que se pode fabricar manualmente ou à máquina. O papel deriva do papiro, abundante no Egipto no ano de 800 antes de Cristo, cuja casca é cortada em tiras e onde se escreve. Foi substituído nos primeiros séculos e até ao século XI. Considera-se que os chineses foram os inventores do papel e depois introduzido na Europa pelos Árabes aquando da invasão de Espanha. (Silva, 1962:57)



Fabrico Artesanal de papel¹²⁹

Pinça

Deve de ser em aço e com bico e substitui o furador. (Silva, 1962:77)

¹²⁹ Gravura alemã do séc. XVI. Em Portugal, como noutros países da Europa, transformaram os moinhos de fazer pão em engenhos de papel, de modo a acudir à escassez do pergaminho. A partir de 1411 em Portugal havia moinhos do género na cidade de Leiria. O papel usado nos primeiros livros foi importado principalmente de Itália e França. In ANSELMO, Artur. 1981. *Origens da Imprensa em Portugal*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa.

Prelos de provas

Não depende do prelo tirar boas provas, mas sim o cuidado com que se tiram as mesmas. Se o rolo estiver bem tratado e o tamborete estofado com flanela sairá boas provas (Silva, 1962:82).

Ramas e rametas

É uma espécie de caixilhos ou molduras em ferro forjado e esquadriadas. Têm ao centro uma barra. São usados para jornais e usam-se ramos de combinação, que se adaptam por meio de encaixes duas a duas ou quatro a quatro. (Silva, 1962:78)

Regreta tipométrica

Auxiliar para a contagem de linhas, serve para delinear imposições, tira medidas dos pontos de altura da página ou de uma casa (Silva, 1962:82).

Vinhetas

Inúmeras coleções de estilo gregas, arquitetónicas, mosaicos, *rocaille*, renascença, góticas e moderno. Dos ornatos em forma de folhagem trepando como pâmpanos da vinha (Silva, 1962:88).

Linhas-de-artigo e de enfeite

Já não são usadas, mas servem para separar artigos, secções ou notícias, mas é preferível o filete. (Silva, 1962:89)

Filetes

Desde a espessura de 1 a 24 em metal-tipo, zinco ou bronze. Era o material usado na confecção de mapas e tabelas. (Silva, 1962:89)

Colchete

Figura um traço de pena de dimensões variáveis e abrange diversos números, ou diversas partes do texto. Colocam-se horizontalmente e verticalmente. (Silva, 1962:89)

Material Branco

Os claros correspondentes a cada corpo são os quadrados, quadratins e meios quadratins, sendo de corpo 32 em diante, vulgarmente chamados por quadrados ocos. Os claros são mais baixos e com cerca de 12 pontos. (Silva, 1962:94)

Emendas

Executam-se no galeão, na galé, no mármore ou ainda na máquina. Vulgarmente existem três provas, mas podem ser seis ou mais. Para emendar usa-se um furador e uma pinça. (Silva, 1962:131)

Entrelinhamento e desentrelinhamento

É efetuado no ato da composição e coloca-se a entrelinha no compondor. (Silva, 1962:134)

Distribuição

Antes de se fazer a distribuição deve-se limpar, para que se possa impedir de enchê-la e meter-lhe algum forro que falte. (Silva, 1962:135)

Apêndices

Entrevistas – Apêndice 1

Relação com a história de vida e com o Espólio do antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais, nomeadamente a oficina de tipografia.

Entrevista realizada a antigo aluno do orfanato em - 16.10.12

Nome: António dos Santos

Idade: 74 anos

Profissão: Tipografo

Número de internado: sessenta e nove

Alcunha: Mijão

1. Aquando do encerramento do orfanato, para onde caminharam os rapazes que ainda não tinham atingido a maioridade?

Os meninos que se encontravam no Orfanato, após o seu encerramento, foram para a Casa do Gaiato. - Um choque terrível para os rapazes, devido ao sistema de educação. No orfanato era tratado primeiro o rapaz e depois é que era tratada a casa. Na Casa do Gaiato o sistema era e ainda continua muito diferente, pois primeiro era tratada a casa e só depois é que seriam tratados os rapazes. O rapaz tinha de cozinhar, tratar da lavoura, ordenhar a vaca e quando chegava aos vinte e cinco anos não tinham aprendido nenhum ofício. - Como seria então o seu futuro!? As casas de solidariedade são sempre bem-vindas, mas o sistema praticado pela Casa do Gaiato não lhe agrada minimamente, pois não vê nenhum futuro nas crianças.

O rapaz aos dezoito anos tinha que ter um ofício, tinha de estar formado e seguir a sua vida, tinha de se sustentar a ele próprio, pois a lista de espera na secretaria de meninos para entrar era muito grande.

2. Como foi a sua saída do orfanato?

Aos dezoito anos quando sai do orfanato, mesmo sem família já ganhava para pagar as minhas despesas e assim já tinha a possibilidade para alugar um quarto numa pensão. Montei a primeira tipografia, de nome *Tipografia Neto*, a pedido do senhor padre, na Casa do Gaiato.

3. Que sentimento retém dessa saída?

Sou uma pessoa sem ressentimentos e sem rancor da vida que levei no orfanato. Apesar das inúmeras dificuldades, lágrimas e suor, reguadas e castigos, a dureza da educação era grande, mas também trouxe muitas boas recordações, fui sempre tratado por gente boa.

Sinto muito orgulho em ter pertencido ao orfanato, pois como eu, muitos rapazes tiveram sorte no aspeto de formação e educação. Havia muito voluntariado, apoiavam as instituições, havia trabalho comunitário e muita solidariedade. Havia muita dedicação aos asilos em Setúbal.

Mostrou alguns folhetos de 1929, que eram vendidos para angariar fundos. Na data de aniversário do orfanato, as pessoas davam donativos. Os barcos de pescadores davam caixas de peixe às instituições. O primeiro dava peixe ao asilo dos velhinhos, o segundo para o orfanato das meninas o outro para o dos meninos. As pessoas entregavam-se à sociedade.

4. Que emoção transporta aquando da abertura do orfanato?

Na primeira República duas das grandes apostas do estado foi o ensino e o desporto, pois o povo era iliterato e estas duas vertentes eram as mais favoráveis.

Nos anos 30 e 40 houve uma grande epidemia pneumónica em Setúbal e muitos pais (ambos os progenitores) morreram com 20 e poucos anos, de tuberculose (gripe espanhola, pneumónica) deixando os seus filhos órfãos. Havia muitos meninos, filhos de marítimos, cujos pais morreram no mar, vítimas de naufrágios. A Câmara viu-se obrigada a abrir um orfanato para rapazes, pois já havia um orfanato destinado a menina, o Orfanato da *Infância Desvalida*, isto na época do *Presidente Sidónio Pais*, época de muita miséria, muito conhecida pela época da sopa dos pobres. A abertura do orfanato¹³⁰ foi um êxito, teve muita aderência e todos os rapazes que entraram para o orfanato saíram aos dezoito anos com um ofício, uma profissão, conseguindo fazer uma vida normal no exterior.

¹³⁰ In o jornal "O Setubalense" do dia 10 de maio de 1919.

5. Que valências levavam os rapazes quando atingida a maioridade?

Saiamos com instrução, educação, com curso (os que seguiam a via ensino), como foi o meu caso. Como gostava da atividade de tipógrafo, segui essa área. Aos dezoito anos, idade obrigatória para a saída dos rapazes, saíam para dar entrada de novos meninos. Houve cinco gerações de rapazes no orfanato. Levavam uma mala de cartão, com duas cuecas, duas camisetas, dois fatos de macaco, um fato de domingo, dois pares de sapatos, duas gravatas, dois cintos, um chape de chuva, 300\$00 na Caixa Geral de Depósitos. Fui gráfico durante cinquenta a sessenta anos.

Mostrou livros cuja impressão foi efetuada pelo senhor António.

6. Porque razão foi para o orfanato?

Fui colocado pela minha mãe no Asilo Paula Borba, única creche que havia em Setúbal. Era a única creche que havia em Setúbal, onde se deixavam os filhos para as mães poderem trabalhar. A minha mãe esquecera-se e mim, quando tinha um ano de idade. Como não tinha assistência nesta instituição, colocaram-me no orfanato da *Infância Desvalida*, orfanato só de meninas. Era um menino no meio de sessenta raparigas!

7. Quando deu entrada no Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais?

Fiquei no orfanato das meninas até aos sete anos, depois fui para o Orfanato Presidente Sidónio Pais. Quem cuidava das meninas eram as freiras e a madre superior e fui convidado a sair da instituição porque já estava muito crescido. Para a despedida, compraram-me umas meias, uma camisola às riscas e uns calções para levar vestido. Quando entrei no Orfanato dos meninos, estes estavam descalços, carecas e foi quando olharam para mim e viram um menino todo bonito, nem queria acreditar no que viam. Passadas duas horas, cortaram o meu cabelo à escovinha, fiquei quase careca. Deram uma roupa igual aos outros meninos, donde acabou então a fantasia. Aos doze anos comecei a aprender o ofício na tipografia. Só depois dos rapazes fazerem a quarta classe é que podia escolher um ofício.

8. Quais as lembranças que ficaram do orfanato das meninas, Orfanato da Infância Desvalida?

Uma lembrança que ficou do orfanato de meninas, foi quando tomava banho, de chuveiro de cordel que estava ligado à corrente e onde por baixo encontrava-se o fogareiro para aquecer água, mas como a água estava sempre a correr, nunca aquecia a água e tomava banho sempre com água gelada.

Para além do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais, havia também o Orfanato das *Florinhas da Rua* e o da *Infância Desvalida*, ambos femininos.

9. Quais eram os passatempos aquando da sua estadia no orfanato?

Apresentou um presépio, que se encontra sempre montado todo o ano.

Os tempos livres eram momentos de liberdade e para elaborar o presépio o perfeito tinha de dar autorização para uma vez por ano saírem à rua, rumo ao Forte de São Filipe apanhar musgo, rosmaninho e alecrim. Levavam o carrinho de mão para trazer o material necessário para o presépio. Utilizávamos papel pintado de viochene para decoração do presépio.

Aquando do aniversário do orfanato também enfeitavam o edifício para festejarem o acontecimento - Era sempre uma festa, mencionou o senhor António. Mostra uma fotografia de Marcelo Caetano a condecorar um dos rapazes da Mocidade Portuguesa, à qual também pertenciam os meninos do orfanato.

O orfanato possuía uma banda de música e coral. Tinham dirigentes que encontravam-se na câmara e no orfanato e eram cinco estrelas, pois faziam tudo com muito amor à camisola. O orfanato quando saía à rua a marchar, a cidade de Setúbal parava.

10. Que lembranças e ou objetos retém da estadia no orfanato?

Mostrou um álbum de fotografias, todas originais; uma pequena caixa de cabedal, que servia na altura para transportar os livros de vários autores portugueses que eram requisitados à Biblioteca Nacional de Lisboa e enviados então para as aldeias, estilo biblioteca ambulante e depois eram devolvidos depois de lidos dentro dessa mesma caixa. Pedras litográficas que mostram imagens e que serviam para decorar as latas de conservas. A cidade de

Setúbal possuía inúmeras fábricas conserveiras e como era necessário muito papel para ilustrar as latas de conservas usavam essas pedras para impressão. Uma pequena máquina de há cinquenta anos e que servia como um jogo, onde se rodava uma pequena manivela e quando parava dava um número que correspondia a um rebuçado ou uma bolacha. Os meninos pagavam um tostão por cada rodada. Vários quadros pendurados na parede, com fotografias de antigos alunos e ou da cidade de Setúbal.

Num dos quadros, pode-se observar uma figura, da qual poderá ter diversas interpretações. A figura que se observa é uma comparação feita aos rapazes do orfanato, que por causa da higiene cortavam o cabelo bem rente e a janela aberta identifica o olhar dos rapazes para lá das fronteiras do asilo, sonhando com um dia melhor; uma das máquinas que imprimiu muitos dos jornais de Setúbal; uma máquina de fazer rebuçados, onde por um orifício colocava-se a calda, dava-se à manivela e saíam os rebuçados já no seu formato original.

No seguimento das escadas para o primeiro andar, onde encontra-se a *Sala dos Quatro Ofícios*, muitas fotografias antigas da cidade; uma fotografia mostra o Quartel do Onze, antigo quartel, cuja água do Rio Sado batia nas suas paredes e que se frisa que até aqui era tudo um sapal; o Convento de S. João, que fica ao fundo da Avenida Portela, onde muitas noviças morreram ou se foram embora, devido ao mosquito provocado pelos sapais e sapa-linhos, que existiam ali naquela zona da avenida; o primeiro computador de artes gráficas.

- Há cinquenta anos tínhamos de fazer tudo à mão e que tudo tinha um símbolo próprio. Os logotipos das empresas eram feitos na tipografia do orfanato. As pedras eram feitas em bronze que eram feitas por uma empresa especializada em Lisboa e eram vendidas à *posteriori* à tipografia.

Havia muita miséria e a pedido da Câmara imprimia-se uma espécie de dinheiro, o qual era destinado às famílias mais necessitadas, para irem à mercearia buscar 50 gr. de café, 50 gr. de açúcar, batatas e outras coisas mais. Mas era tudo muito racionalizado. Vários impressos feitos à volta de cem anos, em Setúbal, com Lingotes de 12 e 16 (tamanho/altura).

Uma coleção particular sobre Bocage, com vária documentação relacionada com o poeta. Assim como também várias medalhas, relacionadas com temas diversos. Uma máquina para afiar os ferros era movida a água.

Em 1950 eram impressos nesta tipografia os bilhetes da carreira da Rodoviária Nacional. A primeira carreira a ser impressa foi a do Bairro da Conceição – Mercado e eram feitos dois bilhetes em simultâneo.

Gravuras com mais de cem anos feitas em madeira de Pau-santo, muito resistente; um contador de água e luz, com mais de vinte ou trinta anos; uma máquina de impressão americana de 1880; muitos armários ao longo da sala, possuidores de várias gavetas, cada uma com o seu tipo e tamanho de letra, assim como com diversas gravuras, também de vários tamanhos e ordenadas conforme o abecedário.

Uma fatura da Torre do Tombo...; quadros da Lição do Salazar...; uma vitrina com vários frascos de perfumes. - É arte, *design* único e que daqui a muitos anos vai valer muito em termos de valor artístico. Uma vitrina com diversas latas de sardinha com logos diferentes; uma máquina de agrafar com mais de cem anos e que servia para agrafar cadernos e blocos.

Vários utensílios da época, em destaque o pó de arroz *Tokalon*, a pasta de dentes *Couto*, sabonete *Lux* e *Feno*, entre outros. Várias máquinas de costura da marca *Singer*, uma das máquinas destinada ao ofício de sapateiro; vários instrumentos da Banda de Música; um folheto que ilustra a vinda de Palmira Barros, cantora portuguesa, da sua vinda a Setúbal em 1927, para cantar no Fórum Luísa Todi.

11. Ainda mantém contato com os rapazes, seus colegas do orfanato?

Todos os anos, no domingo mais próximo dia 18 de maio, os antigos alunos do orfanato juntam-se para uma confraternização neste espaço.

Todos os sócios ainda se reúnem e primeiramente vão ao cemitério. É uma tradição, a manifestação de pesar, que vem desde a inauguração do orfanato. Vamos colocar flores nas campas dos benfeitores, diretores que passaram pelo orfanato e depois finalizamos com um almoço de convívio. A este almoço ainda se consegue juntar 30 ou 40 pessoas, muitos de Setúbal e de outras cidades e até de fora do país.

12. O porquê do nome da sala, *Sala dos quatro ofícios*?

No primeiro andar do edifício pode-se encontrar a tipografia, as máquinas e os vários utensílios das diversas oficinas, onde os rapazes aprendiam uma profissão. Esta sala tem como nome a *Sala dos quatro ofícios*, porque os utensílios dos ofícios que eram quatro, a

encadernação, sapataria, carpintaria e tipografia. Cada ofício está contemplado em vitrinas e por toda a sala.

13. Qual foi a primeira oficina do orfanato?

A primeira oficina do orfanato foi a sapataria em 1920, para preencher a falta de sapatos na maioria dos rapazes, também neste ano foi inaugurada a carpintaria e em 1925 deu-se início ao ofício de encadernador e para concretizar o sonho desejado a 28 de novembro de 1933, a Câmara Municipal adquiriu ao senhor Augusto Correia pela quantia de catorze contos e quinhentos uma oficina de tipografia, cuja inauguração se deu no dia de Natal de 1933.

14. Pode descrever o ofício de tipógrafo?

Podia fazer-se com os diversos símbolos vários trabalhos, os quais eram destinados a cada tema específico: farmácia, cafés, caçador, pesca, restaurante, ... as terminações, cantos, cercaduras de vários tamanhos decoravam os vários trabalhos executados.

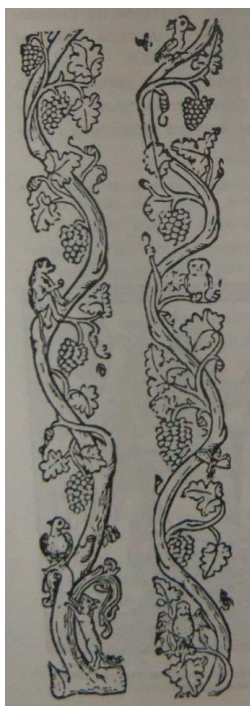
As gravuras são feitas ao contrário e juntam-se peça por peça. Pode-se ver um rótulo de José Maria Abrantes. Há cinquenta anos atrás não havia *offset* e as peças de zinco tinham de ser emitidas em casas especializadas em Lisboa. Mostra um trabalho de um tipógrafo setubalense com corpo seis (corpo mais pequeno, o maior vai até corpo 14...).

Na parede existem vários cartazes, onde um dita que “O discurso do Salazar, tudo pela Nação, nada contra a Nação.”

Os jornais eram feitos em linguados e elaborados com componedores. O tipógrafo possui duas especialidades: o de compositor e o de impressor. Eu tinha a categoria de impressor. Os compositores são tipo os *designer* atuais, pois tendem a ser artísticas, possuidores de gosto e imaginação para criar os diversos arranjos de letras e símbolos.

É um ofício interessante e estimulante, pois não era monótono. É um trabalho de artista, arte mais conhecida como arte gráfica.

Neste momento encontramos-nos a compor o inventário, através de catálogos, que apresentam os diversos tipos e tamanhos de letras (desde o corpo 6 até ao corpo 72), assim como dos diversos símbolos e gravuras.



Trajas decorativas¹³¹

15. Ainda existem tipógrafos em Setúbal? O que acham de se fazer a divulgação da arte de tipografo?

Acho muito bem, mas sublinho que é necessário alguma iniciativa. Infelizmente somente por curiosidade questionam sobre a tipografia, mas até à data ninguém fez nenhum trabalho referente a este tema.

16. Quanto tempo demora a aprender o ofício de tipógrafo?

Demora mais ou menos cinco anos a aprender o ofício de tipógrafo.

¹³¹ In ANSELMO, Artur. 1981. *Origens da Imprensa em Portugal*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa.

Entrevista realizada a antigo aluno do orfanato em - 14.01.13

Nome: Fernando Filipe

Idade: 72 anos

Profissão: Compositor

Número de internado: trinta

Alcunha: Besugo

1. Tem algumas histórias engraças que possa relatar aquando da sua estadia no orfanato?

Havia um órgão que encontrava-se na Igreja da Anunciada e que estava arrumado a um canto e possuía umas grandes teclas. No decorrer da missa, juntamente com outro colega, o *zarolho* ou cinquenta e dois, fomos ver se o órgão realmente funcionava. O Padre Inácio ficou zangado, porque parou a missa e toda a gente que se encontrava a assistir olhou para cima para ver o que se passava.

Um dia à hora do jantar, o Perfeito anunciou que havia uma alfaiataria, que pediu um alfaiate e perguntou: Quem quer ser alfaiate? Ficou tudo calado, pois era um trabalho de mulher. Mas levanta-se o *alfafa*, que pensou que ia para o pé das mulheres (pois gostava muito de mulheres). Nas alfaiatarias haviam normalmente dez a quinze raparigas. Os rapazes deixavam crescer o cabelo entre os doze e os quinze anos, quando começavam a trabalhar. Este rapaz ficou com esta alcunha de *alfafa*, porque na altura passava um filme que se chamava *A Pandilha do Alfafa* e a personagem principal tinha a mesma figura *com os cabelos em picos*. Todas as noites o *alfafa* colocava sabão azul e branco na cabeça e atava com um lenço a cabeça, indo de seguida para acama. Tornou-se um alfaiate conceituado em Setúbal, montou uma alfaiataria e tinha a elite como clientes, como exemplo o pai do José Mourinho.

A tipografia foi colocada provisoriamente no interior da capela até fazerem as instalações definitivas. Mas as obras não chegaram ao fim. - Terminaram antes mesmo de começar. Estava enterrado no local da tipografia o *Márquez de Minas* e os rapazes tinham muito medo do fantasma do marquês e costumavam tapar a cabeça debaixo dos lençóis.

2. O porquê das alcunhas que se colocava aos rapazes do orfanato?

Todos os rapazes que entravam no orfanato ficavam com uma alcunha. Houve um que entrou e ficou o *tinteiro*, porque não chegava ao tinteiro. Houve outro que ficou o *Bacalhau* outro o *Mocho*, que era sonâmbulo, o *Macaco*, pois parecia um *macaquinho* e só andava aos saltos e hoje em dia mesmo com setenta anos ainda tratam o senhor por esta alcunha e não levam a mal. O *Xabregas*. O *Alfafa* pousava sempre para a fotografia. O Perfeito achou que devia de haver uma governanta no orfanato. Era muito amiga dos rapazes, pois durante a noite quando iam à casa de banho, os rapazes tinham de passar por um corredor com chão de pedra e as loiças da casa de banho eram gelados, para contrariar essa situação, a senhora arranhou uns potes de barro e colocou-os nos quartos ao fim das camaratas para os rapazes fazerem o chichi. Houve um dia que colocaram um pote cheio de chichi nas mãos do *Mocho*, mesmo sonâmbulo sabia o que estava a fazer, levou-o sempre sem cair, subiu e desceu as escadas sem partir o pote.

O Perfeito questionava muitos os rapazes na profissão que haveriam de ter, muitos diziam que queriam ser encadernador, tipógrafo, ... - Houve um que disse que queria ser um homem.

Ao observar as fotografias, reconheceu-se um dos senhores que andou no orfanato e que tirou o ofício de encadernador. O Calvinho que era tesoureiro da Câmara.

3. Pode descrever como se processa o trabalho de compositor?

A composição manual ou *monotypes*, é um Sistema de Composição Mecânica, também denominada de composição linotipista ou linotype, à qual seguia a fotocomposição. - Não foi muito positiva esta mudança...!

Com a ajuda de uma caldeira (na tipografia onde trabalhou, em Lisboa, tinha uma caldeira a trabalhar a 180º) e através do molde faziam as composições que queria e neste sistema quem não tivesse um computador nada fazia. A fotocomposição era montada em placas, fotografado e revelado em película ou papel o texto e depois passava para o sistema de *offset*.

4. Continuam a desempenhar as vossas funções de tipógrafo?

Trabalhei durante muitos anos na *Gráfica Sadina* e atualmente compõem muitos trabalhos para pessoas amigas ou familiares. Pode-se observar um trabalho elaborado para a “Casa dos Pasteis”, que se situa junto ao “Farelo”, na Avenida 5 de outubro em Setúbal.

5. Pode exemplificar algumas características do trabalho de tipógrafo?

Por exemplo a Tituleira é o local onde se colocavam os títulos. Os símbolos faziam-se em empresas em Lisboa e todas as empresas tinham de possuir símbolos próprios e que eram colocados nas faturas e em diversos documentos.

O senhor António intervém: - Uma gráfica tinha de ser polivalente e partidária, pois podia-se imprimir todo o tipo de símbolo para quem quer que fosse. Primeiro trabalhava-se para sustentar a família, depois é que viria as ascendências partidárias. Teriam de ser neutros.

Assisti a várias situações em que grandes jornais, como a *Republica* e o *Século*, foram destruídos porque tiravam partido deste tipo de situações.

6. Pode descrever o porquê da sua vinda para o orfanato?

Vim de Lisboa, da casa dos meus tios. A minha família é de Belém, o meu pai era marítimo e quando veio trabalhar para setúbal conheceu a minha mãe. Casaram e depois eu nasci.

7. Pode descrever o ofício de tipógrafo?

Morava e trabalhava na Rua da Trindade, a seguir ao Carmo. Ia para capital de autocarro e depois apanhava o cacilheiro para Lisboa. Houve muita migração setubalense para Lisboa.

O cinquenta e oito e o quarenta e dois foram à procura de trabalho para Lisboa, era um sonho tornado realidade (Lisboa era a terra dos sonhos, a América portuguesa), porque havia muitas gráficas, mais sofisticada em termos das artes gráficas (somente havia sete a oito gráficas em Setúbal). Em Lisboa quando se ouviam o bater das máquinas, sabia-se que haveria uma gráfica ou tipografia por perto e aí foram pedir trabalho. Ambos eram encadernadores, um acabou por ficar, mas o outro não de adaptou. Um encadernador em Setúbal,

ganhava muito mal, mas em Lisboa era significativa a diferença no salário. Nas tipografias em Lisboa, no primeiro ano era-se aprendiz. Tínhamos de ir a exame para auxiliar (meio oficial) e depois só passado um ano, passava-se a oficial (oficial de 1ª e de 2ª) e só depois é que poderia ir para Linotipista. Como fiquei em segundo lugar, consegui ir a concurso para ir para os Estados Unidos da América (foram oito meninos), mas com o problema da tropa fiquei em Portugal (foram os outro sete). Fui chamado à Pide e fiquei preso em Goa.

Os comerciantes pediam rapazes do orfanato, ambos comentam: - Eramos uns santinhos, com alguma educação e cultura!

Quando os rapazes saíam do orfanato já com o ofício de tipógrafo arranjavam logo emprego. O ordenado dava para pagar casa e tudo o resto necessário para a subsistência.

Os rapazes antes de começar o ofício de tipógrafo, primeiro necessitavam de decorar os locais corretos onde se colocavam as várias composições de letras, que encontravam-se dispostas no interior das várias gavetas.

8. Pode exemplificar alguns dos trabalhos tipográficos?

Um trabalho feito para um jornal, denominado de *Linguado* e que foi feito num compoedor antes da composição mecânica. A letra do composto era feita em corpo seis.

Uma licença para passear pela cidade, denominado de *As Toleradas* e que correspondia às prostitutas que estavam confinadas a uma rua, Rua João Galo, perpendicular à Avenida Luísa Todi e Rua Arronches Junqueiro, atual Rua dos Mareantes, em Setúbal. As prostitutas não podiam sair desta rua e para saírem tinham de ir à esquadra buscar esta licença para se ausentar da rua e com horas de saída e entrada.

Posso referir uma situação que aconteceu com um colega, Luís Inácio da Silva, *Luís Coxo* ou *42*, que estava fardado com o uniforme do orfanato e passou perto da rua e com curiosidade parou e olhou. Logo telefonaram para o orfanato a fazerem queixa: - Estava um menino do orfanato a olhar na rua. Quando chegou ao orfanato ficou de castigo.

Cartazes da Feira de Santiago que foram feitos em tipografia antes de haver o sistema de *offset*. As composições eram colocadas e encaixadas na rama, antes de ir para o prelo (a obra já esta completa, só falta a impressão) para tirar uma prova. Se fosse feito a cores tinham que ser feitos a quatro gravuras, uma gravura era o amarelo, magenta, ciano e o preto, a este trabalho era denominado de quadrito mia, se fosse um biton era feito a duas co-

res. Cada impressão era uma gravura. O compositor era o artista, pois era ele que dava o aspecto estético ao trabalho. Tinha o gosto e a imaginação para criar as gravuras, também denominados de vinhetas ou conatos. Tínhamos de tirar as peças do cavalete e depois fazíamos a junção das letras e gravuras, sempre com o cuidado harmónico de beleza.

Um trabalho feito a ouro. Trabalhar com o ouro é muito mais fácil. Pinta-se a amarelo o trabalho, colocando depois de seco com um algodão, purpurina por cima e logo fica com a cor de ouro.

Selos que se colocam nos queijos e queijadas de Setúbal. Nesta chapa que estamos a fazer para a casa dos pastéis trabalhámos com a medida de 42 quadratins. Trabalhamos com esta medida, mas também com setitas e cissoles. No sul trabalham com quadratins ou quadratins e meio, 8 ou 12 pontos e no norte 10. Pode-se observar esta regreta que leva 8 pontos e que faz um quadratim e uma entre linhas de dois pontos. Já esta peça de doze pontos, são 6 entre linhas, o que faz um quadratim e meio. Este trabalho foi feito a 48 pontos, mas que não chegam para justificar a altura da linha, logo tem de se colocar mais doze, o que faz com que fique com um corpo 72.

Bilhetes das urbanas. A primeira carreira foi Bairro da Conceição-Mercado e só se faziam dois bilhetes de cada vez. Faziam-se também cartões-de-visita, cartões comerciais, catálogos, vinhetas.

Os calendários são fáceis de refazer, pois quando o ano passa, basta rubricar, isto é, avançar uma casa. Quando se cometia um erro, ao qual se dá o nome de “gralha”, dava-se um sinal especial ao compositor para emendar.

9. De que material são feitos os objetos tipográficos?

As peças e tipos não se gastam, muitas têm quase cem anos. O chumbo apresenta três ligas, chumbo, antimónio e estanho. Se a peça fosse feita somente de chumbo amachucava-se com o tempo, o antimónio dá a resistência, o estanho ajuda o molde, quando juntas dão a força e resistência.

Os rolos de tipografia não eram feitos primeiramente com borrachas, mas sim com uma massa especial.

As máquinas são praticamente todas de origem alemã e são todas feitas em ferro forjado.

Painéis Expositivos - Apêndice 2

Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais



A Oficina de Tipografia

A realização da presente exposição insere-se na elaboração da tese de dissertação para o Mestrado em Museologia e Museografia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes. As máquinas tipográficas pertencentes ao antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais, que faziam parte da oficina onde se praticava o ofício de tipógrafo, embora preservados num pequeno núcleo museológico, merecem um projeto coerente e sustentável para a sua salvaguarda e consequente divulgação, por forma a perpetuar a memória do que foi uma prestigiada Oficina de Artes Gráficas e também uma verdadeira escola de cidadania, que se vê dignificado agora com a realização desta exposição.

Desde a abertura do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais em 1919 até ao seu encerramento, que a principal preocupação e missão foi prestar um serviço social à população, promovendo o acesso a crianças desfavorecidas da cidade de Setúbal e estimulando assim a uma nova esperança para a educação, sempre a pensar num futuro melhor das crianças.

Após o encerramento os antigos alunos do orfanato criaram uma associação, a partir da qual conseguem ainda usufruir de uma parceria pessoal da sua experiência enquanto alunos e colegas do orfanato, cultivando uma amizade ao longo dos tempos, mantendo também a preservação de um espaço, assim como também dos objetos que anteriormente privaram, enquanto aprendizes nas oficinas, nomeadamente na tipografia.

Trazer de volta a oficina de tipografia ao espaço original que a viu desenvolver, pretende dar a conhecer aos jovens e a todos os demais interessados, um património material e imaterial único, nomeadamente o dos saberes, valorizando sempre a comunicação entre as pessoas da região, arredores e turistas, auxiliando assim à divulgação do espólio existente.

Pretende-se, igualmente, de uma forma rica mostrar a vida das crianças com a comunidade do orfanato e para com a comunidade setubalense, o que ajudará os jovens a construir e relativizar, noções de trabalho, dificuldade, desigualdade, cooperação, sobrevivência, dignidade, rigor, competência, tolerância e luta em conjunto com os vários materiais expostos.



Dina Santos
Setúbal, 2019

(aluna do Mestrado em Museologia e Museografia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes)

Hoje agradeço a Deus, por ter feito parte da enorme família que são os irmãos do Orfanato Municipal de Setúbal. Esta instituição sempre foi o norte da minha vida. Apesar da minha entrada neste asilo ter sido marcada pelo sofrimento e o desespero: A angústia, o medo e a revolta, fizeram fronteira em mim.

A saudade pelo lugar que tinha deixado, marcou-me muito. Uma escola de virtudes, este Orfanato Municipal de Setúbal, onde o egoísmo e o despotismo não existiam. Partilhar era ordem para nos amarmos uns aos outros, sem disso nos percebermos.

Sempre fortes na defesa de algum irmão a quem um castigo espreitava.

Calcorrear a cidade a vender rifas, para conseguir melhor riqueza e distribuição dentro da instituição, tomando contato com as pessoas, que sempre pensámos serem nossas protetoras. Tudo isto tornou possível a irmandade que uniu todos quantos passou por esta casa de caridade.

Não encontro culpados, todos queriam o melhor para os rapazes. Disso não tenho dúvidas, e a prova está em nós. No nosso orgulho de termos vindo do "lado" e hoje comungar de uma vida igual à de tanta gente que tudo teve.

Se um dia vos perderdes no caminho
Que a vida sempre incerta, vos traçou,
Lembraí-vos desta casa com carinho,
Que um dia o Homem fez
E Deus abençoou.

Bem hajam!

António dos Santos
Setúbal, 2004
(antigo aluno do Orfanato Municipal Presença Sobrinho Pais)



Perfil Histórico e Sociológico da cidade de Setúbal

O desenvolvimento social pode ser também observado através da configuração da traça arquitetónica.

Nas primeiras décadas do século XX, havia uma maior envolvimento social, a solidariedade entre as pessoas era maior e as relações entre a vizinhança era mais intensa.

Entre 1911-1920, registou-se um elevado crescimento da população, devido ao desenvolvimento da indústria conserveira, mas com a epidemia pneumónica de 1916-20 deu-se um défice demográfico, assim como também os reflexos sociais entre 1920-30, que mostraram-se mais acentuados durante a Primeira Grande Guerra Mundial, mas em contrapartida houve um aumento do mercado externo, com o aumento de capital, refletiu-se o investimento urbanístico, principalmente no setor das pescas.



Construção da Gloria a finais Tod. 1920 - Fotografia de Américo Ribeiro



Ao Luliz Tod. 1920 - Fotografia de Américo Ribeiro

Baía de Setúbal - Setúbal



Zona das Fontainhas - Setúbal

As atividades predominantes eram a indústria, a pesca, os transportes e o comércio, ligadas todas elas às conservas.



A guerra e as epidemias, com especial atenção a pneumónica, deixaram ao abandono crianças e idosos.

Tendo em conta que na cidade de Setúbal, o abandono de crianças era uma prática comum, crianças não desejadas pelos progenitores desde o momento da concepção ou na altura do parto, mal tratados pelos próprios pais e familiares e pela morte de um ou dos dois progenitores, devido à miséria que se fazia sentir na altura eram então encaminhados para os orfanatos.

O Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais



O orfanato passou a ocupar o edifício do séc. XVIII, antigo Recolhimento da Soledade (Confraria espanhola), inaugurado cerca de 1750. Para além de convento, este de irmãs, donde as freiras foram expulsas pelas tropas quando implantaram a República em 1910, foi também quartel-general e em 1918, no dia 18 de maio, deu-se a inauguração do orfanato, casa de caridade destinada aos órfãos masculinos de pais que faleceram, por consequência da epidemia pneumónica, por dificuldades financeiras e mesmo por abandono.



Sidónio Bernardino Cardoso de Silva Pais

Esta instituição foi denominada por Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais, Presidente da República na época da sua fundação. Mais recentemente um jardim-de-infância e atualmente é sede do Posto de Turismo da Região de Setúbal, espaço destinado também à promoção cultural, Casa da Baía.

Jornal "O Setubalense" do dia 19 de maio de 1919

Pode-se referir três grandes jornais da época que escreveram sobre e mencionaram o tema do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais, referindo consequentemente a sua abertura e suas consequências.

O jornal *O Distrito de Setúbal*, o jornal *O Setubalense* e o jornal *A Mocidade*.





Alunos Fundadores – 1924



O Orfanato está associado à cidade de Setúbal, à sua especificidade e características, e surgiu para colmatar deficiências de carência, de modo a dar melhores condições de vida aos seus habitantes.



Alunos fundadores – Geração 50



Professora D. Celeste de Conceição Silva



Director Rui Mendonça

Os tempos livres



Mestre da banda Sr. Ceonho Avelino, com os alunos da escola de música - 1922

Nos primeiros anos da fundação do Orfanato, todos os aniversários eram comemorados. Faziam-se quermesses e todo o espaço era enfeitado com arranjos de papel, com rosmaninho e alecrim.

As bandas da cidade de Setúbal, a Sociedade Capricho e a União Setubalense, em conjunto com a Banda do Orfanato, abrilhantavam mais os festejos.

Confecionavam petiscos (pastelinhos de bacalhau, fava torrada e iscas) e todas as pessoas que participavam na festa podiam levar o que quisessem.



Director Rui Mendonça, o Mestre da Banda de Música - 1947

Era montado um palco, onde se realizavam programas de variedades, com o grupo coral e peças de teatro.

“O calor humano, trazido para dentro da nossa casa, acabava por se misturar connosco, alimentando-nos a enfrentar mais um ano de clausura.”

António dos Santos,
antigo aluno do orfanato

Jam ao futebol, também frequentavam as matinés do cinema do Casino Setubalense ou do Grande Salão Recreio do Povo.



Campo dos Azeitos



Grande Salão Recreio do Povo

No verão os domingos podiam ser passados na praia da Figueirinha ou Albarquel.



Hora do almoço



Praia de Albarquel - 1933



Hora do lanche



Praia de Figueirinha

Os domingos era o dia mais desejado para os rapazes, era obrigatória a formatura, donde seguiam em direção à Igreja de N.ª S.ª da Anunciada, para assistir à missa dominical, por volta das dez horas.



Feira de Santiago



Quermesse para venda das rifas - 1955



Igreja de N.ª S.ª da Anunciada depois da missa.

Tudo servia para angariar fundos para o orfanato, desde o aluguer de almofadas nos jogos de futebol, o aluguer de cadeiras de ferro da sala de música na Feira de Santiago, onde também era montado um stand Quermesse para venda de rifas, cujo prémio seria duas bicicletas a pedal.



Fortaleza de S. Filipe

Quando não havia qualquer evento na cidade rumavam ao Castelo de S. Filipe para armar aos pássaros ou caminhar com o carrinho de mão, para apanhar verdura, alecrim e rosmaninho. Na Véspera de Natal dirigiam-se ao Liceu Nacional de Setúbal na expectativa de receberem um brinquedo.

Na Semana Santa, faziam a queima do Judas, cujo boneco era feito com um fato-macaco velho e cuja cabeça era feita de trapos.

António, antigo aluno do orfanato, fazia parte da peça de teatro "Simplicio Castanha e C.ª", juntamente com outros colegas.

As Oficinas



Encarregados das Oficinas

A primeira oficina do orfanato, para colmatar a falta de sapatos na maioria dos rapazes, foi a sapataria em 1920. Também neste ano, foi inaugurada a carpintaria, mais precisamente a 1 de Julho de 1920, que acabaria por encerrar a 1 de setembro de 1931.

A 31 de Março de 1926, abriram a oficina de encadernação, mas como ainda não possuíam recursos financeiros suficientes para pagarem os instrumentos fornecidos pela fábrica "Botali de Milão" de Itália, cuja dívida ascendia o montante de 19.018\$65, a 1 de setembro de 1926 dava-se o seu encerramento.



Oficina de Encadernação

N.º de praticantes	OCUPAÇÃO
1	Serralheiro
1	Gramador
6	Empregados de escritório
1	Empregado de balcão
1	Empregado dos Serviços da Câmara
4	Tipógrafos-compositores
3	Tipógrafo-impressores
6	Sapateiros
3	Encadernadores
2	Aux. de Cosinheiro
1	Enfermeiro - praticante
5	Estudantes Curso Comercial (1.º ano)
2	Estudantes Curso Comercial (2.º ano)
15	Estudantes Instrução Primária (1.ª classe)
9	Estudantes Instrução Primária (2.ª classe)
15	Estudantes Instrução Primária (3.ª classe)
12	Estudantes Instrução Primária (4.ª classe)
21	Músicos (2.º ano)
16	Músicos-aprendizes (1.º ano solfejo)
4	Trabalho no campo (Secção Agrícola)
3	Carpinteiros

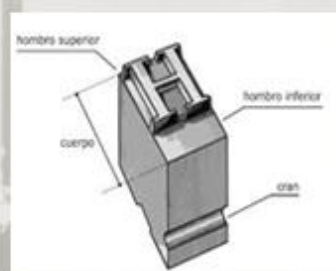
Dados referente ao ano de 1947

Pode-se verificar num estudo efetuado no ano de 1947, a quantidade de alunos nas diversas profissões lecionadas no orfanato.

Em estudos efetuados no ano de 1974, das três oficinas, ambas apresentavam sempre algum lucro, sendo a oficina que tirava sempre melhores resultados era a tipografia, com 39.615\$23, contra 4.626\$60 da encadernação e 1.529\$70 da sapataria.

A Tipografia

A descoberta da arte tipográfica, foi atribuída em meados do séc. XV, ao alemão Johann Gensfleisch ou mais conhecido por Gutenberg (mestre ourives), que inventou também os primeiros tipos, feitos peça por peça, através do processo de fabricação de caracteres de metal (liga de chumbo, estanho e antimônio), primeiramente gravados em blocos de madeira.



É composta por pequenos paralelepípedos de metal com relevos de letras e símbolos, intitulados por tipos móveis, cujo principal objetivo é dar estrutura e forma à comunicação impressa.

Os vários tipos são guardados em caixas e em caixotins e depois colocados num componedor e por fim em prensas mecânicas para a impressão de textos.



Disposição dos Caixotins

A 28 de novembro de 1933, deu-se a compra da tipografia, pela Câmara Municipal e pela mão do senhor Eduardo Augusto Correia, pela quantia de catorze e contos e quinhentos.

“Um sonho há muito desejado...”

Antônio dos Santos



Mestre de Tipografia, Sequeira Andrade

A inauguração aconteceu no dia vinte e cinco de dezembro, dia de Natal de 1933.

A tipografia contribuiu para a formação gráfica dos rapazes que antes de começarem o ofício de tipógrafo, primeiro como aprendizes, aprendiam a juntar as letras e a colocá-las nos locais corretos das várias composições de letras, que encontravam-se dispostas nas caixas dos tipos e no seu interior, as várias gavetas, denominadas por caixotins.



Antônio das Santos (60) e Henrique Poolla (40)



Antônio das Santos, antigo aluno do orfanato
"Século" (60)



Fernando Filiz, antigo aluno do orfanato
"Século" (30)

"... Como foi bom conviver com rapazes tão puros de alma, tão pobres quanto eu, mas carregados de entusiasmo e ambição de vida."

"... Se não fosse a vivência do orfanato, não teria conseguido ultrapassar as dificuldades com que fui deparando."

A descoberta da imprensa foi muito importante para a história da humanidade e com o aparecimento dos computadores o uso da tipografia ficou a ser um dos instrumentos base e essencial para os designers que trabalham hoje em dia com texto e imagem.



Cinco gerações de alunos passaram pelas instalações do orfanato municipal e desde o seu encerramento, todos os anos, no dia 18 de maio ou no domingo a seguir, os ex-alunos ainda vivos, reúnem-se para festejar a abertura da instituição que outrora os acolheu.

Ficha Técnica EXPOSIÇÃO

Comissário	Gina Santos
Produção	Associação dos Antigos Alunos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais
Coordenação	Gina Santos António dos Santos
Realização	Gina Santos António dos Santos
Montagem	Gina Santos António dos Santos
Textos	Gina Santos
Fotografias	Américo Ribeiro Associação dos Antigos Alunos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais Gina Santos Município de Setúbal
Design / execução gráfica	Associação dos Antigos Alunos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais
Parceria	Casa da Baía - Câmara Municipal de Setúbal

Máquinas e utensílios tipográficos - **Apêndice 3**

Quarto Núcleo

(número 14 e 15)

Máquina tipográfica de encadernação



Máquina tipográfica de encadernação



(número 17 e 19)

Máquina tipográfica de encadernação a linha



Máquina tipográfica de impressão a pedal com marginação manual



(número 20 e 20a))

Cavalete



Gaveta de tipos aberta



(número 21)

Fotografia de disposição de tipos num caixotim (gaveta de cavalete)



Quinto Núcleo

(número 23)

Máquina tipográfica de cantear (sobre plinto)



(número 24, 25a))

Máquina tipográfica de impressão plana;



Máquina tipográfica, máquina de impressão manual de braço;



(número 25b) e 26)

Trabalho executado com os vários tipos e ornamentos, antes da impressão para o papel;



Máquina Tipográfica de impressão manual a pedal;



(número 27 e 29)

Máquina tipográfica manual de coser a arame



Aspirador dos tipos



(número 30 e 32)

Máquina tipográfica com adaptação a corrente elétrica, com motor



Máquina tipográfica de impressão manual



(número 33 e 34)

Máquina tipográfica, máquina de furar e cantear



Vários rolos usados nas máquinas de impressão a pedal



(número 35 e 36)

Alguns acessórios tipográficos dos anos 30



Máquina tipográfica, picotadeira tipográfica;



(número 37 e 38)

Máquina tipográfica, guilhotina tipográfica



Vitrina com algumas publicações

Manual de Máquina Tipográfica Heidelberg



Manual de uma máquina tipográfica



Várias publicações impressas na Tipografia Corlito



(número 39)

Vitrina com várias gravuras e trabalhos relacionados em zinco



(continuação do número 39)



(número 40)

Vitrina com vários componedores, vários objetos necessários à composição dos vários tipos em textos e alguns trabalhos finais, com um trabalho em destaque na parede





Sexto Núcleo

(número 41 e 43)

Máquina tipográfica de impressão manual a pedal, onde o senhor António irá exemplificar o trabalho de tipógrafo (projeto de uma *Oficina Viva*) aquando das visitas guiadas, estas feitas mediante marcação



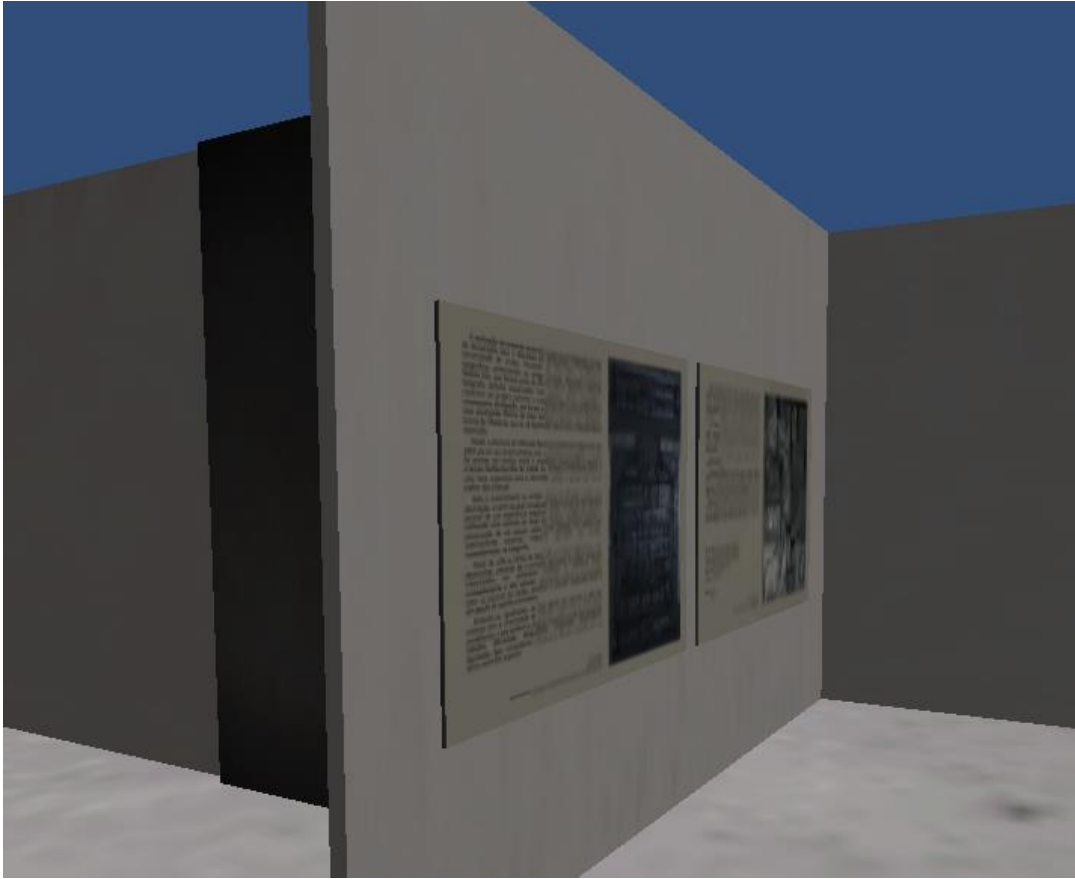
43 - Um computador tipográfico;

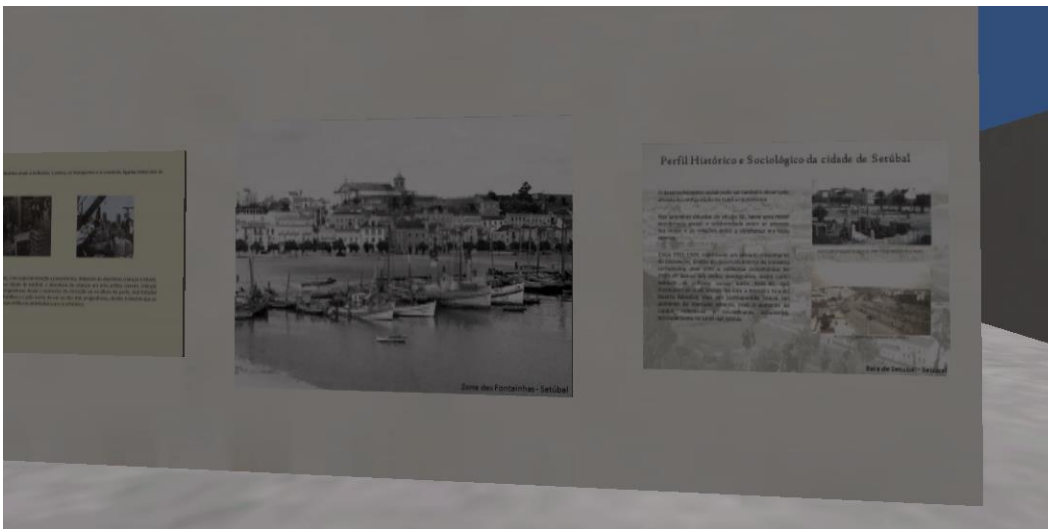
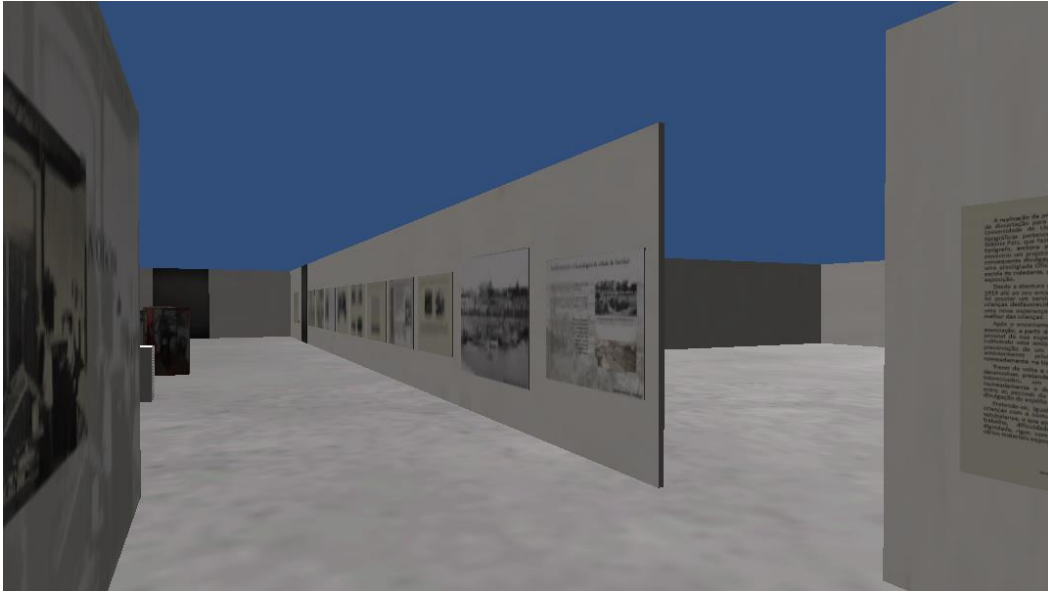


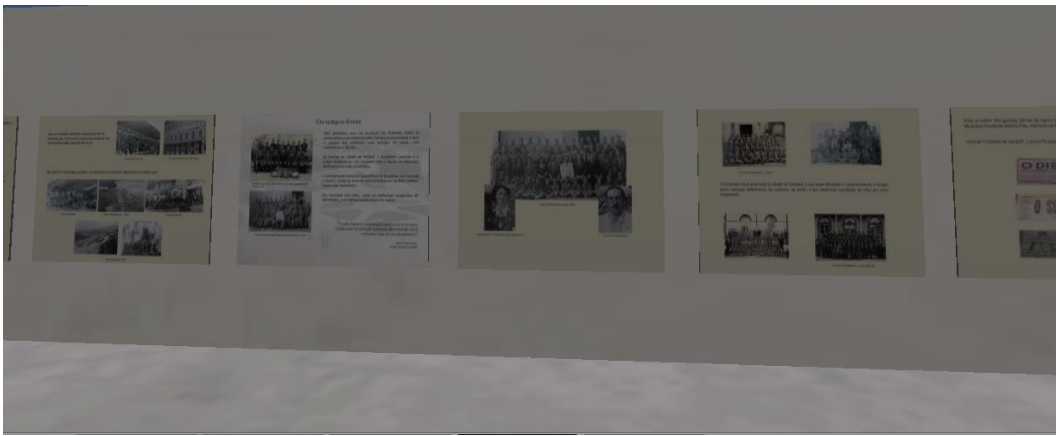
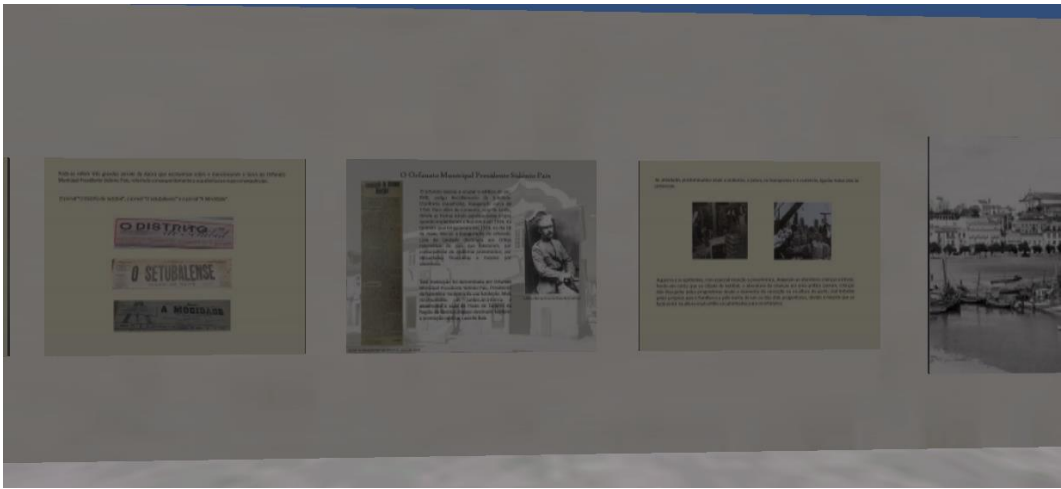
Exposição virtual - **Apêndice 4**

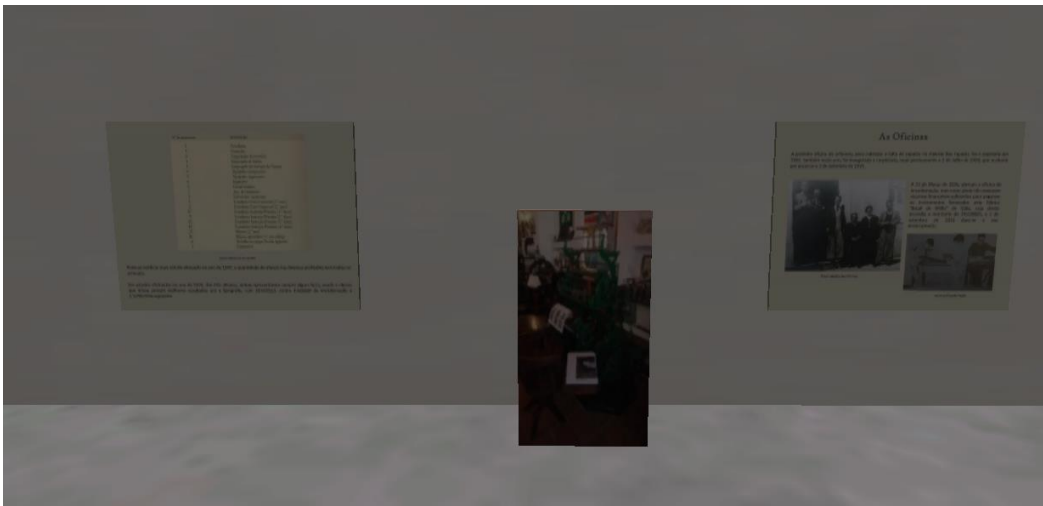
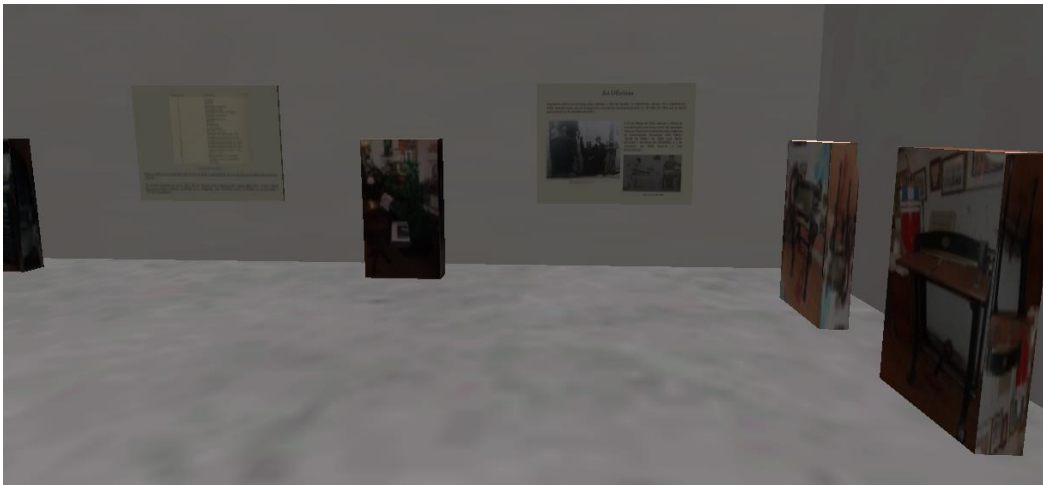
Entrada

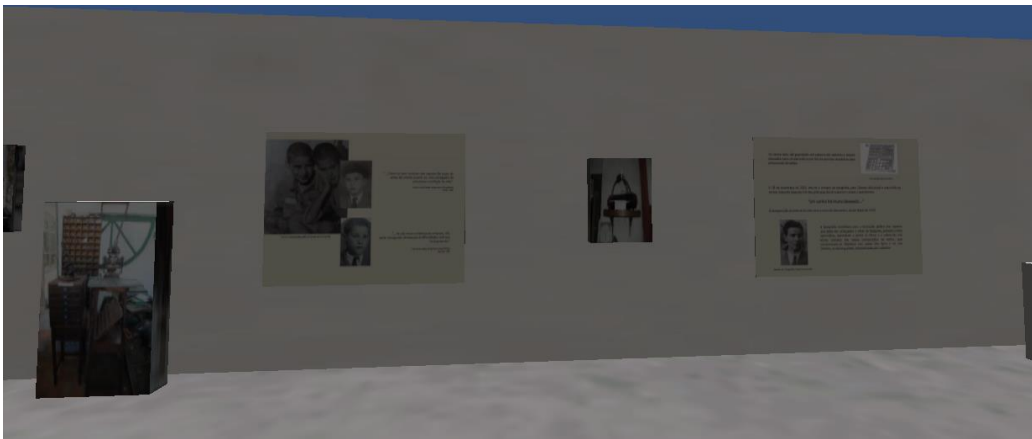
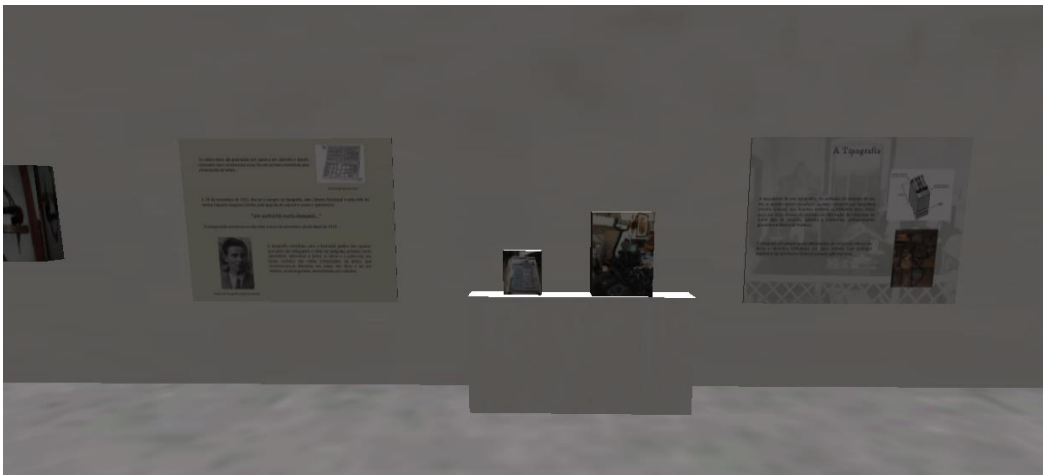
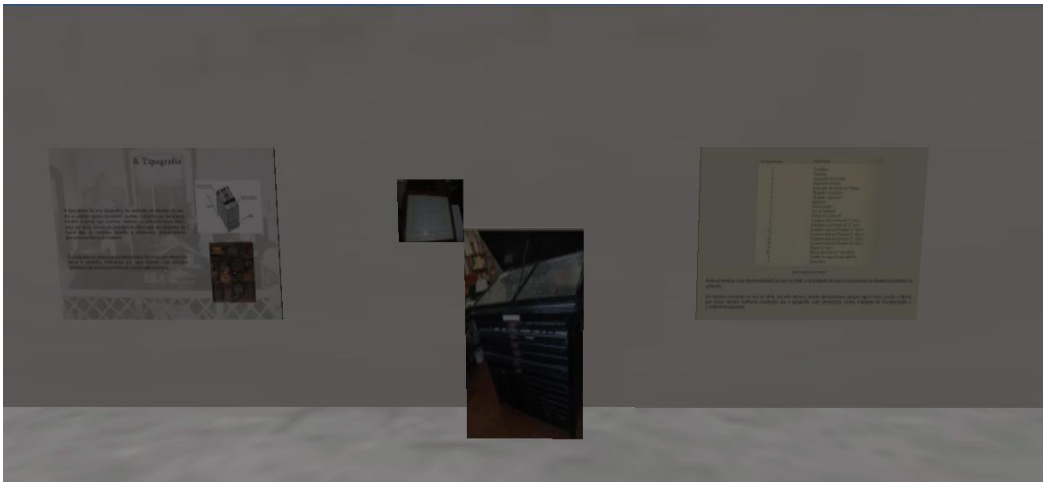


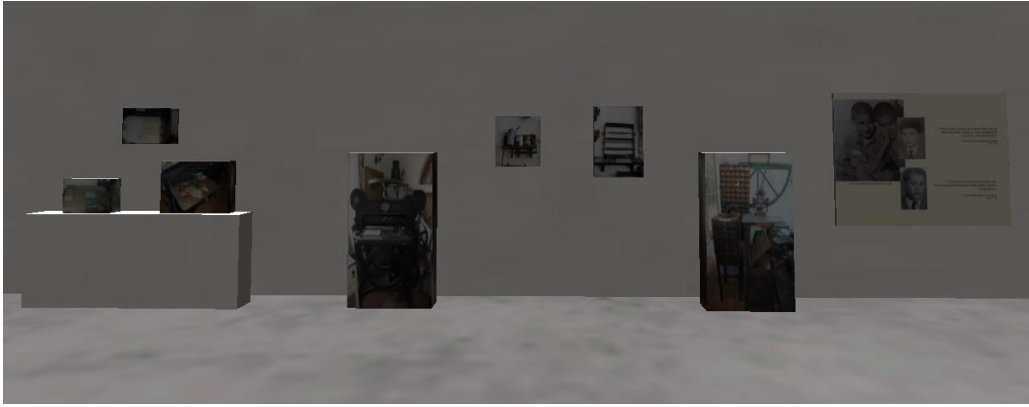




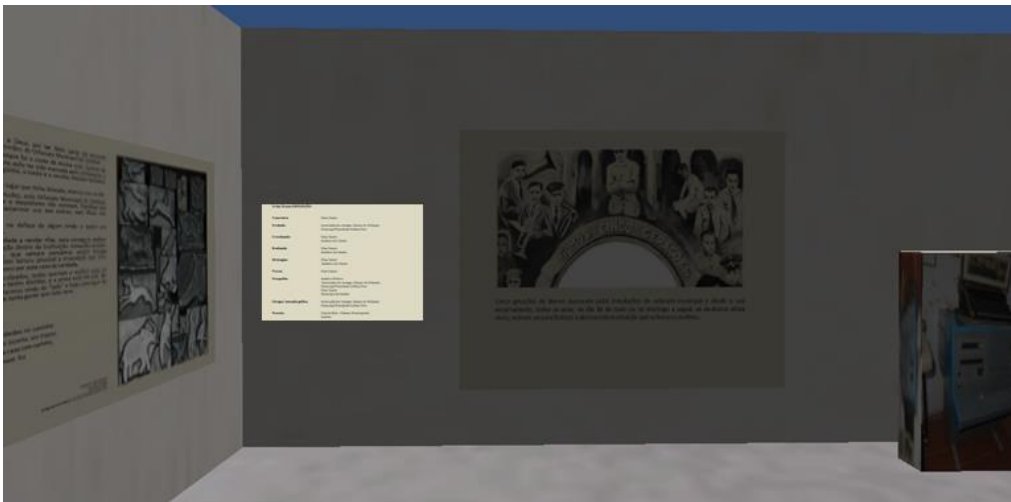










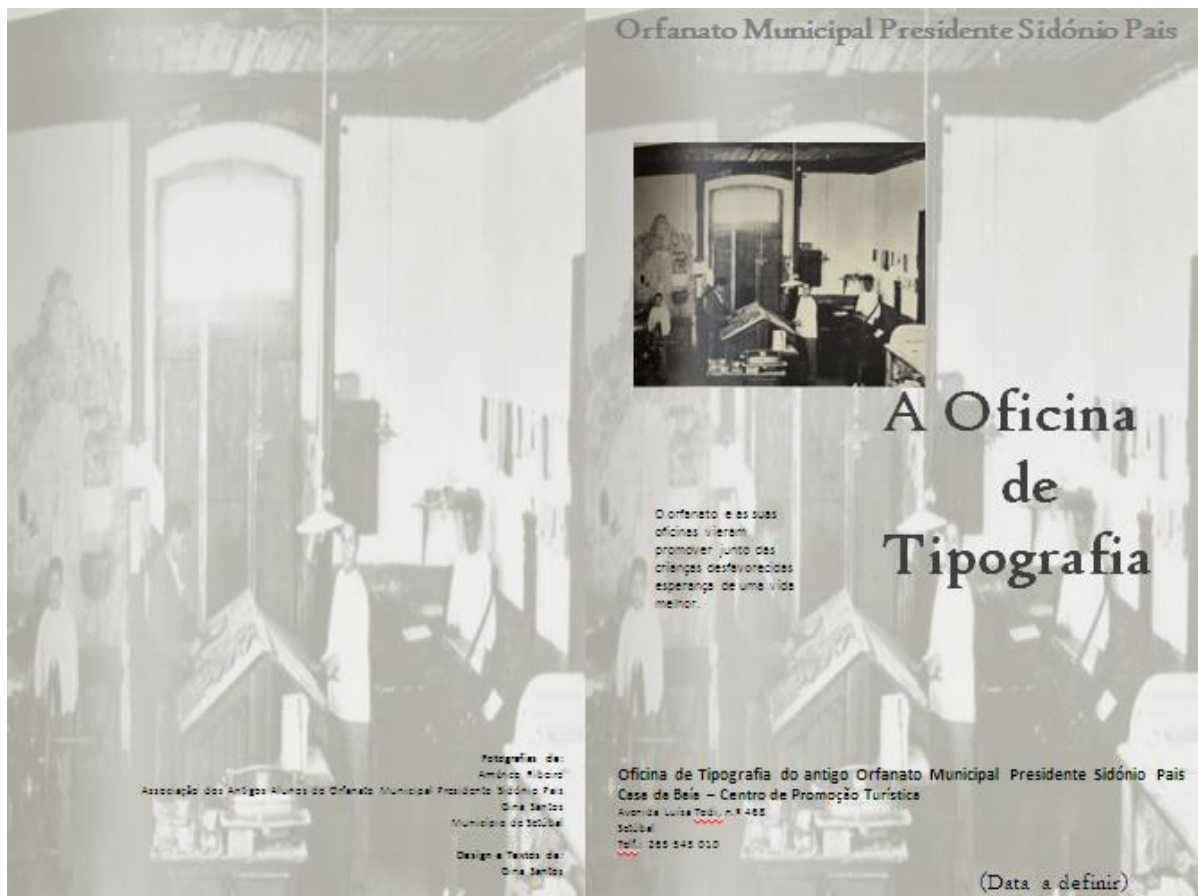


Folheto - **Apêndice 5**

(Desdobrável - Tamanho A5)

Costas

Frente



Interior



Alentejo Total - 1925 - Fotografia de Américo Ribeiro

A guerra e as epidemias, com especial atenção a pneumónica, deixaram ao abandono crianças e idosos. Tendo em conta que na cidade de Setúbal, o abandono de crianças era uma prática comum, crianças não desejadas pelos progenitores desde o momento da concepção ou na altura do parto, mas tratados pelos próprios pais e familiares e pela morte de um ou dos dois progenitores, devido à miséria que se fazia sentir na altura eram então encaminhados para os orfanatos.



Alunos fundadores - 1924



Visão da imprensa e publicação regular
Rua Central
Quilómetros 10, 22 11
30000
2011
Fundação municipal de Setúbal

"Um sonho há muito desejado..."

A inauguração da Oficina de Tipografia aconteceu no dia vinte e cinco de dezembro, dia de Natal de 1933.



Oficina de Tipografia


A descoberta da arte tipográfica, foi atribuída em meados do séc. XV, ao alemão Johann Gensfleisch ou mais conhecido por Gutenberg (mestre ourives) que inventou também os primeiros tipos, feitos peça por peça, através do processo de fabricação de caracteres de metal (liga de chumbo, estanho e antimónio), primeiramente gravados em blocos de madeira.

É composta por pequenos paralelepípedos de metal com relevos de letras e símbolos, intitulados por tipos móveis, cujo principal objetivo é dar estrutura e forma à comunicação impressa.

A tipografia contribuiu para a formação gráfica dos rapazes que antes de começarem o ofício de tipógrafo, primeiro como aprendizes, aprendiam a juntar as letras e a colocá-las nos locais corretos das várias composições de letras, que encontravam-se dispostas nas caixas dos tipos e no seu interior, as várias gavetas, denominadas por caixotins.

Cartaz e flyer - **Apêndice 6**

Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais



A Oficina de Tipografia

O orfanato e as suas oficinas vieram promover junto das crianças desfavorecidas esperança de uma vida melhor...

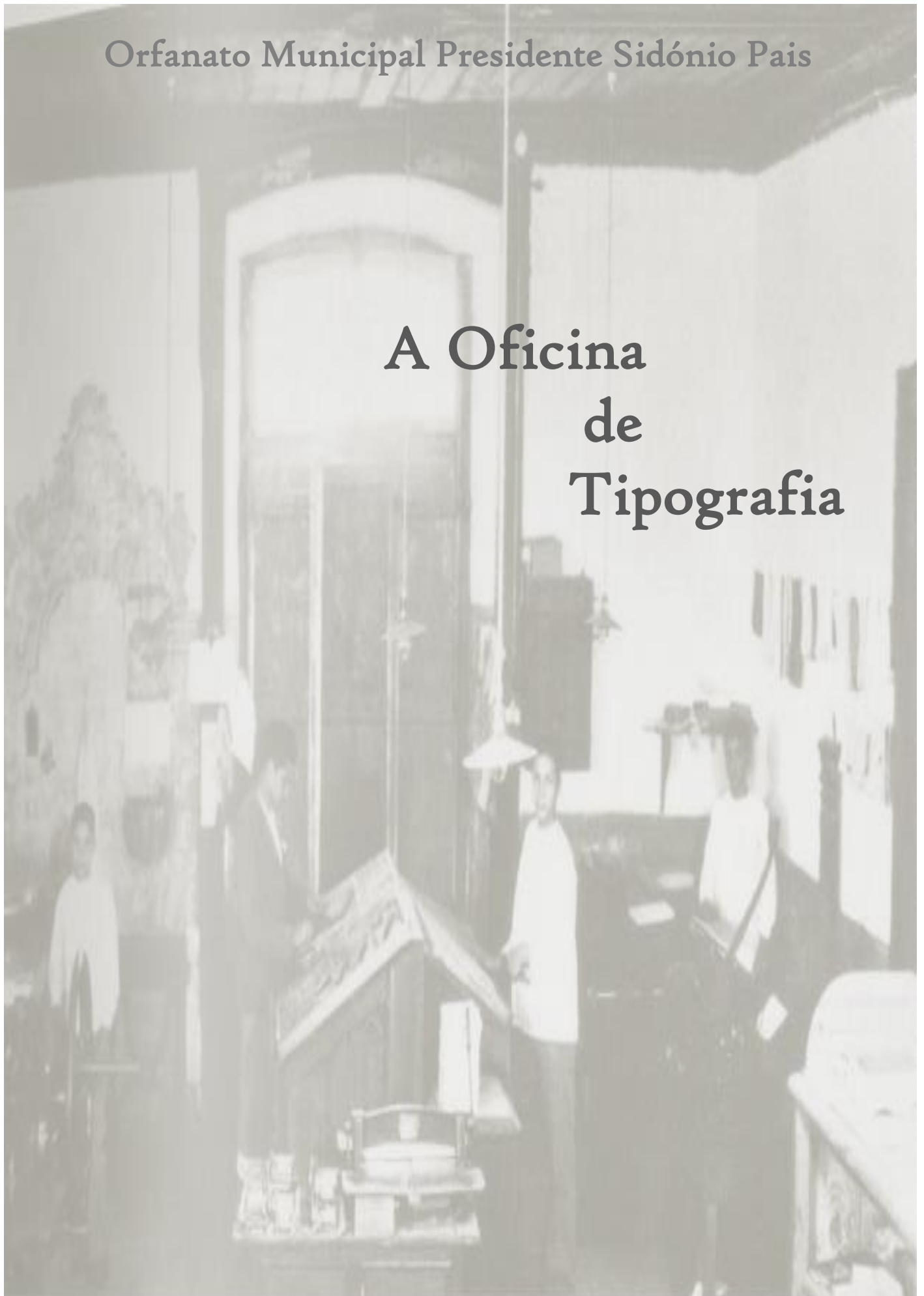
Oficina de Tipografia do antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais
Casa de Baile – Centro de Promoção Turística
Avenida Luísa Todi, n.º 465
Setúbal
tel: 266 646 000

(Data a definir)

Catalogo - Apêndice 7

Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais

A Oficina de Tipografia



Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais

A Oficina
de
Tipografia

Ficha Técnica EXPOSIÇÃO

Produção	Associação dos Antigos Alunos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais
Coordenação	Gina Santos
Realização	Gina Santos António dos Santos
Montagem	Gina Santos António dos Santos
Textos	Gina Santos
Fotografias	Américo Ribeiro Associação dos Antigos Alunos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais Gina Santos Município de Setúbal
Design / execução gráfica	Associação dos Antigos Alunos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais
Parceria	Casa da Baía - Câmara Municipal de Setúbal

Ficha Técnica CATÁLOGO

Edição	Associação dos Antigos Alunos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais
Coordenação Geral	Gina Santos António dos Santos
Coordenação Científica	Prof. Dr. Jorge dos Reis
Textos	Gina Santos
Fotografia	Américo Ribeiro Associação dos Antigos Alunos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais Gina Santos Município de Setúbal
Design paginação e tratamento de imagem	Gina Santos
Impressão	Associação dos Antigos Alunos do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais
Depósito legal	0000 / 13
Tiragem	500 exemplares

Tipografia do antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais

Casa da Baía – Centro de Promoção Turística

Avenida Luísa Todí, n.º 468

Telf.: 265 545 010





Máquina de Impressão Plana

Marginação Manual

Ferro fundido

Leipzig - Alemanha

1912

Função: Impressão de jornais e obra de livro. Máquina de impressão tipográfica onde é feita a impressão das chapas tipográficas em caracteres feitas pelo compositor

A realização da presente exposição insere-se na elaboração da tese de dissertação para o Mestrado em Museologia e Museografia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes. As máquinas tipográficas pertencentes ao antigo Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais, que faziam parte da oficina onde se praticava o ofício de tipógrafo, embora preservados num pequeno núcleo museológico, merecem um projeto coerente e sustentável para a sua salvaguarda e consequente divulgação, por forma a perpetuar a memória do que foi uma prestigiada Oficina de Artes Gráficas e também uma verdadeira escola de cidadania, que se vê dignificado agora com a realização desta exposição.

Desde a abertura do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais em 1919 até ao seu encerramento, que a principal preocupação e missão foi prestar um serviço social à população, promovendo o acesso a crianças desfavorecidas da cidade de Setúbal e estimulando assim a uma nova esperança para a educação, sempre a pensar num futuro melhor das crianças.

Após o encerramento os antigos alunos do orfanato criaram uma associação, a partir da qual conseguem ainda usufruir de uma parceria pessoal da sua experiência enquanto alunos e colegas do orfanato, cultivando uma amizade ao longo dos tempos, mantendo também a preservação de um espaço, assim como também dos objetos que anteriormente privaram, enquanto aprendizes nas oficinas, nomeadamente na tipografia.

Trazer de volta a oficina de tipografia ao espaço original que a viu desenvolver, pretende dar a conhecer aos jovens e a todos os demais interessados, um património material e imaterial único, nomeadamente o dos saberes, valorizando sempre a comunicação entre as pessoas da região, arredores e turistas, auxiliando assim à divulgação do espólio aí existente.

Pretende-se, igualmente, de uma forma rica mostrar a vida das crianças com a comunidade do orfanato e para com a comunidade setubalense, o que ajudará os jovens a construir e relativizar, noções de trabalho, dificuldade, desigualdade, cooperação, sobrevivência, dignidade, rigor, competência, tolerância e luta em conjunto com os vários materiais expostos.

Gina Santos
Setúbal, 2013

(aluna do Mestrado em Museologia e Museografia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes)



Hoje agradeço a Deus, por ter feito parte da enorme família que são os irmãos do Orfanato Municipal de Setúbal.

Esta instituição sempre foi o norte da minha vida. Apesar da minha entrada neste asilo ter sido marcada pelo sofrimento e o desespero: A angústia, o medo e a revolta, fizeram fronteira em mim.

A saudade pelo lugar que tinha deixado, marcou-me muito.

Uma escola de virtudes, este Orfanato Municipal de Setúbal, onde o egoísmo e o despotismo não existiam. Partilhar era ordem para nos amarmos uns aos outros, sem disso nos percebermos.

Sempre fortes na defesa de algum irmão a quem um castigo espreitava.

Calcorrear a cidade a vender rifas, para conseguir melhor riqueza e distribuição dentro da instituição, tomando contato com as pessoas, que sempre pensámos serem nossas protetoras. Tudo isto tornou possível a irmandade que uniu todos quantos passou por esta casa de caridade.

Não encontro culpados, todos queriam o melhor para os rapazes. Disso não tenho dúvidas, e a prova está em nós. No nosso orgulho de termos vindo do “lado” e hoje comungar de uma vida igual à de tanta gente que tudo teve.

Se um dia vos perderdes no caminho
Que a vida sempre incerta, vos traçou,
Lembraí-vos desta casa com carinho,
Que um dia o Homem fez
E Deus abençoou.

Bem hajam!

António dos Santos
Setúbal, 2004

(antigo aluno do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais)





Perfil Histórico e
Sociológico da
cidade de Setúbal



Construção da Glorieta a Luísa Todi, 1938 – Fotografia de Américo Ribeiro

O desenvolvimento social pode ser também observado através da configuração da traça arquitetónica.

Nas primeiras décadas do século XX, havia uma maior envolvência social, a solidariedade entre as pessoas era maior e as relações entre a vizinhança era mais intensa.

Entre 1911-1920, registou-se um elevado crescimento da população, devido ao desenvolvimento da indústria conserveira, mas com a epidemia pneumónica de 1916-20 deu-se um défice demográfico, assim como também os reflexos sociais entre 1920-30, que mostraram-se mais acesos durante a Primeira Grande Guerra Mundial, mas em contrapartida houve um aumento do mercado externo, com o aumento de capital, refletiu-se o investimento urbanístico, principalmente no setor das pescas.

As atividades predominantes eram a indústria, a pesca, os transportes e o comércio, ligadas todas elas às conservas.

A guerra e as epidemias, com especial atenção a pneumónica, deixaram ao abandono crianças e idosos. Tendo em conta que na cidade de Setúbal, o abandono de crianças era uma prática comum, crianças não desejadas pelos progenitores desde o momento da conceção ou na altura do parto, mal tratados pelos próprios pais e familiares e pela morte de um ou dos dois progenitores, devido à miséria que se fazia sentir na altura, eram largados na “roda da igreja” e então encaminhados para os orfanatos.

Guilhotina tipográfica

Ferro fundido

E. Ravasse

Paris

1912

Funções: Para corte de papel e acabamento de obra já impressa



Orfanato Municipal
Presidente Sidónio Pais



Alunos Fundadores – 1919

Tendo em conta que na cidade de Setúbal, o abandono de crianças era uma prática comum, crianças não desejadas pelos progenitores desde o momento da concepção ou na altura do parto, mal tratados pelos próprios pais e familiares e pela morte de um ou dos dois progenitores, devido à miséria que se fazia sentir na altura, eram largados na “roda da igreja” e então encaminhados para os orfanatos.

O orfanato foi inaugurado a 18 de maio de 1919, como o objetivo de colmatar as deficiências de carência e dar melhores condições de vida aos seus habitantes, nomeadamente aos meninos órfãos devido também à febre pneumónica que assolou o país na primeira década do séc. XX. Passou a ocupar o edifício do séc. XVIII, antigo Recolhimento da Soledade (Confraria espanhola), inaugurado cerca de 1750.



1ª Banda inaugurada em 1931

Cavaletes tipográficos

Madeira

Funções: Arrumação de tipos de letras.

O orfanato passou a ocupar o edifício do séc. XVIII, antigo Recolhimento da Soledade (Confraria espanhola), inaugurado cerca de 1750 e atual Posto de Turismo da Região de Setúbal, espaço destinado também à promoção cultural, com o nome de Casa da Baía.



Fachada da Casa da Baía



Uma breve análise

Pode-se referir três grandes jornais da época que escreveram sobre e mencionaram o tema do Orfanato Municipal Presidente Sidónio Pais, referindo conseqüentemente a sua abertura e suas conseqüências.

O jornal “O Distrito de Setúbal”, o jornal “O Setubalense” e o jornal “A Mocidade”.



Uma breve análise efetuada a registos efetuados no ano de 1947, verificou-se que somente a partir de março deste ano, os alunos começaram a receber o seu próprio ordenado, pelos trabalhos que realizavam. Durante a estadia no orfanato os alunos usufruíram sempre de um ambiente familiar, alimentação, regras de higiene, vestuário e formação, que ditou o suporte para a vida no exterior da casa.

O número de internados não variava, encontrava-se na média dos sessenta rapazes, mas há que reparar que em comparação com todos os anos, desde a fundação, em 1919, o número de rapazes aumentou no ano de 1947, subiu de quarenta e um para sessenta e nove internados.

No ano de 1947 entraram para o orfanato dezoito rapazes, cujo último adquiriu o número sessenta e nove, o Senhor António dos Santos e saíram onze rapazes. Pode-se observar as despesas dos mesmos aquando da sua saída, assim como a profissão que cada um levava, desde serralheiro, carpinteiro, canalizador, tipógrafo, entre outras profissões.

Máquina tipográfica de impressão manual a pedal

Ferro fundido

Marca Anteca

1920

Funções: Impressão de trabalhos tipográficos.

Existia uma lista de espera para se entrar no orfanato, em vinte e um penderes, dezasseis entraram, os restantes entraram em anos anteriores.

Todas as despesas e receitas eram contabilizadas e discriminadas ao rigor.

Nas receitas eram colocados os dinheiros recebidos da Câmara, de donativos e subsídios, dos trabalhos executados pela tipografia, sapataria e encadernação, dos devedores e credores, da secção agrícola, assim como também dos salários dos internados. Em relação às despesas eram colocadas tudo que se consumia dentro do orfanato, desde a alimentação, ao vestuário, calçado, combustível, obras, materiais das oficinas, entre outras mais despesas indispensáveis ao bom funcionamento do orfanato.

Como havia a necessidade de reunir todo o espólio disperso pelo orfanato, em 1977 a comissão dos ex-alunos do Orfanato reconstruíram o Centro de Convívio. Mais concretamente a 18 de maio de 1995 (1919-1995) fazia 75 anos da cerimónia de inauguração do Orfanato Municipal “Presidente Sidónio Pais” e os ex-alunos do orfanato decidiram organizar uma exposição na sala museu do centro de convívio e onde ficaram representados os quatro ofícios que foram da escola do orfanato, onde reuniram peças, utensílios e máquinas referentes aos quatro ofícios que foram desempenhados na escola do orfanato.

Cinco gerações de alunos passaram pelas instalações do orfanato municipal e desde o seu encerramento, todos os anos, no dia 18 de maio ou no domingo a seguir, os ex-alunos ainda vivos, reúnem-se para festejar a abertura da instituição que outrora os acolheu.





As Oficinas e a Tipografia

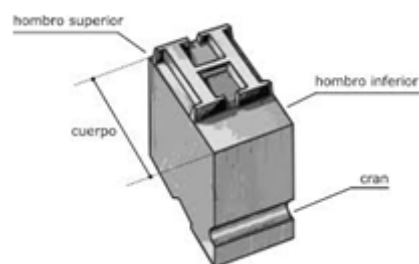
A descoberta da imprensa foi muito importante para a história da humanidade e com o aparecimento dos computadores o uso da tipografia ficou a ser um dos instrumentos base e essencial para os designers que trabalham hoje em dia com texto e imagem.

A 28 de novembro de 1933, deu-se a compra da tipografia, pela quantia de catorze e contos e quinhentos. Um sonho há muito desejado, a compra foi efetuada pela Câmara Municipal e pela mão do senhor Eduardo Augusto Correia. A inauguração aconteceu no dia vinte e cinco de dezembro, dia de Natal de 1933.



As máquinas tipográficas são praticamente todas de origem alemã.

Gutenberg (mestre ourives) foi quem inventou os primeiros tipos, feitos peça por peça, através do processo de fabricação de caracteres de metal (liga de chumbo, estanho e antimónio), primeiramente gravados em blocos de madeira.



Os vários tipos são guardados em caixas tipográficas (tipo de móvel) e depois colocados num componedor e em prensas mecânicas para a impressão de textos.

Máquina de Impressão a pedal com marginação manual

Ferro fundido

Colundian n.º2, C& M

Alemanha

1915

Funções: Imprimir as formas tipográficas.

Máquina tipográfica de impressão manual

Ferro fundido

Alemanha - Leipzig

1900

Funções: Cortar entrelinhas em chumbo.



Catálogo

Máquina de Encadernação

Ferro fundido

Fábrica Karl Krause

Alemanha

1924

Função: Depois dos livros cozidos, esta máquina tem a função de fazer as lombadas.





Máquina de Encadernação

Ferro fundido

Fábrica Karl Krause

Alemanha

1920

Função: Picotar e vincar o papel.



Máquina de Encadernação a linha

Ferro fundido

A.Gutberlet & C.^a

Leipzig - Alemanha

1929

Função: Após a dobragem dos cadernos, para a execução de um livro esta máquina tem a função de juntar caderno por caderno pelo sistema de coser, ficando assim o livro pronto a ser encadernado.



Máquina tipográfica de cantear

Ferro fundido

Manuel Reis Morais e Irmão

Porto

1930

Função: Fazer os cantos redondos das obras impressas.

Máquina de impressão manual de braço

Desconhecido

Alemanha

1910;

Funções: Impressão de pequenos trabalhos tipográficos, tipo cartões-de-visita, envelope, entre outros.



Aspirador Tipográfico

Ferro fundido

Alemanha

Anos 40

Função: Aspirar o pó acumulado nas caixas de tipos.

Máquina tipográfica manual de coser a arame

Ferro fundido

Herfurth & Heyden M. B. H.

Leipzig - Alemanha

1924

Função: Coser a arame / agrafar pequenas brochuras.





Máquina tipográfica de impressão manual com adaptação a corrente elétrica, com motor

Ferro fundido

Desconhecido

1930

Funções: Impressão de trabalhos tipográficos.



Máquina de furar e cantear

Ferro fundido;

Mulinak

Alemanha

1950

Função: Furar e cantear.



Rolos usados nas máquinas de impressão a pedal



Acessórios tipográficos - Anos 30



Picadeira Tipográfica

Ferro fundido

Emil Kahle

Alemanha - Leipzig - Reudnitz

1912

Funções: Picotar e vincar o papel.



Máquina tipográfica de impressão manual a pedal

Ferro fundido

Estados Unidos da América

1880

Funções: Impressão de trabalhos tipográficos.



Computador tipográfico

Ferro fundido

Estados Unidos da América

Anos 60

Função: Fazer a composição dos trabalhos tipográficos através de um sistema de película fotográfica e depois completar os trabalhos em offset.

